

APARECIDO JOSÉ CARLOS NAZÁRIO

CRÔNICA, MEMÓRIA, IDENTIDADE: MATÉRIAS--PRIMAS
DA REFLEXÃO SOCIAL EM **QUARTO DE DESPEJO** DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

Relatório de Pós-doutorado realizado na Universidade Estadual
Paulista (UNESP)
Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Linguística,
Literatura e Letras Clássicas
Cidade: Araraquara
Supervisor: Prof. Dr. Paulo César Andrade da Silva

Araraquara

2025

:

INTRODUÇÃO

Só os profetas enxergam o óbvio.

(Nelson Rodrigues)

Atentando-nos para a história da cidade de São Paulo em meados do século XX, deparamo-nos com aspectos que remetem à cultura no que diz respeito à produção teatral, literária, cinematográfica, entre outras manifestações artísticas que retratam a metrópole¹ em variadas facetas. Dramaturgos e intelectuais como Jorge Andrade, Abílio Pereira de Almeida, além de poetas que repensam a poesia e seus códigos estéticos estabelecidos desde o Modernismo não medem esforços para entender as transformações sofridas na cidade. Praças, museus e parques recém-inaugurados também configuram a nova fisionomia paulista, como é o caso do Parque do Ibirapuera, construído para perpetuar a harmonia e propagar a beleza de São Paulo ao mesmo tempo que perpetua a imagem do bandeirante com a finalidade de manter laços tradicionais. No entanto, poucos se atém ao lado grotesco desta metrópole, mostrando a outra face vinculada ao grito dos marginalizados que clamam por socorro e visibilidade, almejando somente o amparo da sociedade. Sejam eles favelados, operários, pobres no último grau de miserabilidade ou negros que perderam a esperança de se igualar socialmente, o clamor desses segmentos parece inaudível diante de uma elite que só permite a reivindicação dos direitos que não denigrem a sua imagem de autoridade e possibilitam a manutenção da tradição na qual se respaldam para exercer seus “podres poderes²”.

¹ As reflexões sobre as transformações culturais ocorridas na cidade de São Paulo em meados do século XX podem ser conferidas no livro **Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX** (cf. Bibliografia). Nesta obra, a socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda atribui ao dramaturgo Jorge Andrade e ao peso de sua dramaturgia, ao sociólogo Florestan Fernandes com sua sociologia inovadora e aos poetas concretos que surgiram naquele momento ampliando as ideias transmitidas no Modernismo, as modificações culturais e artísticas da metrópole paulista. Confere também à criação de museus e parques, como por exemplo o Parque do Ibirapuera, a nova fisionomia da cidade, propiciando uma linguagem renovada e uma leitura do espaço físico mais condizente com os valores implantados nesse centro mercantil.

² Referência à música *Podres poderes* de Caetano Veloso do álbum “Velô” de 1984.

Nesse contexto, merece destaque a obra de Carolina Maria de Jesus, escritora negra e comprometida com a pobreza em toda a sua extensão. Diferente dos escritores que enaltecem as elites e enobrecem os espaços paulistas com seus parques e arranha-céus, ela retrata o lado mais carente da população, ou seja, os favelados que residem em situações precárias e que, conformados ou inconformados com o destino que lhes foi traçado, expõem um pouco da dor que os acompanha. Tendo como fio condutor um espírito de indignação que se manifesta através de insistentes anotações em papéis retirados do lixo, nasce **Quarto de despejo**: diário de uma favelada³, obra de grande sucesso e prestígio no cenário literário da década de sessenta que alavancou temporariamente a carreira da autora inspirando outros textos que seguiram a mesma linha de construção (**Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada, **Diário de Bitita** e **Meu estranho diário**) abrindo caminho para produções de outros gêneros (escritos como **Provérbios**, romances como **Pedaços da fome**, contos como **Onde estaes felicidade?** e poemas como **Antologia pessoal**, sendo as duas últimas produções publicadas⁴ postumamente por estudiosos de sua inquietante escrita).

Em relação a **Quarto de despejo**, numa primeira leitura nota-se a descrição de fatos dolorosos que identificam a resistência de uma mulher negra que procura registrar a outra face de uma grande metrópole que desconsidera seus pobres e os despeja nas favelas, deixando entrever, com isso, que o resíduo imprestável deve ser descartado com seus semelhantes, negando-lhes condições de reciclagem ou qualquer outro tipo de transformação. É com grande dor que Carolina Maria de Jesus relata diariamente a vida miserável a que foi submetida ao avaliar sua existência. Seu drama não é diferente de tantos desprovidos social e economicamente que residem em São

³ Como sabemos, o livro foi publicado devido a intervenção do jornalista Audálio Dantas, o qual descobriu os escritos da autora através de uma reportagem cuja incumbência era falar sobre a favela. Em meio a uma discussão com vizinhos, em que ela ameaça colocar os vizinhos no livro que almejava há muito tempo publicar, ele conhece Carolina e descobre sua produção registrada em papéis extraídos do lixo. Impressionado com a originalidade dos escritos e a consciência social da autora ao relatar sua realidade, Audálio Dantas percebe a necessidade da publicação do diário, fazendo pequenas intervenções textuais sem contudo alterar sua essência. Publicado em 1960, **Quarto de despejo** atinge uma alta vendagem, sendo traduzido para vários idiomas, adaptado para o teatro sob a direção de Amir Haddad e tendo como intérprete a atriz Ruth de Souza. Esses desdobramentos proporcionaram a Carolina sucesso parcial financeiro e de crítica.

⁴ **Onde estaes felicidade?** foi publicado em 2014 pelas pesquisadoras Rafaella Andréa Fernandez e Dinha sendo acompanhado de sete ensaios que retratavam a produção de Carolina Maria de Jesus em variados aspectos. Foi publicado também na mesma edição o texto **Favela**, o qual relata o despejo dos moradores da favela e o consequente desespero pelo fato de estes se encontrarem desabrigados, procurando na intervenção de políticos a solução para o problema. **Antologia pessoal** refere-se a um conjunto de poemas organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy com prefácio de Marisa Lajolo publicado em 1996.

Paulo em péssimas condições morais, de saúde, higiene e moradia mas somente ela, naquele momento, teve coragem de utilizar a arma que estava em suas mãos para denunciar sua má sorte: a literatura. A escrita, cumprindo uma função libertadora, seria capaz de estancar um pouco o choro daquela mulher que não encontrava paz em torno das necessidades pelas quais passava, a fome que a perseguia, as brigas costumeiras entre os vizinhos e o desacreditar das promessas feitas por políticos que almejavam votos nas eleições. Mesmo após a publicação de seu diário, que rendeu a ela certo prestígio e independência financeira, sua voz não se cala devido ao fato de não conseguir estabilidade suficiente para se manter até o fim de seus dias, recorrendo assim a outras queixas que fizeram parte de diários posteriores que não obtiveram o mesmo sucesso financeiro, de crítica e de público⁵.

Sendo assim, seu livro inicial é o marco de toda uma trajetória que se caracteriza por delações que, muitas vezes, a contragosto da crítica especializada, apresentam qualidades literárias e reflexivas ao revelarem a identidade de uma mulher que soube lutar contra as regras propostas por uma sociedade racista e preconceituosa. Nesse caso, o desabafo de Carolina traz implicações no presente que denunciam acontecimentos aparentemente corriqueiros que remetem a uma crítica social fundamentada na realidade experienciada pela escritora. Também retratam certas marcas do passado que envolvem reminiscências e lembranças dolorosas que fazem o leitor pensar acerca de um período da história paulista que subjugou seus miseráveis vitimizando-os ainda mais após a escravidão. O diário em si é um misto entre crônica e memória, já que a autora transita entre o passado e o presente, buscando reconhecer em cada temporalidade um pouco dos acontecimentos que a marcaram e a fizeram rever seus valores mediante o conflito de se posicionar enquanto mulher, negra, pobre, favelada, catadora de papel e escritora.

⁵ As obras **Casa de Alvenaria**: diário de uma ex-favelada e **Diário de Bitita** não obtiveram o mesmo êxito de crítica e de público desfrutado pelo livro pioneiro. Carolina relata no primeiro diário sua permanência na favela do Canindé preparando-se para o lançamento de sua obra, como também o prestígio que obteve após o lançamento participando de entrevistas, jantares, encontros com celebridades e decepções que experimentou no outro lado da favela, inclusive com a atriz Ruth de Souza que a teria ignorado em certa ocasião. No segundo diário, ela recupera lembranças da infância em Sacramento, sua cidade natal, revelando a trajetória na escola já marcada pelo racismo, as experiências com o avô que muito lhe ensinou (apelidado de Sócrates negro), sua saída da conturbada da localidade e a vida turbulenta na cidade de São Paulo onde chegou a trabalhar como enfermeira e empregada doméstica. Essas experiências levaram-na a se transformar na adulta voraz pela leitura. Devido a esse fracasso na continuidade das publicações, cada vez mais desiludida com o mundo das salas de visita a escritora se retirou desse cenário e terminou seus dias num sítio em Parelheiros, interior de São Paulo, morrendo pobre e esquecida.

A obra de Carolina Maria de Jesus tem sido objeto de estudo há várias décadas. No entanto, acreditamos que a retomada de alguns elementos presentes no primeiro diário seja relevante, pois a partir da exploração de certos recursos desencadeados pela crônica e pela memória podemos melhor avaliar a reflexão social resultante da introspecção. Mesmo sem ser uma cronista ou afirmar-se enquanto memorialista, Carolina reflete socialmente a respeito de sua condição de “despejada” num “quarto” esquecido pela sociedade, questionando o meio onde vive, denunciando a violência interior a que foi submetida, revelando suas angústias e dores, trazendo à tona experiências dolorosas do cotidiano, dando voz a confissões internas que têm respaldo nas reminiscências e que são reconstituídas no ato da escrita sem pudor ou qualquer tipo de constrangimento. Nessa revisão de si mesma ela não dá margem ao esquecimento, como se a escrita fosse sua única válvula de escape para compreender o espaço que está ao seu redor, bem como as armadilhas sociais que foram preparadas para ela com o intuito de imobilizar sua capacidade de ascensão.

Além desse processo de introspecção, percebe-se por intermédio da escrita que Carolina Maria de Jesus não pratica apenas uma sondagem interior que remete a sua condição de desajuste social mas, lançando mão de uma forte conscientização, coloca em evidência as agruras da permanência na favela ao ressaltar a violência do meio bem perceptível, por exemplo, nos embates com a polícia. Enfatiza também a falta de higiene a que os moradores da favela são relegados, o destino dos internos da FEBEM que a fazia refletir sobre a possibilidade de internação de seus filhos como alternativa para fugirem da criminalidade, além das críticas ao trabalho da assistência social, instituição que aos olhos da autora não prestava os devidos cuidados aos favelados mesmo nas situações mais urgentes. Embora especialistas da área argumentem que na época em que o diário foi produzido o serviço social ainda era muito incipiente, Carolina não poupa críticas ao órgão governamental, alegando que este não se prestava a resolver os problemas mais básicos que afetavam a dignidade de pessoas tão carentes. Através desse olhar, situando-se no presente, tal qual um cronista que privilegia aspectos pontuais do cotidiano, ela deixa também registradas suas memórias e crava sua identidade enquanto mulher que requer seus direitos, embora não vislumbre um futuro tão promissor que ofereça a ela oportunidades fora desse espaço opressor.

Acerca dessa relação de Carolina Maria de Jesus com a crônica, Audálio Dantas fala em entrevista concedida a Elaine da Conceição Silva, autora da tese *A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus*⁶ (P. 36), sobre a importância da escritora enquanto observadora de seu meio. Ao se referir à escritora, Eliane Silva aponta que o jornalista discorre sobre “a força de seu relato, afirmando que Carolina é capaz de “ver além da lama do terreiro”. Na entrevista, Audálio ressalta ainda que “seus textos são uma verdadeira biografia da favela”. Finalizando, Elaine Silva conclui a abordagem ao enfatizar que “o tempo todo o autor tece comparações jornalísticas com os escritos de Carolina Maria de Jesus, apresentando-os como crônicas do dia-a-dia da favela.” Tendo em mente essa concepção, ela se configura um pouco como cronista e memorialista de seu tempo, além de se constituir como construtora de sua identidade, porta-voz de uma experiência autêntica que somente ela poderia expressar devido a sua permanência nesse espaço insalubre.

No que diz respeito aos elementos referentes à crônica⁷ é notório no texto de Carolina Maria de Jesus que estes abrem caminhos que suscitam efeitos mnemônicos na escrita através de relatos que priorizam as recordações, revelando uma certa identidade interior que promove a reflexão social acerca da condição de vida na favela do Canindé. Sendo assim, percorrendo as possibilidades oferecidas pela crônica em variadas nuances e explorando os recursos que o gênero possa oferecer, detectamos

⁶ Tese apresentada ao Departamento de Ciências sociais da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Campus de Araraquara em 2016. Nesse trabalho, a autora discorre sobre a violência registrada por Carolina Maria de Jesus em seis obras: **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada, **Diário de Bitita**, **Pedaços da fome**, **Provérbios** e **Antologia pessoal**.

⁷ No tocante à crônica, é importante ressaltar que a entendemos como um gênero que originalmente foi criado para entreter os leitores dos jornais assim como o folhetim. Com o tempo, como veremos nos estudos posteriores, ela se transforma através da utilização de variados recursos devido ao trabalho de autores que a empregam com o intuito de aprofundar suas críticas à sociedade ou a certos questionamentos. A princípio vinculada ao humor, percebe-se, posteriormente, que existem estreitas relações entre crônica, memória, ficção e história, atribuindo-se ao gênero qualidades ainda não identificadas no início do percurso. Apesar de valer-se do tempo presente, no decorrer da literatura é visível possíveis analogias da crônica com a memorialística, uma vez que alguns cronistas se nutrem de lembranças para enriquecer seus textos sem que com isso percam o caráter de crônica. O fato curioso é que a crônica se utiliza, geralmente, do presente para tecer comentários e criticar um certo período, podendo também se valer do passado para trazer à tona lembranças e reminiscências entranhadas no interior do ser que as evoca. Nesse caso, o trabalho com a memória centra-se, via de regra, no passado, mesmo estando o observador estacionado no presente. Sendo assim, as crônicas podem ser analisadas isoladamente, ao passo que as memórias geralmente são consideradas no conjunto da obra, não impedindo, no entanto, que fragmentos específicos possam ser extraídos para que comentários específicos sejam tecidos. No caso do diário de Carolina Maria de Jesus, chama a atenção a força que os comentários da autora revelam isoladamente num tempo presente que remete ao cotidiano, com alto teor de subjetividade (funcionando como crônicas) como também a leitura que podemos fazer deles isoladamente em alguns trechos ou avaliando o conjunto da obra, pois após a publicação podem ser vistos como memórias que marcam um longo período (1955, 1958, 1959 e 1960).

na escrita a força da memória no processo de busca e questionamento de um passado conturbado que, aparentemente, não aponta para um futuro acolhedor. Nesses termos, lendo o restante da obra, sendo grande parte dela voltada para as recordações, podemos melhor entender as críticas da escritora em relação a seu cotidiano e à violência interior e exterior a que foi submetida.

Prosseguindo a leitura do diário com demasiado interesse, não pudemos descartar ainda a visão de mundo registrada por Carolina Maria de Jesus, uma vez que as reflexões suscitadas demonstram certa inquietação com a realidade da favela. Num primeiro momento, o leitor é levado a adentrar à obra como um diário qualquer, buscando na repetição e marcas de anotações temporais sugeridas pelo gênero a compreensão da vida daquela mulher que relata diariamente experiências aparentemente muito parecidas. No entanto, dispensando mais atenção à leitura, percebemos o apelo de uma mulher que clama por justiça, apresentando seu cotidiano comprometido com a miséria. Quase como uma narradora de seus feitos, ela registra nas páginas do diário um cotidiano triste, revelando-nos um pouco de suas impressões num processo às vezes mnemônico que resgata experiências traumáticas que constituíram a personalidade atual, colocando-se como testemunha de fatos que põem em evidência os aspectos mais significativos de sua vida. A narradora Carolina, se assim podemos chamá-la, é portadora de experiências que apuram seu olhar à medida que define minuciosamente o espaço do Canindé, olhando para os vizinhos e para si mesma com reservas e desconfianças. Nesse sentido, nada passa a ela despercebido e uma certa leitura do cotidiano pode ser verificada.

O recorrente pessimismo que se instaurou por intermédio da visão de mundo da escritora adquire contornos ainda maiores quando ela chega à conclusão de que seu cotidiano não será modificado devido ao destino que a selou. Vimos nesses relatos contundentes que a favela constitui-se na marca do morador que está fadado a anular seus sonhos, suas pretensões, colocando-se numa situação de descrédito diante da sociedade. Segundo a autora, tal comportamento é imposto pelo meio e não determinado por uma escolha própria. Isso torna-se mais nítido quando ela discorre, por exemplo, sobre condições de higiene no lugar onde mora: (P. 42): “(...) Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela”.

Marcada pelas imposições sociais, ao registrar os momentos mais difíceis de sua vida Carolina Maria de Jesus dá voz às condições adversas que a impedem de ao menos almejar uma mudança. Relata amargamente as agruras de sua rotina procurando captar em cada instante aspectos significativos do presente para compor seu histórico de vida. A partir dessas premissas, o interesse nessa obra inaugural reside em verificar em que medida a autora lança mão dos recursos da crônica no mais amplo sentido, colocando-se como uma observadora arguta de seu tempo e de seu espaço, utilizando-se de anotações que em certa escala promovem a descrição da história de si mesma e de São Paulo. Nesse aspecto, não atribuímos à crônica apenas o caráter de descontração que normalmente a ela é atribuído no meio jornalístico mas a avaliamos como uma série de procedimentos que remetem à reflexão e ao aprofundamento de análises externas e internas que possibilitam o reconhecimento de uma época e das pessoas que integram determinado espaço. Além disso, após a análise cuidadosa de um tempo presente marcado por acontecimentos muitas vezes traumáticos, o diário de Carolina constitui-se em um vasto depósito de lembranças e reminiscências que, remetendo ao passado, revelam experiências da autora em oposição a seu presente. Não sugerimos, com isso, um lado memorialista de Carolina Maria de Jesus, mas sim a capacidade de com suas críticas transpor passado e presente a ponto de registrar um pouco de sua “autobiografia”, fazendo com que o leitor encontre em seus escritos o presente vivo da descrição do momento entrelaçado com o resultado vivo da finalização de suas reflexões num passado recente. Temos então no diário um precioso acervo de recordações que promovem a identidade da autora num rico universo discursivo.

Tendo em vista a questão da identidade que se esboça em suas crônicas e recordações, esta somente se consolida a partir da consciência que a autora demonstra ter da história de seu país e da trajetória que a define. Ela se mostra consciente da condição do negro e das dificuldades que travaram seu desenvolvimento desde o processo de escravidão até os dias atuais. Muito mais que isso, sabe que os autores negros que a precederam enfrentaram as diferenças impostas pelo preconceito, sendo relegados muitas vezes ao esquecimento. Sabe também que, em certa medida, é herdeira de autores como Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Cruz e Sousa, entre outros, e que o ato de resistência destes fortaleceu demais autores negros que souberam reivindicar seus direitos devido à luta desses desbravadores. Sua atividade

enquanto escritora é fruto da memória desses pioneiros que a inspiraram para a construção de uma nova identidade cujo objetivo é a reflexão social agora pautada em temas redesenhados como o racismo, o preconceito e um certo “pacto da branquitude”⁸ que reitera cada vez mais o poder das elites.

Com esse trabalho de rememoração, Carolina Maria de Jesus também acena para o futuro, abrindo caminhos para autores como Conceição Evaristo que, em seus “becos da memória”, descreve as agruras de vidas miseráveis marcadas pelo desalento. Num certo sentido, Carolina Maria de Jesus também transita por esses becos na condição de despejada e se vale de seu drama interior para se lançar como porta-voz de autores que futuramente fariam da favela um cenário de reflexão social, como por exemplo Paulo Lins em **Cidade de Deus** e Ferrez em **Capão pecado**.

Tendo em vista essas considerações, nosso recorte propõe a divisão desse trabalho em três partes:

Num primeiro momento, teceremos algumas considerações sobre o conceito de crônica tendo em vista sua abrangência e amplitude, verificando a transformação do gênero através da obra de autores significativos como João do Rio, Mário de Andrade e Alcântara Machado à luz de estudos de pesquisadores que se debruçaram na compreensão da crônica propondo leituras de variados ângulos. Na sequência, discutiremos o livro **Quarto de despejo** a partir da seleção de fragmentos que consideramos relevantes que destacam o caráter de crônica avaliado nas análises dos pesquisadores. Procuraremos enfatizar a pertinência do gênero nos escritos carolinianos a fim de entender suas reflexões num presente e num cotidiano marcados pela permanência da autora nesse espaço físico que modifica a vida de seus habitantes, propiciando dissabores que definem o destino de toda uma classe social caracterizada pela “marginalidade”.

Na segunda parte chamaremos a atenção para questões relacionadas à memória que perpassam o diário e se constituem em marcas registradas na escrita de Carolina Maria de Jesus. Torna-se imprescindível nessa abordagem um estudo mais aprofundado sobre diários, bem como sobre a autobiografia, já que os conceitos referentes a estas produções são imprescindíveis para a compreensão de aspectos

⁸ Referência à obra da socióloga Cida Bento (cf. Bibliografia) que servirá de inspiração para a discussão da questão da identidade na terceira parte deste trabalho.

pertinentes ao passado, desencadeando lembranças registradas pela memória. Tendo em vista que a escrita de diários como os de Anne Franke, Virginia Woolf (que exploram um universo traumático provocado pela dor ou desbravam o universo feminino sondando seus lugares mais escondidos) ou Franz Kafka (que relata suas experiências com profunda introspecção), entre outros, foram fundamentais na literatura, pretendemos encontrar nesses conteúdos mais elementos para analisar o diário de Carolina Maria de Jesus e compreender seus procedimentos, priorizando passagens relevantes para a dimensão de seus relatos. Nessa avaliação, dispensaremos, em parte, a análise de fragmentos separados, lançando nosso olhar sobre a quase totalidade da obra, considerando-a como reflexões que caracterizam um passado marcado por lembranças conturbadas e até mesmo traumáticas.

A terceira parte destina-se à discussão da identidade que pode ser averiguada através da visão de mundo de Carolina Maria de Jesus, avaliando sua conscientização através da negritude e do racismo estrutural que já se desenhava naquele instante. A autora é extremamente consciente de que a senzala do passado se relaciona com a favela contemporânea. Por intermédio de suas memórias e da visão de seu cotidiano, o diário se destaca ainda na atualidade por um viés de dupla leitura: 1) num momento em que os questionamentos sobre inclusão e exclusão, intolerância racial e racismo estrutural se mostram cada vez mais produtivos, achando reverberação na denúncia encabeçada pela escritora há cerca de sessenta anos. Nesse aspecto, um espaço de discussão consistente é a literatura contemporânea, dando voz a excluídos ao explorar a realidade devastadora que caracteriza o ambiente habitado por personagens marginalizados. Sendo assim, discutir uma autora como Carolina Maria de Jesus ainda é tarefa que necessita fôlego a fim de ser executada com consciência crítica e instrumentais adequados para sua realização. A obra como um todo não expirou após publicação mas ainda ganha força haja vista que as favelas se multiplicaram demasiadamente desde a época em que Carolina produziu seu texto e as questões sociais continuam ainda clamando por reparos governamentais que possam ao menos sanar a situação dos excluídos. Desta forma, retomando a discussão acerca dos autores contemporâneos, consiste em projetar o futuro, uma vez que escritores como Conceição Evaristo (especialmente em **Olhos d'água**, **Becos da memória** e **Ponciá Vicêncio**) afloram a reflexão estabelecendo um produtivo diálogo entre textos, já que Carolina de Jesus, muitas vezes, apresenta ao leitor os “becos da memória” por onde

passou na favela do Canindé, sobre os quais resolveu escrever em forma de anotações no significativo diário, abordando também, com apurada consciência social, a extensão da escravidão do mundo contemporâneo.

Ao mesmo tempo que dialoga com autores contemporâneos, a discussão se estende a um passado bastante remoto, 2) uma vez que recupera a reflexão acerca da trajetória do negro e dos pobres na literatura brasileira, fazendo coro com as propostas, por exemplo, de Lima Barreto ao questionar a situação das minorias em seus contos e romances, tendo por exemplo em um Isaías Caminha uma amostra de que já naquela época pobres e negros eram “despejados” em “quartos desprezíveis” que serviam de modelo para as justificativas de desigualdade social proclamada pelas elites. Também no diário íntimo do autor encontramos anotações que remetem a uma ruína interior que determinou o sofrimento diante de situações de desprestígio e isolamento social. Lançando o olhar para tempos ainda mais remotos, romances como *Úrsula* de Maria Firmino dos Reis, bem como o conto *A escrava* da mesma autora, hoje avaliados com apreço pela crítica, já propunham no Romantismo uma abordagem acerca desses questionamentos, colocando na boca de personagens escravos um discurso de apelo à liberdade e à conscientização em relação à opressão sofrida nas senzalas que, antigamente, poderiam ser caracterizados como “quartos de despejo”. Nessa medida, a passagem por esses três autores parece-nos produtiva para as questões aqui esboçadas na compreensão desse universo tão pobre e requintado estilisticamente ao mesmo tempo.

Considerando essas premissas, a identidade de Carolina Maria de Jesus é devedora a esses autores que a precederam no intuito de conferir conscientização mesmo que parcial à condição do negro, fornecendo à autora ferramentas que a preparariam para discutir seus problemas na contemporaneidade. Mediante a essas questões, interessamos discutir no que diz respeito à identidade sua condição de mulher (a discriminação à qual as mulheres estão submetidas por questões de gênero), favelada, pobre e catadora de papel (questão social atrelada à inferioridade), negra (questões raciais que desencadeiam a exclusão e a ascensão das elites) e escritora (pertencente a um grupo excluído que não encontra igualdade entre aqueles que foram consagrados pelo cânone literário e não podem partilhar do mesmo espaço dos “medalhões”). Terminaremos as reflexões com considerações finais em que procuraremos amarrar os conteúdos propostos.

PRIMEIRA PARTE: A CRÔNICA DE CAROLINA – FRAGMENTOS DA VIDA EM PEQUENAS REFLEXÕES

(Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro. Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro).

(Belchior, *Sujeito de sorte*)

1.1. Considerações sobre a crônica, sua abrangência e contextualização

Ao analisarmos a trajetória da crônica na literatura brasileira, verificamos que desde as primeiras produções nos jornais de séculos passados ela era vista como uma produção menor e sua dimensão não impunha respeito, sendo considerada escrita de segunda mão que não poderia em hipótese alguma disputar com o conto ou produções maiores no quesito qualidade literária. No entanto, os estudos demonstraram através dos tempos que este gênero literário, muito mais que uma pincelada de um fato num jornal diário, produz uma análise do cotidiano que extrapola a simples observação, suscitando questionamentos acerca de uma realidade que muitas vezes pode ser melhor delineada através do olhar atento do cronista. O livro **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, resultado da pesquisa de estudiosos que editaram seus textos no setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, mostra isso através de temáticas e associações relevantes que apresentam o gênero em nuances diferenciadas, tendo em vista que além de um registro do cotidiano pode existir também na crônica o compromisso com a documentação de uma época, revelando na produção textual, em casos muito particulares, certa semelhança com a fotografia e outras artes ao reproduzir as características de um determinado período. Além disso, os textos de autores como Manuel Bandeira, Rubem Braga, Nelson Rodrigues e tantos outros cronistas excepcionais certificam a relevância do gênero no que concerne a variados parentescos artísticos assinalados nas pesquisas.

No prefácio *A vida ao rés do chão* escrito para o referido livro, Antonio Candido apresenta as características do gênero chamando a atenção para a sua especificidade, alegando que a crônica se mantém independentemente com qualidades singulares que não

a inferiorizam em relação a gêneros consagrados pela crítica literária como o conto e o romance. Chama particularmente a atenção para a capacidade da crônica de captar, a partir de coisas e experiências miúdas, aspectos grandiosos que propiciam sérias reflexões apesar do pouco uso de adjetivos e recursos linguísticos bem presentes em outros gêneros. Segundo o autor (CANDIDO, 1992, p.14),

(...) Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de estabelecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma superioridade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas. E também nas suas formas mais fantásticas — sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Tendo em vista as premissas estabelecidas pelo crítico, os textos publicados no livro procuram apresentar argumentos que justifiquem a contribuição da crônica no cenário literário, revelando facetas que demonstram a relevância desses escritos, seja no que diz respeito a fatos históricos que são mais aclarados pelos comentários, seja na construção de uma época que deixa no tempo marcas indelévels. A partir da fixação do gênero no Brasil, foi inevitável o processo de transformação que o consagrou a partir da leitura de autores que o adaptaram à realidade e ao contexto que lhes interessava expor. Além do lirismo que se tornou marca dos cronistas mais expressivos, como é o caso de um Rubem Braga, elementos narrativos também podem ser detectados, conferindo ao texto, por exemplo, as características de um conto, devendo ser respeitadas as especificidades de cada produção. Além disso, o caráter de reflexão na crônica, em oposição ao tom puramente corriqueiro e brejeiro que se presta somente à distração, é valorizado por intermédio do rigor empregado na elaboração de alguns textos que surpreendem em razão da exímia construção de seus idealizadores. Por esse motivo, selecionamos alguns textos de pesquisadores que contribuíram para a discussão da temática especialmente na passagem do século XIX para o século XX, elegendo, na maioria das vezes, a cidade do Rio de Janeiro como objeto de reflexão.

Margarida de Souza Neves, pesquisadora que se dedica ao estudo da crônica e suas implicações na cultura brasileira, em seu ensaio *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*, expõe a razão básica que motiva a produção desse

tipo de texto: (NEVES, 1992, 76) (...) “o objeto da crônica, sua matéria-prima, é o cotidiano construído pelo cronista através da seleção que o leva a registrar alguns aspectos e eventos e abandonar outros”. Mais adiante, tomando como referência acontecimentos recentes do Rio de Janeiro, a pesquisadora afirma que as crônicas funcionam como documentos de uma época podendo ser entendidos como tais em variadas acepções. Na concepção da estudiosa no subtópico *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*, a partir de uma citação que expõe a visão de Machado de Assis sobre a cidade e suas transformações, estabelece-se a relação entre ficção e história, particularizando o gênero e atribuindo a ele qualidades que definem a cidade ampliando seus significados. (P. 76),

De uma forma muito particular as crônicas recolocam a seus leitores a relação entre ficção e história. No caso específico das crônicas cariocas, produzidas na passagem do século XIX ao século XX, é possível uma leitura que se considere “ocultamente” na medida em que se constitui em como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “campo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documentos”, portanto, porque se apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documentos”, nesse sentido, porque imagem da nova ordem. “Documentos”, finalmente, porque “monumentos” de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico da passagem do século no Rio de Janeiro uma conotação de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de “processo.

Esse caráter documental assinalado pela pesquisadora é responsável pelo registro de um tempo que caracteriza as cidades, deixando transparecer questões sociais que definem uma época e propiciam sua reflexão. Um texto aparentemente ingênuo pode ocultar muito mais revelações acerca de um período que seu leitor pode imaginar analisando-o com olhos críticos e prontos a desvendar suas verdades temporais. Seguindo essa linha de raciocínio documental, a autora propõe no subtópico *Crônica, memória e história* (P, 82) a ampliação dessa discussão no que diz respeito ao aspecto temporal que está atrelado às noções de história e memória:

A crônica, pela própria etimologia, ___ chronus/crônica, ___ é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na

virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que delas se ocupassemos historiadores.

Essa escrita do tempo é o fator preponderante que justifica a descrição de acontecimentos que criam raízes e se propagam na história. É notória a subjetividade do cronista que revela seus sentimentos e impressões a partir de coordenadas temporais que definem sua visão diante de situações que, embora corriqueiras, apresentam aspectos relevantes da visão de mundo do escritor. Essa narrativa, com todas as restrições que a ela possam ser aplicadas, por não se tratar de um conto, por exemplo, pode oferecer elementos de grande riqueza que iluminem o ponto de vista do narrador, fazendo com que este possa recriar o real com suas impressões e anotações, interpretando sua realidade trazendo à tona reflexões pessoais ou dramas coletivos que justifiquem a exposição dos fatos. Segundo Jorge de Sá apud Margarida de Souza Neves (P. 83): “A crônica torna-se, em vez de simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser de conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real”.

Nesse sentido, os fatos narrados representam muito mais que simples registros, uma vez que são documentos que se valem do tempo, da subjetividade, da interpretação dos acontecimentos, funcionando até mesmo como reminiscências que trazem à tona um passado que historicamente pode ser compreendido. Concluindo suas reflexões, a pesquisadora ressalta a importância da crônica aproximando-a da memorialística a partir da obra de um célebre historiador que se utilizou de acontecimentos cariocas para registrar suas impressões sobre a cidade (P. 85): “(...) “cabe lembrar a periodização da História do Brasil feita por Luís Edmundo no prólogo de seu *O Rio de Janeiro de meu tempo*, obra que por sua monumentalidade situa-se a meio caminho entre a crônica e a memorialística”. Veremos oportunamente, ainda neste tópico, um exemplo de crônica com características mnemônicas (embora desprovida da força memorialística imposta por autores como Pedro Nava, os quais carregam nas tintas todo o peso do passado em abordagens mais contundentes lançando mão de muitas páginas e parágrafos que

expressam sentimentos de dor, angústia ou simples reminiscências) a partir de um texto de Rubem Braga.

Dando prosseguimento aos estudos concernentes à transformação da crônica no Brasil, outra acepção ao gênero tem a ver com os estudos de Telê Porto Ancona Lopez, que se debruçou sobre as crônicas de Mário de Andrade. Em seu ensaio *A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam* Telê Ancona, apoiada inicialmente em Walter Benjamin com a proposta de refletir sobre essas produções pontuais do célebre modernista, apresenta uma função específica atribuída ao cronista dentro do texto muito bem estruturado de Mário de Andrade. Ele se preocupa com o presente e dele extrai suas reflexões mais urgentes para entender o cotidiano, selecionando desse material elementos instigantes que garantam verossimilhança a sua obra. Segundo Telê (LOPES, 1992, p. 165),

Walter Benjamin, em seu Discurso sobre a História trata da crônica do passado que tinha a função de historiar, de procurar transmitir com fidelidade um tempo que estava sendo vivido ou que se mostra em documentos ainda recentes. Benjamin coloca como marca essencial da crônica o presente, base para a observação e para o trabalho. Assim era a tarefa do cronista numa época em que não existiam jornais e cabia aos reis zelar pela memória dos acontecimentos importantes...

Nesse sentido, discorrer sobre o presente torna-se tarefa quase obrigatória dos cronistas, mesmo que o passado revele aspectos importantes que mereçam discussão. Para o cumprimento desse quesito, pensa-se no presente como um momento ou instante ímpar em que os fatos acontecem e merecem registro, a fim de que num futuro próximo possam ser lembrados e revisitados. Na sequência (P. 166), lançando mão de Drummond (devido à relevância que ele assume na literatura brasileira por se consagrar, sobretudo, como grande poeta), ela ressalta a importância da crônica na vida do escritor enquanto gênero que faz parte do cotidiano do leitor mais exigente, diferentemente do rótulo que era atribuído a esse tipo de produção por conta da preferência discriminatória dos círculos acadêmicos. Nota-se nas observações da pesquisadora o tom de conversa descontraída assumida pela crônica nos jornais de grande circulação que promoviam a interação com o leitor e o colocavam a par da visão de mundo do cronista e de seus sentimentos mais íntimos:

...Drummond nos parecia o derradeiro cronista. Agora, em um jornal como a Folha de S.Paulo, a crônica recebe página fixa e nobre e multiplicam-se os cronistas. A conclusão a que se chega é de que o leitor não só gosta como precisa de quem converse com ele, dizendo-lhe os sentimentos experimentados no dia-a-dia, frente aos fatos que todos conhecem de algum modo, ou frente às ocorrências da vida pessoal de quem escreve.

Caminhando em sua sequência argumentativa (Pp. 166, 167), Telê Ancona ressalta a importância da crônica no que se refere a sua etimologia, chamando também a atenção ao fato de que o tempo é o elemento privilegiado por excelência, uma vez que tanto no que se refere ao presente como ao passado o espaço temporal deve ser levado em consideração na apreciação do articulista no momento da criação. Pelo fato de o peso dessa temporalidade recair sobre o cronista, o presente novamente é privilegiado, uma vez que tudo deve ser conduzido pelo seu olhar a partir de uma visão particularizada: ...”A crônica, a partir da própria etimologia da palavra, guarda a ideia do tempo em seu seio. Porém, do tempo filtrado pelo modo de ver, de sentir, do cronista de jornal”...

Seguindo essa linha de raciocínio (P. 167), agora a partir da exemplificação com o texto de Rubem Braga, Telê ressalta a relevância da crônica como um fato social, já que o cronista extrai de uma certa realidade a matéria prima para a sua crítica, selecionando assim, como bem salientou Margarida Neves, os fatos privilegiados que comporão a análise de seu arsenal:

...A crônica sempre nasce de um fato real, seja ele um acontecimento de âmbito social, de qualquer alcance, seja de âmbito individual, como, por exemplo, a descoberta que um cronista faz, em um dia determinado, que o cair da chuva lhe restitui emoções ou lembranças de situações antigas, passadas. Rubem Braga é um mestre da crônica nessa direção. Ou, observação de um dado do hoje pode suscitar a crônica que devaneia com o futuro.

Caminhando para a conclusão de suas considerações, antes de abordar de fato as produções de Mário de Andrade, a pesquisadora ressalta que a crônica se respalda na visão de mundo do autor, pois espontaneamente muitas das impressões colhidas caminham em direção a uma subjetividade que põe em primeiro plano os sentimentos do mundo experimentados devido a questões de variadas ordens, sejam elas políticas,

econômicas, sociais etc. Para isso, o cronista reúne em seu texto a objetividade do jornalismo e a subjetividade da criação literária, tendo total liberdade de criação para apresentar sua visão de mundo: ...”A crônica, por força de seu discurso híbrido ____ objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária ____, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor”...

Outros estudos oriundos da Casa de Ru Barbosa apresentam componentes diferenciados do gênero como o ensaio *Moda da crônica: frívola e cruel* de Marília Rothier Cardoso. Segundo a autora, retomando uma definição comum do gênero (P. 137), (...) “Significativamente, nomeia-se crônica o texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais), e o presente (registro do instante, resgatado da voragem para a fama)”. No entanto, deixa claro mais adiante que em determinadas ocasiões a crônica não se caracteriza apenas do texto leve e fluente que pode descontraír ou ativar a imaginação do autor. Às vezes pode desencadear sofrimentos, mal-estar ou sensações desagradáveis no leitor. Por esses motivos, ela afirma (P. 142): “ Como as maisons de alta costura expõem vestidos e adereços, o cronista também monta suas vitrines. Mas, aí, exhibe ora roupas, ora ossos”. Nesses termos, a beleza ou a harmonia propriamente ditas não se constituem mais em elementos que justifiquem a produção de uma crônica nos jornais da época, mas sim a exposição de fatos grotescos e chocantes que revelam a verdade nua e crua de um presente muitas vezes ignorado. Nota-se nesse tipo de crônica o tom cortante das palavras ao assinalar o grotesco, o lado oculto da cidade e das pessoas, tirando o efeito humorístico tão particular, substituindo-o por um humor negro que analisa ou critica asperamente sem compromisso com a descontração.

Em outro significativo estudo, Raul Antelo apresenta sua visão a respeito da crônica valendo-se ainda da cidade como objeto de estudo tendo como fio condutor as transformações observadas no Rio de Janeiro no início do século. Centrando-se em João do Rio e em sua obra **Salomé** (P. 155), o pesquisador tece as seguintes considerações: “Volúvel e heterogêneas, a crônica, enquanto gênero, não deveria ser vista como um repertório de invariáveis formais ou temáticas, mas como um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas”. No que concerne à obra de João do Rio, Antelo advoga a respeito do caráter social empregado pelo ficcionista (P. 157) levando em conta as transformações sofridas pela cidade. Não deixa de assinalar o caráter

transgressor desse tipo de produção, necessário nesse novo modelo de texto inaugural e irreverente do século XX:

(...) Na visão de João do Rio, a crônica abandona a moral dos anais, desprovidos de qualquer eixo social e organizados em torno da mera sequência de fatos (entre as quais as crises são catastróficos acidentes) para pautar-se por uma outra moral, que concebe o social como um sistema organizado por leis que os sujeitos podem até mesmo transgredir, se elas forem obstáculos para novas transformações.

A partir desse aspecto social, extremamente relevante na obra de João do Rio e desconsiderado na maioria das vezes pela crítica, o autor chama a atenção para certa superioridade da crônica, pelo menos no tocante ao prazer da leitura. Em analogia com outras artes como a dança, a crônica gozava de desprestígio e não conseguia se sustentar em patamar considerável. No entanto, o texto de João do Rio, ao colocar em evidência as minorias, ganha alta abrangência devido ao seu alto grau reflexivo de crítica social. A partir da exposição de uma “minorias sem história, que tenta contar a História”, o gênero cresce em profundidade e revela a fisionomia de uma cidade transformada em seus códigos e valores estéticos no início do século.

(...) O discurso da crônica em João do Rio, é o discurso de uma minorias sem história, que tenta contar a História. A dança é histórica ____ ela é sempre expressão da verdade ____ e a verdade da dança é o prazer ameaçado e rebaixado pelas leis da coisa pública. Contra elas insubordina-se o cronista: “a gente grave da terceira República achava que a Dança, sendo secundária como Arte, era, como prazer, uma coisa inferior”. João do Rio escreve para provar que, embora secundária como arte, a crônica não é inferior, em prazer, à alta literatura.

Concluindo esta abordagem, lançamos mão do trabalho de Cecília de Lara que, recorrendo a Antônio de Alcântara Machado ____ *uma faceta do cronista: a crônica de espetáculos* ____, ressalta, a partir das microcrônicas produzidas pelo autor, a visão da cidade de São Paulo que para ele se “perdeu”. Novamente, registra-se o caráter documental do texto e das informações, propiciando certa ambientação que realça também os habitantes dando relevo aos diferentes tipos humanos que transitavam na metrópole. Na avaliação da pesquisadora, a obra de Alcântara Machado é emblemática

no que concerne aos elementos relacionados à crônica, já que as minicrônicas funcionaram como embrião da obra ficcional retratando uma cidade e uma população (P. 349):

*Paradoxalmente, no registro do momentâneo que em princípio seria possível, representado pela informação em si, as minicrônicas fixam no intemporal a cidade que se perdeu. Daí o valor documental que para nós assumem. Para o escritor, o exercício dessa tarefa de observar e registrar a vida da cidade preparou a criação futura, ficcional, pois todas as suas obras dos anos 20, excetuando-se **Pathé-Baby**, tiveram nesses instantâneos da vida de São Paulo da época o primeiro esboço de sua ambientação, quanto aos tipos humanos ou cenários.*

Cecília de Lara salienta especificamente, no que diz respeito à cidade de São Paulo, uma visão mais aprofundada por parte do cronista (P. 350), que não desconsidera, por exemplo, questões de ordem administrativa, lançando um olhar criterioso sobre as atividades de liderança, cobrando-lhes soluções que confirmem à metrópole sua obrigatoriedade no cumprimento dos deveres públicos. Para Lara, “No caso das crônicas que tratam especificamente de fatos da vida de São Paulo, revelou-se, também, o jornalista imbuído de prestar serviços, apontando falhas da administração, comentando ou sugerindo soluções”. Especialmente em romances como **Brás, Bexiga e Barra Funda** e **Laranja da China** nota-se mais nitidamente a importância dessa ambientação e de seus tipos particulares, figuras que enobreceram a cidade com seus hábitos e costumes modificando, inclusive, a linguagem que se utilizava na época. Por esse motivo, Cecília de Lara destaca a obra de Alcântara Machado enobrecendo os variados habitantes da cidade paulista que lhes conferiam certo grau de diversidade.

*Nos contos dos volumes de Antônio de Alcântara Machado, **Brás, Bexiga e Barra Funda** e **Laranja da China**, predomina a São Paulo dos bairros populares, pululantes de vida nas ruas, nas pequenas casas comerciais ____ quitandas, barbearias, armazéns ____, com sua população mesclada com o elemento italiano. Ou a vida doméstica e de trabalho dos funcionários e comerciantes de classe média: nas ruas, nas praças, nos parques, perambulando, tomando ônibus e bondes; os habitantes dos bairros distantes, os visitantes da cidade do interior, em passeios pelas ruas da capital, hospedando-se e comprando nas imediações da Estação Sorocabana ____ presas fáceis de vigaristas e malandros.*

Desse modo, alguns desses elementos configuram a crônica, sua fixação e transformações, como bem sugere o subtítulo do livro produzido pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Apesar de os pesquisadores situarem o gênero no Brasil a partir de variadas abordagens, não podemos desconsiderar o papel desempenhado pela crônica referente a lembranças e reminiscências, deslocando o eixo principal do presente para se concentrar no passado, diminuindo, assim, o distanciamento entre crônica e memorialística. Saindo um pouco do universo desenhado pelos pesquisadores dos quais lançamos mão na tarefa de compreender a fixação da crônica do Brasil enquanto gênero de relevância, recorremos agora a Rubem Braga como exemplo de cronista que se vale principalmente das lembranças de sua cidade de origem e desloca o tempo presente para ressaltar que a profundidade da crônica também pode se concentrar no passado. Em seu livro **200 crônicas escolhidas**, em que o autor escreve sobre temas variados presentes em livros publicados no decorrer de sua trajetória intelectual, é no livro *Um pé de milho*, escrito em 1947 (P.s2), que o autor busca inspiração em Cachoeiro de Itapemirim, sua terra natal, para dar vazão a suas recordações: “chego à janela de minha casa e vejo que umas coisas mudaram”. No presente, o passado vem à tona com uma carga de emoção e subjetividade trazendo à memória seu mundo interior:

Estou cercado de lembranças ____ sombras, murmúrios, vozes da infância reais, mandis e sanhaços. Gosto de Ingá na ilha do Rio, fruta-pão assada, com manteiga, fumegante no café da tarde, lagostas saindo das locas e passeando na areia nas tardes quentes, praias vermelhas, luz atrás do Itabira, nomes que esquecera, aquela menina loirinha, filha de seu Duarte, que morreu, enterro alegre de meu irmão, acho que Francisquinho, com nós todos esperando debaixo do caramanchão; e meu pai na cadeira, de balanço, zuza guiando o ford, bois passando para o matadouro, mulheres de lenço na cabeça descendo do amarelo, vendendo ovos a um “florim” a dúzia. (...) Mergulho nesse mundo misterioso e passeio nele como um pequeno rei arbitrário que desconhece o tempo; ainda existe o colégio de tia Gracinha, ainda existe o coqueiro junto da ponte do córrego. Esfregamos nossos braços com urucu, e, para entrar frieira, temos sempre um barbante amarrado no tornozelo. São dezenas, centenas de lembranças grandes e pueris que desfilam sem ordem, como se eu sonhasse. Entretanto uma parte desse mundo perdido ainda existe e de modo tão natural e sereno que parece eterno. Agora mesmo chupei um caju de 25 anos atrás.

O conjunto dessas premissas parecem-nos pertinentes ao texto de Carolina Maria de Jesus, haja vista que a escritora lança mão de elementos da realidade que a cerca e tenta delineá-la, comportando-se como uma cronista que se debruça sobre o instante presente

para expor seus conflitos. Vejamos como ela aproveita sua subjetividade percorrendo tempos difíceis para documentar criticamente suas experiências. Seguindo a linha mestra de um cronista, como afirma Margarida de Souza Neves, optamos por “registrar alguns aspectos e eventos” do cotidiano de Carolina Maria de Jesus “e abandonar outros”.

1.2. A crônica em fragmentos de **Quarto de despejo**: a força do tempo, subjetividade e documentação de um período

O diário de Carolina Maria de Jesus é a descrição ácida da vida da autora na favela do Canindé no final da década de 1950 e início da década de 60. Relatando as condições precárias nas quais se encontrava, a autora não abre mão das dificuldades experimentadas naquele espaço físico, escrevendo amargamente num tom de dor e tristeza sua condição de mulher, favelada, negra, pobre e rejeitada pela sociedade, já que na sua visão a favela era o “quarto de despejo” de São Paulo. Em meio às adversidades, ela critica políticos, órgãos públicos, os vizinhos e o comportamento que lhes caracteriza, bem como a vida atribulada que partilha com os demais favelados mediante a falta de oportunidades. Não vislumbrando um futuro promissor, a catadora de papel fixa-se no presente por meio de anotações que denunciam a miserabilidade e a marginalidade daquelas pessoas para mais tarde, mesmo após o estrondoso sucesso de seu livro, tornar-se escrava do passado através de memórias que não se apagam mesmo depois da ascensão. Mesmo havendo certo distanciamento entre o passado e o presente, as recordações permanecem e não permitem que ela exorcise seus demônios para encontrar a estabilidade emocional e financeira tão sonhadas. Nesse sentido, ela desenha um retrato fidedigno de sua vida e ao mesmo tempo da cidade de São Paulo, declarando, de certa forma, que a metrópole propõe a extensão da escravidão e que certos valores como o orgulho da elite se desdobram em preconceito e racismo, fazendo do negro refém de uma ordem que propõe sua subordinação. Desde os fatos mais corriqueiros até as reflexões mais aprofundadas ela escreve desenfreadamente, registrando o presente de modo a exteriorizar seus sentimentos e deixar as marcas de sua subjetividade.

Deixemos Carolina comentar livremente suas impressões no seu “quarto de despejo” tomando como referência relatos que se passam no ano de 1958. Inicialmente,

ela registra o dia-a-dia da favela, evidenciando que lá os acontecimentos se propagam através do espírito de fofoca que define amplamente aqueles habitantes. A partir da notícia da morte de uma moradora, ela comenta o ocorrido introduzindo uma crítica perspicaz e apropriada à situação (JESUS, 2004, p. 34):

18 de maio. Na favela tudo circula num instante. E a notícia já circulou que a D. Maria José faleceu. Varias pessoas vieram vê-la. Compareceu o Vicentino que cuidava dela. Ele vinha visita-la todos os domingos. Ele não tem nojo dos favelados. Cuida dos míseros favelados com carinho. Isso competia ao tal Serviço Social.

Este primeiro fragmento do qual lançamos mão apresenta uma mulher que é extremamente consciente do cotidiano de sua localidade. Ela ressalta o espírito de solidariedade em oposição ao de fofoca existente na favela, uma vez que as notícias, boas ou más, circulavam numa velocidade sem limites. Somente um homem cultivava o espírito de solidariedade, visitando os favelados sem hipocrisia ou interesse de qualquer ordem. Aproveitando essa constatação, ela não poupa críticas ao desabafar sobre a obrigação de cuidar dos pobres atribuída ao serviço social⁹, órgão que teoricamente seria responsável pelo acolhimento dos desabrigados, oferecendo a eles conforto em meio a situações adversas. Nesse caso específico, chama a atenção o contraponto estabelecido por Carolina que pode ser traçado entre um órgão responsável que não acolhe os seus e o afeto de um senhor que, embora não tenha nenhuma obrigação quanto ao cuidado dos necessitados, libera carinho, acompanhando até o final da vida as dificuldades do favelado. Por intermédio dessa visão, o olhar da escritora se mistura com críticas

⁹ Em seu livro *Benefício eventual e assistência social. Uma emergência ____ uma proteção social?* a assistente social Gisele Aparecida Bovolenta (BOVOLENTA, 2017, p.256) afirma, mediante dados comprobatórios, que a atuação do serviço social nas décadas de cinquenta e sessenta era ainda muito precária. Segundo a autora, “Foi a partir de 1950 que a prefeitura passou a assumir mais claramente os encargos sociais: “A conjuntura do início da década era favorável à ampliação do poder municipal, uma reivindicação dos movimentos municipalistas em parte atendida pela Constituição de 1964”. A afirma ainda a autora que “além disso, o Brasil vivia um intenso processo de industrialização e imigração num contexto de empobrecimento da população, achatamento salarial, favelização e crescimento urbano desordenado. Esse cenário, em larga expansão pressionou a necessidade de serviços sociais e urbanos”. Fala também (P. 264) acerca do desfavelamento como uma das funções do órgão em crescimento: “A seção de divisão social também reestruturou seus serviços prestados. O serviço de habitação popular iniciou sua intervenção inicialmente nas favelas. Começou no Canindé um trabalho de desfavelamento e, na sequência, trabalhou com orientações técnicas, junto ao movimento universitário de desfavelamento ____ MUD”. Apesar dos argumentos da autora, acreditamos que as críticas de Carolina Maria de Jesus sejam procedentes, uma vez que ela via nesses órgãos ausência total de solidariedade e empatia pelos pobres, praticando atitudes que não condizem com o respeito devido aos indivíduos, independentemente do tempo de existência das instituições ou da regência de seus objetivos.

contundentes que ela faz ao processo administrativo, ressaltando falhas humanas que prejudicam o bem-estar individual e até mesmo a cidade, a qual deixa de cumprir seus objetivos no quesito acolhimento atribuído a governantes e profissionais responsáveis por essa função.

Constrangida com esse tipo de tratamento, Carolina registra em seu diário, na data seguinte, seu cotidiano desprovido de qualquer esperança (P. 35) ao comparar sua vida com a das aves, vislumbrando nelas felicidade plena. É um instante de conscientização e até mesmo de lirismo no qual a autora relata que sentimentos como amizade e igualdade, que deveriam cercar o cotidiano dos seres humanos, encontram-se ausentes no espaço em que habita, como se na favela todos tivessem que lutar por questões individuais, não contando com a solidariedade alheia:

19 de maio. Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor que o dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.

Na vida de Carolina Maria de Jesus a rotina se cumpre como se fosse um comando profético. Às cinco horas começava o trajeto da favelada que se constituía na marca de sua peregrinação. Ao fazer comparação de sua existência com a dos pardais, ela procura entender o significado de sua vida interior e ao mesmo tempo como moradora da favela, colocando em evidência a carga máxima de seu sofrimento, pois além de constatar a igualdade e amizade existente entre as aves, ainda chama a atenção para o fato de que elas poderiam se alimentar quando quisessem, ao contrário dos favelados que na maioria das vezes deitavam-se sem ter o privilégio das refeições. A partir desse comentário, a autora registra inicialmente uma das motivações de sua queixa que constituir-se-ia numa temática recorrente em sua obra: a fome que destrutura fisicamente o favelado afetando toda a família devido à falta de recursos financeiros para a obtenção do alimento.

Além de ocasionar problemas individuais que desnorteiam o favelado, a questão da fome constitui-se em ponto de partida para a reflexão dirigida aos políticos, especialmente a Juscelino Kubitschek de Oliveira, que aos olhos de Carolina, juntamente com o pouco empenho do serviço social, seria um dos responsáveis para propor soluções para exterminar a fome entre os pobres. Como essa expectativa parecia estar longe de ser

alcançada, na visão da autora o que se verificava através da proposta do político era o velho discurso travestido de boas promessas que se harmonizavam com a bela voz aveludada que possuía. No entanto, tais promessas não passavam de mentiras ineficazes para teoricamente aliviar o sofrimento do favelado. Aproveitando essas contradições, adverte o político acerca do cuidado que deveria ter no tratamento com os favelados (P.35):

...O que o Senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado, sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.

Diferente do encanto quase poético que propõe a comparação com as aves, atribuindo aos pardais as qualidades de igualdade e amizade, Carolina agora se vale da metáfora do sabiá (ave que no Romantismo serviu como expressão máxima da pátria nos versos de Gonçalves Dias) para qualificar o ex-presidente Juscelino, salientando que sua voz, tal qual a do sabiá, era melodiosa, já que a ave é conhecida pelo seu belo canto, sendo portador de musicalidade e doce melodia. No entanto, atribui outro sentido à qualidade vocal quando se trata das mentiras proferidas pelo político ao fazer promessas que não seriam cumpridas mas alimentariam as esperanças do favelado. Como consequência disso, o sucesso de sua voz melodiosa rendeu-lhe ascensão financeira e prestígio, incompatíveis com a proposta de ajuda aos pobres. Curiosamente, Carolina diz que o político estava residindo numa gaiola de ouro, contradizendo a realidade dos sabiás que não conhecem a riqueza. Constatando a situação e consciente de que fora enganada, Carolina adverte Juscelino para que na sua máscara de “sabiá” tenha cuidado com os “gatos”, metaforicamente representados pelos favelados, esfomeados e ávidos por uma boa presa. Mais uma vez, a fome é o fator desencadeador da revolta que rege o favelado naquelas condições, já que o fato de terem sido enganados pela voz mansa não evita o ataque quando a desnutrição fala mais alto. Na sequência, ela conclui seu comentário em tom de desabafo ao político, ressaltando a dura realidade nas favelas (P. 35), já que provavelmente a fome lhe passa despercebida: “Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. Todas as famílias que residem na favela tem filhos”...

A aridez social desse espaço esboçado até aqui por Carolina Maria de Jesus também não escapa ao olhar de pessoas que não residiam na favela e que num primeiro contato detectavam as péssimas condições de moradia (P. 35), chegando à mesma conclusão da autora de que aquele lugar não passava de um ponto de descarte: ...”Havia pessoas que nos visitava e dizia:

___Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isso aqui é o chiqueiro de São Paulo”.

Esse sentimento externo de que a favela era o chiqueiro de São Paulo corrobora com a visão da autora a respeito dos malefícios que esse “chiqueiro” traria aos habitantes. Quase como um agente de mutação, o ambiente atuava nas pessoas corrompendo os costumes, alterando comportamentos, transformando-as em seres mais endurecidos. Assim como o cortiço¹⁰, que contribuía para a formação do caráter dos indivíduos, demonstrando que o homem era um produto do meio, da raça e do momento histórico, atendendo a um chamado naturalista pautado numa visão científicista, a favela, guardada as devidas proporções no tempo e no espaço, também cumpria seu papel de agente transformador, promovendo o roubo, a prostituição, a vadiagem e transformando o caráter de pessoas que por falta de opção se mudavam para aquele lugar. Parente dos cortiços e das casas de pensão, a favela não promovia o bem-estar de quem a frequentava mas apresentava aos habitantes o outro lado da vida, marginalizando-os e impedindo-os de sonharem com patamares mais elevados.

Carolina constata essa ácida realidade ao observar a transformação de pessoas que se mudavam para a favela, observando que até mesmo as crianças eram alvos dessas modificações quase naturalistas, perdendo a essência em contato com o embrutecimento proveniente dos costumes corrompidos (P. 38):

¹⁰ Não estabelecemos na leitura de **Quarto de despejo** nenhuma relação da obra de Carolina Maria de Jesus com obras naturalistas de Aluísio Azevedo como **O cortiço**, **Casa de pensão** ou autores naturalistas do porte de um Zola tendo como referência, por exemplo, obras como **Germinal**, que se respaldavam no cientificismo para explicar transtornos de personalidade ou alterações de comportamento em face do meio que os rodeava. No entanto, Carolina não dispensa detalhes de uma realidade nua e crua para descrever os acontecimentos da favela, não enfeitando ou encobrindo os acontecimentos. No seu diário, descreve os fatos da maneira mais crua possível, sendo atenuados apenas detalhes que um autêntico naturalista não dispensaria como fio condutor ou pano de fundo de sua narrativa. É notório também o fato que os cortiços e as casas de pensão foram precursores das favelas e caracterizavam personagens que deixavam suas marcas em função do meio que os produzia.

20 de maio ...As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objeto que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo.

Nessas condições, os habitantes da sala de visitas (metáfora utilizada pela escritora para designar os habitantes de ambientes mais refinados nos quais eram comparados a pedras preciosas) perdem suas características primordiais a ponto de sofrerem uma metamorfose improvável, já que originalmente a pedra bruta se transforma em pedra preciosa. Nesse contexto, observa-se uma regressão que somente o meio poderia proporcionar oferecendo aos novos residentes recursos que justificam certos comportamentos não aceitos pela sociedade. Nesse meio marcado pela brutalidade, em que se verifica a passagem do refinado para o rústico na sua pior acepção, configura-se a ausência de sentimentos nobres que regridem ao se concretizar a realidade brutal tão em voga na favela, prevalecendo, assim, a lei do mais forte no que se refere à sobrevivência diária.

O olhar atento de Carolina conduz-lhe a uma reflexão cada vez mais apurada do seu espaço, definindo-o num grau acentuado de hostilidade na medida em que para sobreviver é necessário certa condescendência com o meio, adequando-se às ofertas que ele disponibiliza. Tendo ainda como gancho a ausência de solidariedade que ela registra no início de seus comentários, é através dessa noção propriamente dita, apesar da rusticidade proposta pelas circunstâncias de sua habitação, que ela se dá conta de que em algumas situações o favelado deve exercer o companheirismo para não desagradar seu próximo que sofre as mesmas agruras, por exemplo quando o quesito principal é a velha e conhecida fome. Sendo assim, ela enfrenta dilemas e contradições que a obrigam a tomar decisões de acordo com a situação enfrentada. No que se refere a essa questão, vejamos no trecho abaixo o relato de Carolina falando de certa ocasião em que um amigo a aconselha a comer alimento apodrecido sem nenhuma condição de higiene a fim de evitar a morte. (P. 40): "Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços. Disse-me:

___Leva Carolina. Dá para comer".

A partir desse registro, detectamos que naquele ambiente a necessidade mostra-se mais presente do que qualquer outra opção de vida, pois as leis determinantes não dependem do pobre, uma vez que ele tem que se acostumar a viver com a ausência de dignidade se quiser suportar as duras circunstâncias que o rodeiam. O que se percebe nesse espaço, diferente da constatação da autora na comparação com as aves, é um caráter de “igualdade”, pois todos os habitantes da favela estão navegando no mesmo barco de impossibilidades. Nesse aspecto, as decisões em relação ao outro, na maioria das vezes, devem ser tomadas no intuito de agradá-lo, para que este não se sinta ainda mais inferiorizado na sua condição de miserabilidade. Esta motivação leva Carolina de Jesus a aceitar a oferta da comida (P. 40): “Deu-me um pedaço. Para não magoá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros roídos pelos ratos. Ele disse que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne”.

Esse apelo de igualdade que impulsionou Carolina não descarta as consequências trazidas por essa solidariedade mórbida. Devido aos procedimentos inadequados adotados ao fazer a refeição, foi inevitável o pavoroso fim do rapaz que, para driblar a fome, encontrou a morte. Triste é a constatação de sua companheira de descarte acerca do estado de marginalidade do jovem, chamando a atenção para a visão da sociedade sobre o indigente. Nada mais restava a lamentar a não ser fazer coro com a melodia de João Bosco ao proclamar: “tá lá o corpo estendido no chão”¹¹. Não estava “de frente pro crime” a que se refere a canção, mas morreu diante da maior assassina que mata o homem sem piedade: a fome travestida de alternativa para manter a vida (P. 40):

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha, os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome.

Com base nesse acontecimento, Carolina ainda desabafa a respeito do serviço social, chamando a atenção para a ineficiência do órgão que deixa os pobres chegarem à condição de marginais. No seu dia-a-dia, após a reflexão sobre esse fato, ela chega à conclusão de que sua rotina continuará a mesma ao retornar ao “quintal” que define como espaço de desalento (P. 40): (...) “Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para ajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela”.

¹¹ *De frente pro crime*. Composição de Aldir Blanc e João Bosco em 1975 que fez parte do álbum “Caça à raposa” lançado no mesmo ano.

Na sequência, a autora relata uma experiência pessoal que a aproxima da carência de alimento, uma vez que não tem escolha para saciar a fome. Mediante aos poucos recursos materiais, ela conclui que a necessidade faz parte de seu cotidiano e que precisa se ater às condições impostas pelo ambiente, mesmo tendo consciência de que estas não são as melhores. Por esses motivos, os obstáculos convivem diariamente com Carolina, sendo as dificuldades também transmitidas a seus filhos como se também fossem herdeiros incapazes de lutar para modificar o espaço físico que lhes serve de abrigo. No trecho que se segue observa-se a momentânea ausência da resistência, a qual é substituída por uma quase resignação, haja vista a consciência de que os hábitos alimentares estavam muito distantes das práticas usuais: (P. 41): “21 de maio. ...Achei um cará no lixo, uma batata-doce e uma batata solsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos”.

A realidade torna-se ainda mais amarga quando ela relata a impossibilidade de se alimentar com dignidade tendo que aproveitar os restos que as crianças acharam no lixo para se saciar. Estudiosos da autora já relacionaram esses momentos da vida de Carolina Maria de Jesus com o célebre poema *O bicho*¹² de Manuel Bandeira em que um homem revira o lixo. O “eu lírico” lamenta-se horrorizado com a condição do ser humano retratado no texto poético que é substituído por um animal qualquer acostumado a recolher sobras. Na experiência anterior, em que o jovem indigente come o conteúdo estragado e morre em decorrência dessa alimentação precária, podemos notar essa animalização que reduz o homem à degradação. Porém, no cotidiano de Carolina Maria de Jesus a fome a acompanha e a animaliza constantemente obrigando-a a abrir mão de qualquer noção de higiene ou sanitização que a impeça de comer resíduos ou alimentos em putrefação. O desalento é tamanho que faz com que a mulher desacreditada assemelhe o infortúnio dos favelados ao dos corvos. Mais uma vez, as aves servem como parâmetro de comparação, mas, desta feita, para legitimar a podridão que acompanha a vida dos favelados. (P. 41):

¹² Vi ontem um bicho/ Na imundície do pátio/ Catando comida entre os detritos// Quando achava alguma coisa,/ Não examinava nem cheirava:/ Engolia com voracidade.// O bicho não era um cão,/ Não era um gato,/ Não era um rato.// O bicho, meu Deus, era um/homem. Eliane Conceição da Silva em sua tese de Doutorado *A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus* menciona esse poema a fim de exemplificar como a violência perpassa o diário de Carolina nas mais diversas manifestações, sendo a autora subjugada à violência do meio chegando ao ponto de precisar comer resíduos do lixo para sobreviver.

Não tenho gordura. Puis a carne no fogo com uns tomates que eu achei lá na Fabrica Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata-doce.

A falta de dignidade que perpassa o diário de Carolina Maria de Jesus é crescente. A autora mostra como a ausência de perspectiva pode acomodar as pessoas à pobreza, tirando-lhes as expectativas de um bom futuro e contribuindo para um conformismo que impede a visualização de qualquer luxo, mesmo que este seja o mínimo para que se tenha uma vida um pouco mais abastada. O olhar dessa mulher sobre sua condição social condiz com a visão de uma elite que não acredita que membros de um segmento social mais modesto possam almejar a mudança, batendo na tecla de que o meio pode determinar o futuro deles. Apesar de Carolina Maria de Jesus buscar refúgio na escrita, mostrando-se socialmente consciente de sua condição, ela cede momentaneamente às pressões desse meio e não reconhece nos filhos, por exemplo, a possibilidade do sucesso ou da prosperidade. Para ela, o fato de não ter dinheiro implica a economia em relação à aquisição de bens, deixando de lado tudo que pode ser considerado supérfluo. Isso fica bem nítido no fragmento abaixo em que há uma crítica por parte da mãe pelo fato de o filho “esbanjar” o dinheiro ganho comprando coisas “desnecessárias” (no caso uma garrafa de água mineral). Bem tão precioso, o dinheiro não poderia ser desperdiçado dessa maneira pelo simples motivo de o usuário não passar de um favelado (P.41): “22 de maio. ...Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de agua mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com essas finezas”.

O “esbanjamento” do filho pode ser questionado quando a filha Vera Eunice deixa bem claro que a falta de alimentos é uma questão social e pessoal, pois ao dizer (P. 42) “___Mamãe, vende eu para a dona Julita, porque lá tem comida gostosa”, a menina reflete acerca da quantidade e da medida que deve ser ofertada ao pobre. Tendo necessidade de comida como suprimento material, fica evidente a preocupação de Carolina ao não reconhecer na atitude do filho um comportamento adequado para um favelado, já que nem ao menos de uma comida gostosa ela dispunha para colocar na mesa mas também é compreensível a atitude do rapaz ao desejar comer ou beber algo diferente para saciar a fome que o acompanhava diariamente. Assim sendo, o espaço habitado pelo favelado constitui-se de opções que colocam em evidências os extremos daquele cotidiano: comida

ou diversão, regalias ou abstenções, vida abundante ou privações, vida com mais dignidade ou com mais resiliência. Estes contrapontos aumentam ainda mais o peso das inquietações dessa favelada, pois ela tenta lutar contra um destino que se mostra imutável na ausência do alimento e ainda mais incisivo no fato de não poder esbanjar quando na maioria das vezes não se tem o bem tão almejado e quase impossível de se ganhar.

Essa impotência experimentada no cotidiano de Carolina Maria de Jesus torna-se ainda mais corrosiva e adquire proporções e requintes de crueldade ainda maiores que a da fome quando ela relata que ao ficar doente teve que passar por várias humilhações sendo deslocada para variadas instituições que não ofereciam soluções plausíveis para o problema. Consciente de que existiam brasileiros mais sofrendores do que ela, mesmo assim Carolina não justifica o descaso de autoridades em torno dos necessitados, inclusive do serviço social e seus representantes que têm sido alvo de reiteradas críticas ao longo do diário. Ao adoecer e pedir ajuda aos órgãos denominados competentes, ela percorre um caminho kafkiano digno de personagens como Josef K. de **O processo** e K de **O castelo**, os quais não obtinham respostas acerca de suas petições e não entendiam o embaraço de tanta burocracia, não conseguindo, inclusive, no caso do segundo personagem, encontrar-se com o homem que almejava dialogar no castelo, tendo que enfrentar desculpas que não condiziam com os objetivos de sua ida ao castelo. Sem sucesso e sem saber o motivo de tantas desculpas, Carolina é vítima de um pedido de prisão que teoricamente foi acionado devido a um suposto desacato à autoridade pelo fato de aparentemente ter demonstrado cansaço físico e psicológico mediante tantas idas e vindas. Seu assombro aumenta mais quando ela se dá conta de que o soldado que lhe bate fica constrangido por ter que se comportar daquela maneira em cumprimento de ordens superiores. Mesmo sendo pobre e talvez fazendo parte da mesma classe social à qual ela pertencia, este agente se posicionava num patamar de superioridade, podendo abater suas vítimas com o respaldo do poder que naquela situação a ele era atribuído. Nesse trecho longo mas elucidativo averiguamos um misto de tristeza, abuso de autoridade, intolerância e desmoralização do próximo por parte de quem teria o compromisso de acolhimento. (P. 42):

22 de maio. *Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são*

tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

—Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o unico dinheiro que eu tinha com as conduções.

—Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe:

—Eu sou pobre, porisso é que vim aqui.

Surgiu o dr. Osvaldo de Barros, o falso filantrópico de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

—Chama um carro de preso.

Tal anotação, cuja data refere-se ao ano anterior, pode muito bem ser entendida como parte de um acontecimento que faz parte da memória recente da autora, já que a dolorosa lembrança ainda permanece. No momento presente, Carolina se vale de um passado próximo para demonstrar que qualquer intervalo temporal não é suficiente para apagar as lembranças que desencadearam uma baixa autoestima proporcionando a ela sofrimentos morais e danos psicológicos que não a ajudariam em nada a mudar sua visão de mundo a respeito das autoridades que reiteradamente ela criticava. Esse comportamento por parte de tais autoridades nos remete às reflexões da assistente social Maria Lúcia Barroco¹³, a qual em seu artigo *Reflexões sobre liberdade e intolerância* discute sobre a intolerância em toda a sua amplitude, afirmando que o papel do assistente social e dos demais profissionais que trabalham com os necessitados deve ser de acolhimento. Para ela e demais profissionais, a palavra tolerância é ambígua, sugerindo que o interlocutor deve aguentar, no pior sentido da palavra, a pessoa com quem dialoga ou a situação em andamento. Nesses termos, o mais coerente seria a utilização da palavra acolhimento, eliminando assim qualquer forma de preconceito ou superioridade que

¹³ Barroco, Maria Lúcia de. *Reflexões sobre liberdade e intolerância* in Revista **Serviço social e sociedade** no. 9, setembro/2014., (p. 468-471). Nesse artigo, a assistente social afirma seu incômodo em relação à palavra tolerância argumentando acerca da ambiguidade que lhe confere carga negativa. Dá a certa altura o exemplo das casas de tolerância que tinham esse nome para designar instituições que moralmente não eram bem aceitas pela sociedade tradicional pelo fato de estarem ligadas à prostituição. As pessoas frequentadoras daquele ambiente eram apenas toleradas desde que permanecessem distantes dos lugares tidos como respeitáveis. A pesquisadora sugere então que ao invés de tolerância seja empregada a palavra acolhimento, designando respeito e igualdade no tratamento e convívio com diferentes personalidades. Ainda no que diz respeito à tolerância, ela afirma que esta palavra tem sentido duplicado em alguns contextos, pois nem tudo pode ser tolerado, como por exemplo a discriminação, seja ela religiosa, por orientação sexual, racial e tudo que possa contradizer as relações de boa convivência e respeito. Sob esses princípios encontra-se respaldado o código de ética dos assistentes sociais.

possa dar vazão a qualquer tipo de abuso de poder. No referido trecho o que verificamos é a total intolerância, ausência de acolhimento ou empatia e nenhuma abertura para a liberdade, seja ela de expressão ou pessoal. É notório que o discurso do desvalido incomoda e desorienta a camada mais poderosa, pois, diante da exposição de sua fraqueza, o chefe supremo não encontra argumentos de conforto ou que dê razão ao menos favorecido, preferindo, assim, usar de autoritarismo para prendê-lo ou desarmá-lo sem chance de reação. Resta ao pobre em condição subalterna apenas aceitar, dentro dos moldes kafkianos, a resolução deliberada sem direito à defesa formal.

Por conta desses acontecimentos vexatórios, a intolerância propicia situações que discriminam pessoas em condições de inferioridade. Após o episódio da prisão, Carolina detecta que o poder pode ser exercido com requintes de maldade, crueldade e sentimento de superioridade, como se verifica abaixo no caso do dono de um frigorífico que contribui para a propagação da fome pois, ao invés de doar o alimento restante de um dia de trabalho, opta por descartá-lo de modo vil para que favelados e indigentes não tenham acesso a ele. Essa atitude também pode ser considerada cruel e desumana ao se constatar que o proprietário do estabelecimento permite que joguem compostos químicos no alimento desperdiçado a fim de impedir que as pessoas desnutridas consumam a sobra do dia. A partir dessa descoberta que denuncia a maldade humana sustentada pelo poder, ela reflete mais uma vez sobre a fome que a assola, sendo esta responsável pela falta de sanidade que pode provocar incontáveis distúrbios em um indivíduo. (P. 44):

27 de maio”. Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.

Deixando de lado seus dilemas pessoais, Carolina Maria de Jesus agora abre espaço para focar nos problemas da favela, colocando em evidência pessoas que representam o meio e que absorvem dele o melhor e o pior. Curiosamente, os marginalizados que ela descreve são crianças que deveriam ainda brincar ingenuamente e compartilhar entre elas sonhos infantis. Ao invés disso, já experimentam o ambiente transformador daquele espaço físico e são moldados desde cedo para a criminalidade. Tristemente, ela constata que as pessoas da favela são facilmente reconhecíveis, já que são estigmatizadas perante o olhar punitivo e normativo da classe dominante que vê no comportamento desses indivíduos desajustes que os impede de frequentar as camadas

sociais mais elevadas. Essas crianças são também os “bichos” descritos por Manuel Bandeira, já que sem nenhuma noção de higiene comem tudo que encontram pela rua. (P. 45):

Chegou a Radio Patrulha, que veio trazer dois negrinhos que estavam vagando na Estação da Luz. 4 e 6 anos. É fácil perceber que eles são da favela. São os mais maltrapilhos da cidade. O que vão encontrando pela rua vão comendo. Cascas de banana, cascas de melancia e até casca de abacaxi, que é tão rustica, eles trituram. (...) Estavam com os bolsos cheios de moedas de alumínio, o novo dinheiro em circulação.

Essa cena nos remete aos romances de Balzac e Stendhal, haja vista que na atmosfera realista e/ou naturalista tais personagens seriam facilmente reconhecidos pelos traços, modo de andar, linguagem, cheiro e comportamentos que os inserisse em determinado estamento social. Nesse contexto, as crianças transformar-se-iam nos marginais de amanhã, experimentando todo o tipo de criminalidade que os introduzisse num mundo sem regras sociais ou morais, fixando-os em grupos específicos dos quais seria quase impossível escaparem. Esses futuros delinquentes podem ser assemelhados à visão de Balzac sobre as classes subalternas em **Misérias e esplendores das cortesãs**¹⁴ em que o romancista francês tece comentários sobre as camadas marginalizadas. Segundo o escritor,

(...) O mundo das meretrizes, dos ladrões e dos assassinos, os galés e as prisões comportam uma população de sessenta e oito mil indivíduos, machos e fêmeas. Esse mundo não pode ser desenhado na pintura dos nossos costumes, na reprodução natural de nosso estado social. Não será extravagante constatar que a justiça, os gendarmes e a polícia oferecem um número de pessoal quase correspondente? Esse antagonismo de gente que se procura e que reciprocamente se evita, constitui um imenso duelo, eminentemente dramático, esboçado no presente estudo. Com o roubo e o meretrício sucede o mesmo que com o teatro, a polícia, o sacerdócio e a gendarmaria. Nessas seis condições, o indivíduo torna o caráter indelével. Não pode mais ser o que é. Os estigmas do divino sacerdócio são imutáveis, tanto como os do militar. O mesmo se passa com os outros estados que são fortes oposições, opostos ou antônimos na civilização. Esses diagnósticos violentos, estranhos, singulares, sui generis, tornam a prostituta e o ladrão, o assassino e o libertino tão fáceis de reconhecer, que eles são para os seus inimigos, o espião e o gendarme, o que é a caça para o caçador; eles têm um certo modo de andar, umas maneiras, uma cor, uns olhares, um certo cheiro, enfim, propriedades suas, infalíveis. Daí essa ciência profunda dos disfarces, nas celebridades das galés.

¹⁴ Balzac, Honoré de. **Misérias e esplendores das cortesãs** apud Ligia Chiappini Moraes Leite, **O foco narrativo**. 3ª. ed., São Paulo: Ática, 1987, p. 30.

Naturalmente, conforme as observações de Balzac essas pessoas pertencentes à favela também seriam evitadas, reconhecendo nelas características que as aproximaria da marginalidade. Em decorrência desses rótulos, estigmatizados seriam também os novatos. Além de serem reconhecidos por determinados trejeitos, seriam portadores de uma tristeza no olhar que os colocaria numa posição de resignação frente à nova vida, criando neles um certo compromisso com a pobreza ao se entregarem ao desencanto e à falta de oportunidades. Nessa avaliação, Carolina entrega toda a sua subjetividade, procurando interpretar a realidade que estava se formando a sua volta bem como a de pessoas desconhecidas que denunciavam através do olhar ou de detalhes na vestimenta a pobreza que as acompanhava. Eram seres que traziam carregadas no corpo e na alma a infelicidade de estarem naquele ambiente desprovido de recursos que teoricamente jamais conduziriam à prosperidade. (P. 46):

(...)29 de maio. Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida.

Na sequência, a opinião dos novos moradores consolida a impressão de tristeza anunciada por Carolina. Chegando à favela, a moradora já se dá conta de que aquele espaço não a satisfaria e seu lamento é a prova da insatisfação de ser uma despejada assim como tantos outros que não tinham mais utilidade na metrópole paulista. (P. 46):

*Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez:
—A senhora está morando aqui?
—Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se pusessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós.*

Vendo a situação de repugnância a que ela e os demais habitantes estavam relegados, Carolina Maria de Jesus retoma a crítica que tecera inicialmente aos políticos. Isso porque o lamento dos pobres chegou aos ouvidos da escritora ao ver seus semelhantes massacrados por órgãos, segundo ela, como o serviço social. Mesmo tendo o poder da palavra e da denúncia, ela se achava incapaz de interferir na realidade devido às contingências sociais desfavoráveis que a cercavam. Mesmo assim, considerava-se uma “poeta do lixo”, responsável por ouvir o clamor dos desafortunados que não tinham voz

mediante as necessidades que tentavam transpor em vão, já que os políticos, a classe dominante ou os órgãos responsáveis não se incomodavam com os pobres. Na concepção de Carolina Maria de Jesus as lágrimas destes chegaria até os poetas nada requintados que não construíram na literatura um caminho altamente estruturado. Assim como ela, esses “poetas do lixo”, mesmo não tendo frequentado uma esfera acadêmica, escreviam as dores do povo e tinham consciência social do sofrimento dos favelados. Muito melhor do que qualquer cientista social que buscava em teorias explicações para o desnivelamento de classes, Carolina discorria com sua poesia e obras ficcionais acerca do desconcerto do pobre e de sua trajetória através da voz popular da qual coube a ela ser porta-voz, uma vez que o discurso produzido por ela era substituto das falas dos políticos que provocavam a tragédia do povo. Ela tinha, consciente ou inconscientemente, a “literatura como missão¹⁵”, estabelecendo um diálogo com autores como Lima Barreto e Euclides da Cunha que no século XX se prestaram a um comprometimento com a literatura no intuito de expor os problemas sociais de seu tempo. (P. 53):

5 de junho. Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger os dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.

Consciente dessa tragédia que acompanha o pobre, Carolina também se mostra sensível ao sofrimento dos menores que já na adolescência conviviam com a criminalidade e se encontram em situação de internato no juizado de menores. Ela relata de modo comovente o encontro que teve com dois adolescentes que fugiram desse estabelecimento, descrevendo como o estado destes meninos fez com que ela repensasse sua condição de vida. Em meio ao sofrimento que a acompanhava, certa vez ela cogitou internar seu filho João José achando que junto a autoridades competentes ele estaria seguro e protegido da criminalidade. No entanto, os meninos acolhidos por ela naquela ocasião lhe confidenciaram que a vida naquele lugar destinado à reeducação era pior do que se podia imaginar, uma vez que os menores sofriam penalidades desde a falta de

¹⁵ Referência ao trabalho do historiador Nicolau Sevcenko em sua obra **Literatura como missão** (cf bibliografia) que reflete sobre as contribuições de Lima Barreto à literatura mediante as suas reflexões. Quanto a este último, especialmente, é inegável o papel exercido por **Os sertões** no cenário literário. Lima Barreto também não fica atrás com sua contribuição com os romances e contos, nos quais a visão de mundo muito influenciou na compreensão social e política do Rio de Janeiro no início do século.

liberdade até a punição mais severa por se recusarem a comer comida podre e executar outros trabalhos impróprios para crianças e adolescentes. Além disso, aconselharam os filhos de Carolina a sempre valorizarem a mãe, pois eles sentiam a falta de um cuidado materno num lugar de privações em todos os aspectos. Diante dessas denúncias, a mãe indecisa descobre uma realidade que estava oculta, certificando-se de que seus valores estavam invertidos, já que os órgãos que tinha como exemplares no sentido da correção e reeducação não se comportavam como agentes de regeneração mas sim como setores punitivos que subjugavam os pobres em decorrência de sua comprovada inferioridade. Através desse choque de realidade provocada por essas visitas inesperadas, Carolina opta por não internar seu filho, haja vista que o confinamento poderia aflorar a delinquência por intermédio da revolta que se instauraria no adolescente aprisionado. (P. 87, 88):

9 de julho. Quando eu estava preparando-me para sair a Dona Alice veio me dizer que dois meninos do Juiz estava vagando aqui na favela. Fui ver. Estavam com roupas amarelas. Descalços e sem camisa. Só com aquele blusão em cima da pele. Eles estavam desorientados. Perguntei se queriam café. Responderam que não.

Eu entrei e fui preparar para sair para a rua. O José Carlos acompanhou os meninos. Depois veio perguntar-me se eu podia arranjar uma roupa para os meninos.

Vá chamá-los.

Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito. Contaram-me os horrores do juizado. Que passam fome, frio e que apanham ininterruptamente. Perguntaram se eu podia arranjar-lhes uma camisa. Dei-lhes as camisas e as calças. Perguntei-lhes os nomes. O mulato é Antonio e o branco é Nelson. Perguntei-lhes se sabiam ler. Responderam que sim. Dei-lhes café. Falaram que residem na Vila Maria e que tem mãe. Aconselharam meus filhos para ser bons para mim. Que os filhos estão melhor com as mães. Que a coisa melhor do mundo é a mãe. Eles pegaram as roupas que eu dei-lhes. A calça do Nelson tinha tantos remendos que podia pesar 3 quilos. Quando eles saíram olharam o número do meu barracão e pediu-me para não internar o João que a comida é deficiente. Que eles era obrigado a lavar louça. Que se uma criança jogar fora o resto da comida do lixo, que eles obriga a criança catar e comer.

Esses depoimentos mostram que Carolina Maria de Jesus tem consciência plena de sua condição social e da cidade que a abriga, seus governantes, pendências e carências administrativas. Favelada, ela se sente a despejada de São Paulo pelo fato de se encontrar em desprestígio sendo também rotulada dessa maneira pelos moradores externos ao meio. Ao receber uma visita, relata a impressão causada ao visitante quando ele adentrou seu lar, constatando a precariedade na qual estava inserida. Retomando o bordão que a caracteriza, reitera mais uma vez sua condição de despejada que perpassa seu diário a fim de fixar seu grito de socorro às autoridades. (P. 147):

27 de dezembro. ...eu cansei de escrever, adormeci. Despertei com uma voz chamando Dona Maria. Fiquei quieta, porque não sou Maria. A voz dizia:

—Ela disse que mora no numero 9.

Levantei de mau humor e fui atender. Era o senhor Dario. Um senhor que eu fiquei conhecendo na eleição. Eu mandei o senhor Dario entrar. Mas fiquei com vergonha. O vaso noturno estava cheio.

...O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada..

Com esse grito propenso à explosão, a pergunta não se cala: o que são os escritos de Carolina Maria de Jesus senão crônicas pautadas em acontecimentos presentes que refletem um determinado tempo deixando as marcas da subjetividade de uma autora que se propõe à sondagem interior e à exposição dos abusos propiciados pela metrópole que a abrigava? O que são senão documentos que registram uma época que ampliou a escravidão no sentido de desmerecer uma parcela mais pobre da população esquecendo-se que eram cidadãos que mereceriam viver em condições melhores de dignidade? Sendo uma espécie de cronista de São Paulo, como afirmou Audálio Dantas em sua entrevista, ela estabelece produtivas relações entre crônica, memória, ficção e história, documentando no diário uma época que mancha a história paulista ao “despejar” tantos favelados desprotegidos que não encontram respaldo nem mesmo em órgãos públicos que deveriam acolhê-los. Aparentemente ingênua, as críticas do despretenso diário apresentam ao leitor uma cidade descompromissada com seus habitantes, ressaltando suas falhas humanas e administrativas, as transformações que a favela propicia e a vida miserável de uma mulher que, mediante um presente também miserável, não se arrisca a projetar um futuro que lhe dê esperança de abundância.

1.3. **Quarto de despejo:** e sua inserção na crônica na tradição brasileira

Tendo em vista os elementos extraídos da discussão e dos fragmentos acima, exploremos a obra **Quarto de despejo** inserindo-a na tradição da crônica enquanto narrativa que recupera o cotidiano em tom crítico e analítico.

A crônica brasileira apresenta momentos de grande riqueza textual na tradição da literatura brasileira. Embora o gênero tenha sido marcado por uma carga significativa de preconceitos, é vasta a produção de cronistas dos mais variados campos culturais que

emitem opiniões diversas acerca de assuntos que perpassam o cotidiano e dão vida a ele através de críticas refinadas e de um olhar apurado sobre a realidade enfocada. Na historiografia literária brasileira são também vastas as obras de ficcionistas que em seus contos, novelas ou romances, descontraidamente ou com certa tensão, conferem ao texto certa tonalidade de crônica, fazendo do espaço físico e de uma cronologia bem planejada a motivação adequada para que as narrativas sejam bem sucedidas. Escritores como Érico Veríssimo, Cyro dos Anjos, Jorge Amado, dentre outros, criam obras ficcionais que exploram magistralmente o cotidiano e valorizam, acima de tudo, o instante em que se dá um certo acontecimento, retirando dele material de análise e reflexão que aproxima o texto de belas crônicas que enfatizam cidades, vilas, interior de casas ou mesmo lugares carentes de habitação. Nesse caso, rompe-se o forte laço que prende os gêneros a uma rígida nomenclatura permitindo descontraidamente o contar de história de um ponto de vista mais natural.

Quanto à crônica propriamente dita, muitas vezes elas são filtradas pelo olhar dos repórteres, uma vez que proliferam em grandes jornais que utilizam esse formato para cumprir seus objetivos. É dessa fonte que bebem muitas vezes os escritores que não são cronistas de profissão e criam seus textos de acordo com os experimentos que podem ser realizados em outros gêneros literários. Não é difícil, nessas condições, averiguarmos em livros como **O amanuense Belmiro**¹⁶ de Cyro dos Anjos momentos deliciosos e corriqueiros que remetem à construção das mais primorosas crônicas já escritas há décadas e que representam o melhor da produção de um escritor ao se compromissar com a leveza e com a representação de determinados costumes de seu tempo. Com sua raiz na crônica, o respectivo romance não perdeu a graça da elaboração inicial e, apoiando-se na figura de um diário, conseguiu disponibilizar ao leitor a visão de um burocrata em seus dias de angústia na convivência com amigos nas situações mais inusitadas. Num certo sentido, manter o tom original em outro discurso seja talvez uma solução consciente ou inconsciente para eternizar nas páginas de um romance o gênero que não tinha encontrado ainda sucesso enquanto produto de relevo na comunidade de leitores e de críticos renomados.

¹⁶ É importante registrar, segundo as palavras de Antonio Carlos Villaça, em texto escrito na orelha do livro, que "O amanuense Belmiro, nasceu espontaneamente, em 1937, de uma crônica que Cyro dos Anjos escrevia para A Tribuna, de Belo Horizonte, sob o pseudônimo de Belmiro Borba".

Jorge de Sá em sua obra *A crônica* ressalta a função do gênero atribuindo a ele qualidades que o inserem no mais alto nível da produção cultural. Antes, porém, aponta três características da crônica que justificam sua inserção no cenário literário. A primeira delas (SÁ, 2005, P.11), no subtítulo *A linhagem dos Braga*, dá margem à seguinte discussão:

(...) Ora, por mais que o narrador_repórter seja o escritor de carne e osso, nervos e músculos, e nunca personagem ficcional, ele representa um ser coletivo, com quem nos identificamos e através de quem procuramos vencer as limitações do nosso olhar. Queremos ver mais longe ____ para a frente e para trás____, e só o conseguimos sem o auxílio de quem nasceu para narrar o mundo.

Daí a importância do instante, porque é o flash do momento presente que nos projeta em diferentes direções, todas elas basicamente voltadas para a elaboração da nossa identidade. Logo, é fundamental que o cronista se defina num tempo e num espaço, compondo uma cronologia nunca limitadora, mas sempre esclarecedora da sua/nossa relação com os seres e com os objetos. Enfim, o elemento biográfico funciona como linha costurando o tecido da vida tecendo a renovação do imaginário através do qual o homem se reafirma como ponte para outras formas de conhecimento e de convivência.

Assim sendo, a crônica deve cumprir seu papel ao selecionar elementos que deem conta de sua qualidade textual. O espaço, a cronologia e o instante devem ser privilegiados para que a integração se processe da melhor maneira possível sem resultados banais ou mal elaborados. Prosseguindo com seus argumentos, Jorge de Sá (P. 12) em seu comentário intitulado *O espaço do texto* apresenta a segunda característica que sustenta a crônica enquanto gênero literário de peso. Ele se refere à construção do texto, o qual deve ser arquitetado primorosamente a fim de cumprir as regras de imposição dessa construção levando em conta procedimentos rígidos. A poética, seguida à risca, deve conter um universo próprio que demonstre certo caráter existencial pensando no leitor que avaliará a obra de modo simples mas exigindo dela a devida qualidade:

A construção de um texto equivale à construção de uma casa: cada frase, cada silêncio onde reside a significação a ser descoberta pelo leitor, é uma espécie de quarto onde o cronista guarda os seus segredos e a sua solidão. Além disso, ao construir cada texto (considerado, aqui, como sinônimo de peça autônoma, relato que vai do título à última linha), o Autor está construindo a sua casa interna, procurando discriminar cada aposento e estabelecendo as leis que fornecerão o seu universo. Essa construção conduz a um texto, maior _ e que se faz sem palavras, pelo silêncio do discurso_, que nada mais é do que a compreensão do que somos, para melhor prosseguirmos em nossa viagem existencial.

Por último, não poderia faltar nessas considerações a relevância que uma crônica pode assumir no que diz respeito à política ou mesmo a críticas tecidas a certos órgãos

estatais responsáveis pela organização do país. Ao contrário do que se pensava, que a crônica era um produto descartável que mantinha sua durabilidade apenas nas páginas de um jornal que no dia seguinte serviria de embrulho, com o passar do tempo ela demonstra que tem muito mais conteúdo a ser disponibilizado do que imaginavam os críticos desavisados. Politicamente, ela contribuiu demasiadamente para as reflexões acerca de desmandos e atitudes que se mostravam reprováveis em contextos de descaso para com os problemas brasileiros. No tópico *Atmosfera política*: (P. 14), Sá comenta a respeito:

A magicidade da crônica está presente mesmo nos textos em que a atmosfera política torna o diálogo com o leitor mais referencial. (...) A atmosfera política reafirma, assim, o valor sociológico da crônica na construção do painel de uma época. Os recursos utilizados pelo cronista lhe atribuem o valor literário (...) imitando a estrutura das conversas, o cronista começa a falar de um tema (ou subtema) e acaba nos conduzindo a outro tema bem mais complexo, embora nem sempre imediatamente percebido por nós.

Encerrando sua explanação (P.34), a fim de discorrer sobre a função da crônica, Jorge de Sá a define em poucas palavras. Na concepção lírica do autor, este tipo de texto exerce a função de aprofundar a notícia, dando a ela variados contornos que possibilitem reflexões plausíveis a respeito de um determinado assunto. Sendo assim, em hipótese alguma a crônica pode ser taxada como produção superficial, uma vez por trás de sua aparente simplicidade se esconde uma profundidade capaz de brincar com as situações mais sérias com o objetivo de desnudá-las.

Portanto a função da crônica é aprofundar a notícia e deflagrar uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós no mundo em que vivemos e morremos, tornando a existência mais gratificante.

Nosso destino é morrer. Mas também é nascer. O resto é afluência ou frivolidade do espírito.

O que ocorre em **Quarto de despejo** é algo similar à visão exposta pelo especialista. A autora não lança mão apenas do discurso da crônica que é utilizado nos jornais mas o adapta a suas reflexões requerendo do gênero o melhor que ele pode oferecer enquanto porta-voz das situações do cotidiano. Com posse de um espaço físico adequado, uma cronologia condizente com as exigências para a exploração de uma dada rotina e o aproveitamento máximo do instante em questão, o diário inicialmente se apresenta enquanto crônica de uma cidade e de moradores da favela do Canindé que têm muito a dizer a partir das experiências detalhadas. Assim como as melhores crônicas que foram eternizadas na literatura brasileira, **Quarto de despejo** atinge seus objetivos ao

documentar, historiar, complementar situações diárias que ainda não foram devidamente catalogadas num tom até certo ponto de reportagem com exímio trabalho de introspecção e desabafo. Cria-se, assim, uma espécie de identidade¹⁷ que começa a ser formada por intermédio de anotações que se assemelham muito à crônica produzida nos jornais quando um repórter procura se valer dos recursos que tem em mãos para melhor explorar o cotidiano que o envolve e que por vezes o influencia pelo fato de ele mesmo, em algumas circunstâncias, fazer parte da história contada.

Nesse contexto, no quesito crônica Carolina Maria de Jesus surpreende ao se assemelhar a uma jornalista ou a uma repórter que recorta seu cotidiano em busca de questionamentos. Ela se compromete em delinear meticulosamente o espaço, a respeitar a cronologia, sendo extremamente cuidadosa quanto à construção do texto privilegiando o instante e não poupando críticas aos políticos para denunciar as irregularidades observadas em seu entorno. As críticas e comentários referentes a essas autoridades em **Quarto de despejo** demonstram que muitas soluções poderiam ser encontradas em circunstâncias que teoricamente não apresentavam saídas imediata. Tal qual um manual de sociologia inicialmente escrito sem pretensões de grandes reflexões, o diário capta intenções de homens ligados ao poder que vivem de promessas e as incute na mente de pessoas despreparadas culturalmente que acreditam em suas ideias. Mal sabem eles que os grandes observadores vivem no meio do povo e estão aptos a descrever até mesmo em forma de crônica as mentiras propagadas principalmente em épocas de eleição.

No que concerne mais especificamente à construção textual, **Quarto de despejo** prioriza essa construção e, muito mais que singelos relatos, sustenta-se enquanto obra que arquiteta e escava ao mesmo tempo a vida de um narrador inquieto que manifesta seu drama existencial. Até mesmo pelo fato de o diário ser construído sem grandes recursos gramaticais ou estilísticos que encheriam os olhos dos gramáticos mais puristas, a obra ganha em dimensão social na medida em que fala as verdades guardadas até então por pessoas que realmente tinham autoridade para dizê-las. Com bem explana Manuel Bandeira, aquele modo de falar não poderia ser inventado. Ele é adequado à construção do texto ao utilizar ferramentas que se expressam com pouco material em relação à quantidade mas se sobrepõem à qualidade em termos de concisão e observação arguta do

¹⁷ Embora a identidade seja mencionada timidamente nesta parte do trabalho, e apareça com maior intensidade na segunda parte contribuindo com as reflexões referentes à memória e ao passado, à constituição do pacto autobiográfico e na biografia escrita pelos bairros, ela será alvo de aprofundamento na terceira parte. Registramos apenas, no momento, sua importância na elaboração da crônica principalmente no que diz respeito ao instante, fio condutor desse tipo de texto.

cotidiano. Estamos, de fato, de acordo com Jorge de Sá: ao lermos uma crônica estamos acompanhando a construção de um quarto (nesse caso de despejo) onde o cronista guarda seus segredos e solidão.

Um dos textos posteriores a **Quarto de despejo**, *Favela*, é avaliado como crônica devido ao trabalho primoroso com a linguagem e às demais qualidades requeridas ao gênero das quais a autora lança mão para relatar o despejo de famílias que residiam naquela área. No entanto, seu primeiro diário cumpre os quesitos da crônica ao trabalhar com uma linguagem adequada que o aproxima da crônica devido à rica abordagem realizada. Tomando como referência principalmente o texto *Favela*, a pesquisadora Rafaella Andréa Fernandez em sua tese de doutorado **Poética de resíduos** (P. 55) tece a seguinte consideração acerca da obra de Carolina Maria de Jesus:

As narrativas puídas de Carolina de Jesus refletem o mundo das contradições, carregado de impressões entretecidas quando mostra os acontecimentos do cotidiano do ponto de vista do observador, mas sempre procurando trazer, junto, a voz do outro. Daí a aproximação de alguns de seus textos ao gênero crônica moderna, como entendida por Antonio Candido: aquela que margeia o ensaio ou o texto jornalístico (1996), como se pode constatar em seu texto “Favela” (2014).

Por esses motivos, esse primeiro diário caroliniano cumpre os requisitos que o inserem na tradição da crônica brasileira. Não apenas pela linguagem mas pela visão de mundo que, focalizada no presente, não descarta outras temporalidades e se compromete com uma reflexão de qualidade que pode ser observada nas melhores crônicas produzidas por nossos grandes cronistas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade ou pelo mestre Rubem Braga, que se valeram de todos os recursos disponíveis para legalizar o produto que em si mesmo era desprovido de valor. Se pensarmos no título do diário já visualizamos nele um tema de reflexão que se desdobrará em subtemas que reproduzirão o cotidiano em recortes inimagináveis. Entretanto, não é somente ao presente que esta obra se entrelaça ao ser arquitetada cronologicamente. Devido ao registro da temporalidade, os fragmentos do diário se tornam ainda mais comprometidos com o passado ao detectarem acontecimentos que se constituem em memórias de um tempo que acumula experiência através do conjunto de relatos. Tal abordagem desenvolveremos ao próximo tópico.

SEGUNDA PARTE: QUARTO DE DESPEJO E AS VÁRIAS FACETAS DA MEMÓRIA¹⁸

¹⁸ Pensando nas questões concementes à memória, achamos prudente buscar uma definição do conceito antes de iniciar a discussão propriamente dita. Os demais tópicos que serão tratados, veículos artísticos por onde se propaga a memória, como autobiografia e diário, serão tematizados no decorrer desse estudo, razão pela qual não os definiremos aqui de forma mais sistemática. Achamos conveniente, no entanto, dar uma definição de confissão, termo consagrado especialmente por Santo Agostinho que não fará parte diretamente da abordagem nesta pesquisa como fio condutor do diário de Carolina Maria de Jesus., embora possa ser encontrada na autobiografia e nos diários enquanto propagadora da memória, como bem ressalta o verbete de Massaud Moisés em seu Dicionário de termos literários. Recorremos então a ele para as definições que seguem abaixo:

CONFISSÕES: (P. 83): *advogar, reconhecer uma falta.*

“Designa um relato pessoal, inscrito no espaço da autobiografia”, do diário” e das memórias”, não raro em mescla, já evidente no título da obra, já no seu conteúdo. À semelhança dessas unidades limítrofes, o foco narrativo é o da primeira pessoa do singular, mas diversamente delas, sobretudo da autobiografia e do diário, não se presta obediência à cronologia.

(...) O tom não é de quem abre o reservatório da memória ou o caderno das anotações suscitadas pelo dia-a-dia, senão de quem franqueia os labirintos da alma para extravasar, sem restrições, os transe da situação crucial que lhe agitou a existência.

Do mesmo modo, na visão de Massaud Moisés as memórias mesclam-se à autobiografia e se adequam aos diários, muitas vezes quando estes adotam o tom de confissão. Basta extrairmos de tais memórias as melhores formas de manifestação para aproveitarmos melhor seu caráter reflexivo. Nesse sentido, valores como o pacto biográfico, que será explorado nessa discussão, fazem toda a diferença quando se trata de uma autobiografia.

MEMÓRIAS (P.279):

“Movendo-se no espaço ocupado pela autobiografia”, pelo diário” e pelas confissões”, as memórias distinguem-se por constituir um relato na primeira pessoa do singular que visa a reconstituição do passado, com base nas ocorrências e nos sentimentos gravados na memória, segundo as duas formas (a voluntária e a espontânea) que pode assumir. (P. 280): Distorcido pela memória, o passado transfigura-se como processo inventado, uma vez que o instinto reside menos no pacto autobiográfico estrito do que na reconstituição do que nas lembranças que restaram do fluxo e refluxo dos dias. Não estranha que, ao dispor-se a registrá-la, o autor adote uma perspectiva semelhante à de Proust ao “imerso em busca do tempo perdido”: ao rememorar os dias vividos, sabe que a sua visão é subjetiva, por vezes idiossincrática, mesmo quando se trata das outras pessoas com quem lhe foi dado conviver”.

No que se refere à arte, a memória também ocupa um espaço de reflexão que nos ajuda a pensar sobre as variadas atribuições dessa modalidade. Na revista *Remate de males* dedicada exclusivamente à memória (Literatura como uma arte da memória), organizada por Marco Selligmann-Silva, no artigo Os naufrágios da memória a pesquisadora Lisa Block de Behr (P. 33) nos apresenta uma definição interessante ao afirmar que

Segundo as circunstâncias que os termos acumulam às quais o uso não costuma atender e o dicionário aspira a organizar, em mais de uma língua, memória _ às vezes com uma marca de gênero, às vezes prescindindo dessa distinção _ designa tanto a “faculdade psíquica por meio da qual se retém e recorda o passado”, “o escrito, a dissertação escrita sobre qualquer matéria

Chorei, como nunca chorei na vida. Porque precisava desabafar. Chorei, tanta mágoa naquela hora, que a tristeza foi indo embora antes da derradeira lágrima rolar. Chorei porque vinha trazendo minha alma sentida. Eu chorei pela última vez nessa vida. Para nunca mais chorar.
(Márcia, *Chorei*)

2.1. Considerações iniciais sobre a memória. As várias facetas que transitam em testemunhos, confissões ou belas recordações

Falar do passado implica trazer à tona recordações que nem sempre se mostram favoráveis à reconstrução do ser humano após experiências dolorosas ou traumáticas. Via de regra, tais lembranças podem machucar e deixar feridas que não cicatrizam com o tempo devido à profundidade de seu corte na alma que na maioria das vezes acompanha o indivíduo em parte de sua existência. Em alguns desses casos, a solução encontrada para exorcizar esses fantasmas do passado é a escrita, seja na poesia, na narrativa, no teatro e demais vertentes artísticas. O ser consumido pela dor encontra forças no ato de escrever para rememorar situações que o fazem repensar sua trajetória, recolocando-o no presente e projetando suas expectativas para um futuro que nem sempre é enxergado como promissor se as feridas ainda não cicatrizadas forem tão doloridos a ponto de impedir uma reconstituição total em termos de regozijo social e interior. Lançando mão de recursos variados propiciados pela escrita, geralmente na forma de narrativas que evocam o passado, o escritor procura consolidar sua busca tendo como material de apoio autobiografias, diários, memórias fluídas, testemunhos, relatos orais etc. que exteriorizem a intimidade ou um grito preso na garganta que liberte minimamente o oprimido da dor que o aprisionou. A partir de experiências coletivas ou individuais, o passado pode ser revisitado e dele extraído experiências que conduzem a um aprendizado e a reflexões que fazem com que o escritor compreenda um pouco o lugar que ocupa no espaço habitado.

Na literatura em particular são muitas as formas encontradas por autores esmagados pelo passado para expor seu sofrimento. As autobiografias, por exemplo, tentam expor o melhor e o pior de seres que se sentem à vontade para falar de dramas

que se trate de expor” ou, com marca de plural, o livro em que o autor diz narrar sua própria vida ou acontecimento dela.

Nesse contexto, registra-se a amplidão da memória bem como a plurissignificação a que ela é submetida ao desenvolver inúmeras funções dentro da arte e no panorama cultural no qual está inserida.

incompatíveis com a harmonia que se pretende conquistar no processo de escrita. Por intermédio dos fragmentos que insistem em acompanhar a vida desses indivíduos, o ser dilacerado pela dor elenca motivações que, segundo ele, foram responsáveis pela desarmonização de seu passado, resultando em falhas que impediram a realização de metas traçadas, além de abrirem brechas para defeitos que afetaram seu caráter e imperfeições não percebidas no momento da realização de certos feitos que julgava procedentes até então. Dessa forma, ele se dá conta de que falsas alegrias não passavam de enganos desencadeados por uma emoção inconsistente e por sentimentos que nem sempre puderam ser identificados num processo de autoconhecimento que não proporcionou o alívio almejado no cotidiano conturbado. Mesmo com tanta carga negativa que pode advir do ato de escrever, ainda é notório que o rememorador tenta encontrar momentos de paz ao caminhar em direção a uma suposta cura interior que o ajudará a enfrentar os dilemas que o futuro lhe trará.

Estabelecendo um possível diálogo com Walter Benjamin, tomando como referência seu texto *narrar e curar*¹⁹, guardadas as devidas proporções de gênero e condições de propagação da narrativa, no ato de contar histórias se dá a cura do ouvinte. A narrativa se reveste desse poder reparador e confere ao receptor da narrativa certo refrigério que o estimula a novas experiências. No caso do escritor que evoca seu passado como se narrasse sua trajetória para fins de autoconhecimento, ele é o dono dessa trajetória mas, ao se colocar frente a frente com os dilemas que o atormentam, enfrenta obstáculos e passa a se compreender melhor bem como o mundo que o rodeia. O resultado pode não se dar de forma prazerosa como as histórias contadas por Sheherazade nas *mil e uma noites árabes* mas pode promover em alguns casos a cura no sentido de fazer com que o indivíduo se reorganize interiormente e redescubra seu lugar na sociedade lutando por uma recolocação social que lhe foi tirada em razão da soberania dos poderosos.

Nesse autoconhecimento pretendido pelo ser que almeja a reconstrução interior, deve-se levar em consideração o fato de que a cura pode não se tornar tão eficaz, por exemplo, quando se trata do testemunho de refugiados de guerra ou de vítimas do

¹⁹ Nesse ensaio, Walter Benjamin discorre sobre o poder da narrativa no intuito de devolver ao ouvinte a sanidade perdida. Toma como referência **As mil e uma noites** relatando que Sheherazade, com a intenção de salvar as mulheres de seu reino que eram assassinadas pelo sultão diariamente, se comprometeu a poupar o restante delas assumindo o posto de narradora, contando durante mil e uma noites uma história ao rei que era interrompida no seu ápice. No final de tudo, o rei se mostrou curado de seu ímpeto assassino devido ao poder da narrativa que impõe seu efeito curador através da palavra. Distintamente do paciente que está no divã do analista, que fala para ser curado, o sultão apenas ouvia mas estava sujeito ao poder transformador da palavra. De certa forma, quem escreve também se vale desse poder e consegue se posicionar de modo a reviver experiências que o farão modificar suas intenções diante da vida que segue.

holocausto que devido aos traumas e desgastes psicológicos sofridos em determinados combates não conseguem se desvencilhar das maldades cometidas. Nesse caso, sua condição de sobreviventes os prende ainda mais ao passado e quase os impede de retomar a vida sem marcas que tendem a não cicatrizar. No entanto, exorcizar os fantasmas através da palavra pode se constituir num exercício de reparação que alivia as torturas sofridas no corpo e na mente. Na maioria das vezes, a parceria com a arte é fundamental para a liberação dessa voz no intuito de extrapolar os limites do sofrimento.

Refletindo acerca dessa concepção dos horrores sofridos em guerras e aprisionamentos que ocasionaram momentos traumáticos, muitos escritores buscaram apoio nos diários, os quais foram utilizados para transcrever situações de preconceito e intolerância de variados níveis que se manifestaram nos textos em forma de testemunhos. Tendo ainda como pano de fundo o holocausto e seu meio mais cruel de execução, os campos de concentração, encontramos nos relatos testemunhais, individual ou coletivamente, requintes de crueldade e agressividade registrados pela memória de sobreviventes. O clamor desses desvalidos se fez notório, além dos diários, em livros, manifestos, filmes, músicas, peças de teatro e inúmeras produções artísticas que não pouparam esforço para delatar a criminalidade que ultrapassou todos os limites de sofrimento a que um ser humano poderia suportar.

Nesse caso muito específico, no que diz respeito aos testemunhos as memórias traumáticas são analisadas com elevado apuro, já que sua repercussão entre as pessoas pode configura uma espécie de exagero que se sobrepõe a todos os limites impostos e aceitos pela história e pela verossimilhança. Isto ocorre pelo fato de tratar de procedimentos tão descomuns que fogem à credibilidade de qualquer indivíduo, mesmo que este tenha a mais prodigiosa imaginação para assimilar tanto horror. Devido a essa constatação, líderes nazistas afirmavam enfaticamente que a desumanidade a ser relatada dentro e fora dos campos de concentração era tão desprovida de verossimilhança que o mundo não acreditaria nos relatos em hipótese alguma. Os fatos ocorridos não se mostravam críveis o suficiente a ponto de serem assimilados, pois soavam como o ápice de uma crueldade que somente poderia ser praticada por selvagens sem ética, compaixão ou total ausência de amor ou empatia ao próximo. Felizmente, a força da memória foi maior e se comprovou que precisamos sempre estar atentos ao ser humano e suas atitudes, olhando para o lado social com visão crítica e clínica na tentativa de escrever nossa história não abrindo mão de valores que exigem respeito, cidadania e solidariedade.

Mas não é somente de experiências dolorosas que as lembranças se alimentam. Tendo necessidade dessa exposição intimista, muitos autores optam pelos diários compromissados com a leveza, enquanto outros lançam mão de formas diversificadas que levam às confissões, arrolando anotações presentes que no final da produção resultarão na compreensão de uma existência repleta de grandes emoções que acumularam alegrias incontáveis. Mesmo nos diários mais corriqueiros e pretensamente descompromissados pode-se notar a exploração de momentos singulares que determinam o comportamento de uma personalidade que se construirá num futuro não muito distante. O ser que recorda pode achar alento em simples rememorações que exaltam o passado, enaltecem a infância e formam um ser capaz de projetar um futuro acolhedor. São memórias refrigeradoras que impulsionam o rememorador ao autoconhecimento em razão de experiências marcantes e decisivas para uma nova estação. Com certa leveza, a rememoração pode ser acompanhada de alegrias e certa harmonia transmitindo ao leitor a força que tem o passado na reconstrução de momentos singulares. Momentos lúdicos também se mostram eficazes através de lembranças ocasionais como é o caso das recordações de Rubem Braga disponibilizadas na primeira parte desse trabalho, fazendo de sua infância um arsenal de boas e belíssimas memórias que fixam em sua mente todo o frescor inscrito na infância. Nem sempre os diários são autobiográficos mas podem se constituir em riquezas que auxiliam na avaliação de um passado e de um presente repletos de significado a ser desvendado.

Incorporadas a esse universo, as confissões também podem conter um teor de contentamento mesmo quando apresentam atos de contrição que designam uma busca que satisfará exclusivamente a alma. No caso da confissão mais afamada, a de Santo Agostinho, o sacerdote confessa seu amor por Deus e se mostra desolado pelo fato de se considerar um mísero pecador e não praticar o amor de modo mais eficaz. No entanto, existe também a alegria dessa peregrinação no instante em que o santo se dá conta de que o regozijo poderá ser concretizado em decorrência dessa entrega que exige renúncia aos prazeres da carne como prova de devoção. O pecado do passado serve, nessas circunstâncias, para o refrigério do presente que modifica o sacerdote e faz válida sua reflexão. Todo crédito é atribuído a Deus como se a justificativa da busca residisse na impossibilidade de continuar a viver no pecado e ausente do poderio divino, estando condenado a ter um futuro de miserabilidade ao optar pelas práticas anteriores.

Entre essas vertentes, a obra de Carolina Maria de Jesus se destaca por apresentar características variadas que conduzem à memória. Valendo-se da crônica no presente para

refletir sobre acontecimentos decisivos, o texto se transforma em recordações que acompanham a escritora mesmo depois da saída da favela do Canindé, momento em que ela consegue publicar seu livro e se projetar no cenário cultural alcançando também notório reconhecimento internacional. Restam apenas memórias que podem adquirir um contorno autobiográfico através da forma de expressão escolhida para recolher suas emoções: o diário. No texto caroliniano é difícil traçar apenas uma vertente que represente o passado, já que um pouco de autobiografia, memórias soltas, confissões e testemunho se inter cruzam na tentativa de a autora expor experiências dolorosas. Ela se vale de recursos díspares para alimentar sua alma de lembranças e fazer de suas recordações a arma mais possante para não perder o controle de sua existência.

Na tentativa de sinalizar as características mais significativas da obra de Carolina Maria de Jesus que nos conduzirão à discussão sobre a memória, propomos numa primeira abordagem a exploração de traços autobiográficos, tendo especificamente como ponto de partida o diário enquanto obra literária de relevância incontestável para a produção de fragmentos concernentes à exploração mnemônica. Abrimos mão de relacionarmos o diário da autora a confissões por entendermos que o distanciamento do gênero é grande ao avaliarmos, por exemplo, os objetivos condizentes às reflexões de Santo Agostinho que se distanciam do universo de Carolina. Além disso, quanto ao caráter testemunhal (embora façamos menção no próximo tópico da classificação da obra de Carolina Maria de Jesus enquanto literatura de testemunho representando o Brasil na década de sessenta ao fazer parte de uma revista dedicada ao gênero) não achamos oportuno comparar ou nivelar o diário a experiências traumáticas experimentadas no holocausto e em outros tipos de catástrofes que marcaram com requintes de crueldade um período sombrio da humanidade. Reconhecemos, porém, que a experiência de Carolina, desencadearam determinados traumas decorrentes, por exemplo, da fome que a acompanhou durante parte de sua existência e do abandono social que a rotulou. Por esses motivos, nosso recorte basear-se-á nos estudos acerca da autobiografia, do diário enquanto veículo condutor de traços biográficos e mnemônicos e numa abordagem mais abrangente acerca da memória no que diz respeito a seu efeito qualitativo enquanto agente de transformação dos seres. Remeteremos ao testemunho apenas enquanto agente que nos ajuda a compreender minimamente as reivindicações de Carolina Maria de Jesus enquanto detentora de uma condição narrativa que presencia certos fatos e os incorpora em seu diário a fim de esclarecer comportamentos que ela própria considerava indignos de um ser humano na medida que feriam certos códigos de conduta.

2.2. A autobiografia como portadora de significado. O diário como meio de veiculação de traços autobiográficos

Quando se fala em autobiografia pensamos, provavelmente, em textos que se referem ao passado trazendo à tona experiências íntimas que corroboram para uma compreensão mais aprofundada do estado de espírito ou do dilaceramento do narrador. Ainda mais quando o veículo de propagação desses sentimentos é um diário, na maioria das vezes o leitor espera entrega total de seu autor, relatando momentos de tristeza ou de alegria que atribuíram significado a sua trajetória. No caso de Carolina Maria de Jesus não foi diferente. Provavelmente, devido a seu histórico de infância e de pobreza, a autora não planejou produzir seu texto em forma de diário como uma meta literária a ser trilhada e nem mesmo escrever sua autobiografia de modo sistemático como se espera de especialistas que se propõem a essa empreitada. Entretanto, podemos encontrar em seu texto traços autobiográficos, intimidades dolorosas que revelam seu comportamento frente a situações pessoais destrutivas, além de colocar em evidência as atitudes de uma comunidade que não pode ser desvinculada da vivência da autora, contribuindo para suas reflexões e memórias de um passado conturbado.

Semelhantemente à recepção da crônica no panorama cultural e literário, a autobiografia sofreu com acusações desmedidas ao ser taxada de gênero baixo que não estava à altura das grandes expressões artísticas. Foram necessárias grandes transformações para que se reconhecesse o valor desse tipo de narrativa a ponto de inseri-lo entre os gêneros de grande valor no cenário cultural. Caso compartilhássemos do julgamento inicial proferido à autobiografia, desavisadamente poderíamos inferir que Carolina Maria de Jesus se valeu somente de gêneros de baixa estirpe literária para esboçar sua visão de mundo, motivo que a desqualificou nas rodas de escritores renomados. No entanto, tais gêneros mostraram-se devidamente apropriados para desvendar a intimidade de variadas personalidades de prestígio que deles se utilizaram. Seguindo essa trilha, a autora brasileira explicitou sua visão social acerca do espaço físico que habitava (a favela do Canindé) e da metrópole que a “despejou” (a grande São Paulo com seus arranha-céus e ânsia de desenvolvimento) sem se importar se o conteúdo que estava sendo produzido cairia ou não no gosto das elites que prestigiavam textos de natureza erudita..

Alguns registros resgatam com precisão o histórico da autobiografia desde seu desprestígio até o momento de aclamação em que o preconceito é rompido devido a necessidade de comunicação imposta pelos novos tempos. Para acompanharmos melhor o histórico da autobiografia, lançamos mão das observações de três pesquisadoras (Elaine da Conceição Silva, Rafaella Andréa Fernandez e Germana Henrique Pereira de Souza) que se debruçaram no estudo do diário de Carolina Maria de Jesus e se valeram de informações acerca do insucesso e da ascensão da autobiografia para discuti-los em seus respectivos trabalhos. Apesar de existirem alguns pontos convergirem nos apontamentos das pesquisadoras, outros elementos são acrescentados no intuito de somar informações ao leitor acerca do gênero.

Em **A violência social na obra de Carolina Maria de Jesus**, Elaine da Conceição Silva relata a função da autobiografia dentro dos círculos literários chamando a atenção para sua aceitação gradual enquanto gênero de relevo, abrindo precedentes para outras formas de expressão como os diários. Estes seriam decisivos na exploração da intimidade de pessoas de diversificadas áreas célebres e de grande expressão social. No tópico *o gênero autobiográfico* que consta em seu segundo capítulo (apud Carlos Esteves, P. 11), ela nos informa:

Quem primeiro refletiu sobre a autobiografia foi Georges Gusdorf, que a analisa como uma questão filosófica de existência, sem focá-la como um gênero em si. Assim, a partir da publicação do grafia na França (1971) e O pacto autobiográfico (1975), que Philippe Lejeune incluiu a autobiografia no sistema literário e passa a analisá-la também por seu valor estético (CARLOS, ESTEVES, 2009, p. 11). Segundo Lejeune (2008, P. 14), a autobiografia é uma narrativa e, como tal, deve ser analisada: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua vida individual, em particular a história de sua personalidade. Portanto, havendo o predomínio de uma dimensão literária, essas outras formas de “escritas do eu”, como o diário, por exemplo, devem ser reconhecidas como literatura. Assim, o critério definidor, que explicaria essa forma de escrita, é a identidade entre autor, narrador e personagem que, no gênero autobiográfico, é desempenhada pela mesma pessoa. Essa relação de igualdade seria o que o autor resumiu como o “pacto autobiográfico”.

No que diz respeito à ascensão da autobiografia, o estabelecimento do pacto autobiográfico é fundamental para dar vida a essa literatura, íntima por natureza. A identidade entre autor, narrador e personagem deve ser firmada e fortalecida a fim de que o gênero tenha a recepção almejada e se constitua enquanto portador de histórias específicas que se concretizam a partir da exposição de segredos até então bem guardados. Recorrendo aos autores Ana Maria Carlos e Antonio Roberto Esteves, Elaine Silva insere Carolina Maria de Jesus nesse processo de escrita autobiográfica que também se

consolida devido à intervenção do jornalista Audálio Dantas, o qual contribuiu com a seleção de trechos decisivos do diário que configuraram de forma nítida a visão de mundo da escritora. O olhar de Audálio Dantas na concepção de Silva foi decisivo porque reuniu trechos considerados por ele exemplares no sentido de relatar o cotidiano da favelada e da favela sem dar margem a repetições desnecessárias que em nada acrescentariam às revelações de Carolina. O produto final é significativo porque envolve a construção de uma respeitável identidade, elemento já anunciado no estabelecimento do pacto autobiográfico que pode ser percebido nas anotações carolinianas..Um dos aspectos mais importantes sinalizados pela pesquisadora refere-se à interpretação do passado que configura o pacto autobiográfico e reforça essa identidade sobretudo em **Quarto de despejo**, primeiro diário de outros que viriam para complementar o acervo. Para a autora da tese (P. 11):

*A escrita de literatura íntima, segundo Ana Maria Carlos e Antonio Roberto Esteves (2009), envolve a “construção” de uma identidade, pois ao reelaborar o passado, o autor constrói uma imagem de si, melhorada, com omissões e até mesmo mentiras sobre determinados fatos, assim o texto autobiográfico não é sinônimo de verdade, mas é apenas uma interpretação do passado. É claro que Carolina nos fornece a sua interpretação da vida dentro e fora da favela, em seus diários, mas ao ser transposta para o livro **Quarto de despejo**, essa interpretação contou também com a visão do editor Audálio Dantas, que selecionou, construiu, direcionou o que seria interessante vir a público.*

Rafaella Andréa Fernandez²⁰ em sua tese de doutorado recorre a alguns apontamentos sobre autobiografia para situar a obra da escritora num panorama vinculado ao passado e à memória corroborando com a motivação das queixas de Carolina em relação a seu universo conturbado. Relembra também Phillipe Lejeune para estabelecer os princípios que justificam esse tipo de narrativa tão impactante. Apoiando-se no diário, um dos suportes de veiculação dessa literatura íntima, o teórico adverte que muitas vezes a escrita funciona como tábua de salvação para quem se debruça sobre o sofrimento, revivendo fatos que o impulsionam a se reconhecer e amadurecer mediante os fracassos passados. Do mesmo modo que Adélia Prado declarou em seu livro **Bagagens**²¹ “a poesia

²⁰ Rafaella Andréa Fernandez defendeu em 2015 no Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas a tese intitulada **O processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Ela denomina a obra da autora de uma poética de resíduos, título que a conduziu a um exímio trabalho de crítica genética através da sondagem de manuscritos, fotocópias e arquivo que a ajudaram a traçar um perfil da autora em suas variadas facetas de manifestações da memória e demais variantes.

²¹ *Guia*, poema que faz parte do livro **Bagagem** de Adélia Prado, compondo a coletânea de **Poesia reunida**. São Paulo: ARX, 1991.

me salvará”, é possível observar nas palavras do crítico e na trajetória de Carolina de Jesus esse caráter de salvação, já que a escrita se constituiu em forte aliada na carreira da escritora, sendo ela também poeta conhecedora do ofício da produção escrita. Além disso, como enfatiza LeJeune, o ser que rememora escreve para sofrer menos e apresentar uma imagem de seu passado. Se não fosse o poder restaurador da escrita, talvez o sofrimento se mostrasse mais contundente e dilacerasse o narrador deixando-o inerte quanto às possibilidades de exposição das memórias. Talvez nem mesmo fosse possível a amostra de parte do sofrimento guardado. Na concepção do crítico francês (FERNANDEZ apud LEJEUNE, 2015, P. 267, 268): “Em *L, autobiographie*, Lejeune (1988, P. 225-226) sugere que o autor que redige uma autobiografia apoiando-se num diário tende a esquecer detalhes do vivido e tenta encontrar uma imagem desse passado mais adequada ao seu presente. A fim de sofrer menos, escreve para reviver”...

Torna-se relevante ainda, a partir dessas considerações, relembrar o caráter que para o crítico é de suma importância na regularização dos moldes da autobiografia, servindo quase como um preceito a fim de que o gênero se consolide: o *pacto autobiográfico*, que (P. 268), “segundo Lejeune, pode ser definido como : “Pacto de verdade” na relação do escritor com aquilo que ele escreve”. É preciso que exista uma cumplicidade entre as experiências apresentadas pelo escritor e ele mesmo de tal modo que quando elas forem transpostas para o papel transmitam ao leitor certa verossimilhança a fim de que haja qualidade suficiente na recepção capaz de divulgar com excelência a história de vida de quem se expõe.

As ideias de Lejeune também são compartilhadas por Germana Henrique Pereira de Souza em sua tese de doutorado **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata**. Ela discute a importância da autobiografia no diário, assinalando acertadamente que traços biográficos podem ser sinônimo de qualidade literária valorizando assim o processo de criação. É o que acontece especificamente com **Quarto de despejo**, estendendo-se aos diários posteriores criados por Carolina Maria de Jesus. Com o apelido de escritora vira-lata, a catadora de papel é retratada por Souza como alguém que escreve um “estranho diário” (produção que reúne os diários da escritora em um único volume) na medida em que a escrita extrai dela o melhor e o pior de sua existência, passando pela infância em Sacramento (Minas Gerais), perambulando pela metrópole paulista até chegar a residir na favela do Canindé e de lá sair para o lançamento de seu livro que a conduz à habitação em uma “casa de alvenaria”, espaço em que quase termina seu calvário. Nessas andanças, o espaço físico representado tanto pelo campo

como pela favela na cidade grande assume papel preponderante na vida da “escritora vira lata”, estando amplamente comprometido com a “veracidade” que ela tenta transmitir a seu leitor. Através desses espaços, vem à tona a condição social que causa estranheza e desconforto nos leitores ao se depararem com pessoas que vivem em condições tão sórdidas. Esse desarranjo é experimentado até mesmo pelos moradores que chegam na favela e não imaginam a luta social desigual que lá travarão. Nesses aspectos, o diário de Carolina Maria de Jesus é elucidativo e corresponde às maiores expectativas do leitor mais exigente que está interessado nos percalços de sua trajetória. No terceiro capítulo de sua tese (*O estranho diário de Carolina Maria de Jesus*, P.173) Germana Henrique Pereira de Souza explana a respeito da constituição do diário, o qual, para nós, nada deixa a desejar no que se refere ao pacto autobiográfico teorizado por LeJeune:

Nos estudos acerca de Carolina Maria de Jesus biografia e autobiografia se entrecruzam: biografia pois sua história de vida para muitos críticos suplanta a sua criação estética; e autobiografia, porque a gênese, da criação literária da autora está intrinsecamente à criação de um espaço autobiográfico. De fato, o estudo da obra literária de Carolina exige que se leve em conta os determinantes biográficos que estão em sua origem. Todavia, tampouco é possível pautar o estudo apenas por eles, um risco sempre presente no horizonte da crítica. É preciso, pois, não negligenciar nenhum dos dois lados da questão. O diário de Carolina abre o espaço para o crítico estudar e compreender a sua obra por meio da autorreflexão que a autora faz dentro dele. Nesse texto, também uma criação estética, vemos que o cotidiano da autora, sua condição social, é fator determinante de sua construção literária, daí a autora referir-se a ele como estranho diário.

A existência de traços biográficos e autobiográficos na construção literária dos autores poderia ser suficiente para enaltecer a obra de Carolina Maria de Jesus, engrandecendo sua contribuição à literatura brasileira e mundial, já que o livro **Quarto de despejo** foi traduzido em diversos idiomas. Em sua defesa acerca da produção autobiográfica, Germana Souza vai mais além ao mergulhar nos estudos de Lejeune e se depara também com o desprestígio atribuído inicialmente a esta literatura mesmo com todos os recursos estilísticos e estéticos disponibilizados pelo gênero e com a força do pacto autobiográfico. Retomando esse aspecto do desprestígio já mencionado por Elaine Silva, o que choca não é o fato do descrédito literário mas as motivações que acentuaram o preconceito e incentivaram a rejeição desse conteúdo enquanto criação artística de alta qualidade. Germana Souza elenca com pertinência seguindo as considerações do crítico francês as motivações que levaram as autoridades literárias da época a classificarem a autobiografia como gênero de baixa estirpe. Uma das justificativas compartilha a ideia de que a autobiografia se consolida enquanto narrativa que explora, sobretudo, o universo

feminino, como se a escrita proveniente dessa fonte fosse alvo somente da publicação de futilidades ou devaneios decorrentes de mulheres desocupadas. A segunda justificativa reside no fato de que a autobiografia é um gênero baixo e por esse motivo não tem dignidade o suficiente para se equiparar às demais produções de quilate mais valioso. Por último, acredita-se no argumento que afirma ser o texto autobiográfico um depósito de futilidades. Este último veredito de reprovação, sobretudo, contribui para que o preconceito parta das mais elevadas camadas sociais e literárias. Como se não bastasse o universo feminino ser retratado como fútil e vazio, todos os demais conteúdos produzidos por autores dedicados a essa escrita teriam esse rótulo, sendo, portanto, incapazes de serem comparados aos textos já consagrados. São resistências que se propagaram com o objetivo de impedir que determinado tipo de gênero não fosse digerido por um público que teoricamente não passava de uma elite artística que definia gostos e padrões. Ao elegerem critérios que definiriam a qualidade textual, essa elite certamente desconsiderava as transformações que se impunham a favor da modernidade. Souza ressaltava essas resistências tomando como referência a visão de Lejeune acerca da trajetória da autobiografia (P.173):

Segundo Lejeune, 3 tipos de resistência à autobiografia:

1) Uma resistência social: “A autobiografia é um gênero plebeu, feminino, infantil, ou seja, um gênero baixo”. (...) 2) Uma resistência ético-psicológica: “A autobiografia é um vício e uma doença”; 3) Uma resistência estética: “A autobiografia é uma facilidade (enquanto a arte requer trabalho e elaboração), e sobretudo, é um absurdo (arte requer que se vá além do individual para se ativar o geral).”

Apesar dessas resistências, a autobiografia passa a ganhar prestígio em decorrência de transformações tecnológicas que garantiram sua permanência enquanto gênero de relevo, igualando-se aos demais em qualidade e obtendo respeito por parte das autoridades literárias. A invenção e consagração do rádio e da televisão, por exemplo, foram indispensáveis para a consolidação desses textos que hoje em dia são aplaudidos. Na sequência (P. 177), Germana Souza discorre acerca da progressão autobiográfica, apontando avanços tecnológicos que impulsionaram essa ascensão. Nesse momento de grandes modificações, a noção de vanguarda, atrelada às conquistas psicanalíticas que cresciam em adesão, estava intensamente vinculada às manifestações artísticas, propondo renovações que seriam impactantes no século XX no intuito de repensar valores até então exaltados pela tradição:

(...): A evolução da autobiografia no século XX está ligada, segundo Lejeune, ao progresso tecnológico, à disseminação do rádio durante a guerra e ao advento da televisão. A palavra autobiografia encontra finalmente, nesses veículos, um espaço focal. “ A banalização progressiva do pensamento psicanalítico, o desenvolvimento da palavra autobiográfica no rádio, pós 1945, e na televisão, nos anos 60, e na história oral (1966), comercialização do gravador portátil com fita cassete)” contribuíram para que “a autobiografia passasse da retaguarda para a vanguarda” (Lejeune, 1998, P. 19).

Com a aprovação e constante circulação desses textos íntimos que durante muito tempo carregaram negativamente tantos estigmas, a autobiografia comprovou, através do século XX e dos tempos pós-televisivos, que a sua função não se limita somente a fatores externos, expondo a vida e curiosidades de certas personalidades num tom acentuado de fofoca, mas que seu compromisso também está relacionado a um primoroso trabalho com a memória ao colocar em evidência as mazelas da existência humana ou as alegrias dela. Nesses termos, não se trata de um gênero baixo, de perspectivas limitadas que satisfaz apenas o entretenimento de algumas mulheres que buscavam deleite em experiências fúteis para passar o tempo. Esteticamente, ela se sustenta e oferece possibilidades a variadas camadas sociais que queiram se valer de suas memórias para trazer à tona questionamentos de várias e variadas ordens. O entrelaçamento da autobiografia com o passado e com a história evidenciam largamente o comprometimento de quem se ocupa desse tipo de atividade para melhor expor as experiências que julga pertinentes à exposição.

Perseguindo essa vertente que devolve ao texto autobiográfico sua dignidade literária, valendo-se dos argumentos de Bella Josef (P. 179) Germana Souza ressalta ainda o caráter ambíguo da autobiografia que se mostra muito vivo no processo histórico ao registrar o modo como o ser que narra reage ao mundo que o cerca e como este funciona enquanto elemento de ressonância. Não dá para descartar entre esses elementos certo “pacto autobiográfico” que se fortalece no sentido da permissão dessa troca tão produtiva no ato da escrita.

Segundo Bella Jozef, a autobiografia supõe um duplo enfoque: como o eu reage ao mundo e como o mundo reage ao eu”. Dessa forma, segundo Bella Josef, em (Auto)Biografia: os territórios da memória e da história, a autobiografia sempre procura espaço entre o discurso da história (por seu efeito memorialístico, sua relação com um certo passado e sobretudo por sua ficção de credibilidade) e o discurso do sujeito, pelo espaço egocêntrico que poderia instaurar (JOSEF, 1997, P. 22).

A partir dessas premissas, caminhamos para uma constatação de suma importância para os estudos autobiográficos. Apoiando-se mais uma vez em Bella Josef, Germana Souza ressalta mais adiante que é possível assumir na escrita nada mais que uma ilusão de veracidade tendo em vista a posição no mundo assumida pelo narrador, haja vista que o resultado obtido diz respeito somente a uma imagem de si, não correspondendo à totalidade de sua experiência. Na visão de estudiosos do gênero autobiográfico não se pode exigir veracidade da parte do eu narrador, pois no texto somente se detecta uma interpretação do passado que se molda à visão (pessoal ou de mundo) e à exposição íntima de quem transmite a imagem propriamente dita. Diante da complexidade da vida e dos fatos é impossível e até mesmo inadmissível tomar os acontecimentos narrados como verdades absolutas. Mesmo se firmando a eficácia do *pacto biográfico* é importante deixar bem claro que certos limites cercam o texto como se pode notar na inexactidão de ocorrências que, ao serem reveladas, podem passar ao leitor certas dúvidas acerca de sua legitimidade. Não nos esqueçamos de que está em jogo a imagem do narrador, a qual pode ser falseada de acordo com as condições impostas pelo discurso. Na sequência, Souza (P 193) discorre com propriedade acerca da autobiografia e das claras fronteiras impostas pela escrita:

A autobiografia tem como característica a narrativa retrospectiva, a fixação da imagem de si, a simplificação, a artificialidade da unidade do “eu”, e por essa razão, é limitada. Com efeito, como fazer crer numa narrativa de vida realizada de forma cronológica, quando todos nós deparamos com a complexidade da vida? É porque se estabelece no texto uma ilusão de veracidade. A ordem cronológica da autobiografia é uma imitação do gênero biográfico que, querendo fazer a narrativa de uma vida, a transforma em objeto, transforma o narrador em historiador.

Isso tudo se torna mais complexo quando a autobiografia é produzida num diário, depositário da memória que explora a interioridade do eu emissor. Segundo Lejeune, o laço existente entre o autor, narrador e personagem deve permanecer estável e bastante fortalecido a ponto de se manter a identidade criada na exteriorização do passado. Nesses termos, um diário bem construído ou minimamente estruturado deve atender a esses requisitos a fim de se constituir como mantenedor ou portador do trabalho de escrita íntima encetada pelo eu que narra. Continuando na trilha de Lejeune, Souza (P. 211) endossa o argumento do crítico ao concordar que (...): “para que haja autobiografia é preciso que haja identidade do autor, do narrador e do personagem (Lejeune, 1996, P. 15). (...) no diário também é inegociável a identidade entre autor, narrador e personagem”.

Tendo como suporte essas exigências pactuais, ao tratarmos do diário de Carolina Maria de Jesus ficam claras as evidências de que seu trabalho com a escrita está muito próximo da autobiografia, atendendo a seus requisitos básicos, estabelecendo o pacto autobiográfico de acordo com as imposições e características do gênero que levam em conta a total harmonização existente entre autor, narrador e personagem. Além de se expor sem medo de contar seus dramas pessoais, Carolina também menciona de forma até virulenta o grupo do qual faz parte na favela do Canindé, deixando claro que em certa medida depende do outro e de seu olhar para se autoconhecer. Tendo em vista esse duplo olhar, autor, narrador e personagem juntam-se aos demais componentes da comunidade para buscar nos acontecimentos relatados pelo menos essa ilusão de veracidade que seja satisfatória e assim construir uma identidade adequada ou compatível com o teor narrativo em andamento. Sem esse grupo não há coesão possível para que se reconheça na autora qualquer indício de identidade enquanto ser que clama por seus direitos.

No que se refere ao grupo que constituía a favela do Canindé, a autobiografia poderia perder terreno e o texto adquirir um tom heterobiográfico predominante, perdendo, com isso, os objetivos de um trabalho centrado no eu. Sendo assim, o diário de Carolina não poderia contar a experiência da narradora do modo que se propôs a fazer. Ele teria outro tom ao privilegiar a luta de classes de um grupo específico que talvez deixasse de lado a história da protagonista sem valorizar a alteridade que é tão bem trabalhada na obra. Através dessa construção que valoriza os conflitos entre os opositores, despontam as desventuras de Carolina ao mesmo tempo em que seus oponentes ocupam lugar privilegiado nos relatos selecionados. Mesmo que seus companheiros a instiguem a sair daquele lugar a fim de se livrar de tantas mazelas que procedem de pessoas aparentemente indesejáveis, ela não pode renegá-los ou extirpá-los de seu passado e muito menos de sua convivência. Nesse sentido, os traços heterobiográficos passam a constituir na dosagem exata essa narrativa tão rica de pluralidade sem perder de vista os objetivos principais dos acontecimentos. Isso enriquece ainda mais o texto, uma vez que este não se prende a um determinado gênero mas transita por variados espectros literários sem se prender a regras geris que o empobreceriam.

Antonio Candido em emblemático estudo dedicado a um certo período da literatura brasileira (*Poesia e ficção na autobiografia* in **A educação pela noite**) fala sobre a autobiografia distinguindo as características desta em relação à heterobiografia. Conciliando sua abordagem com o posicionamento do crítico, Germana Souza afirma que a obra de Carolina Maria de Jesus não apresenta a predominância de apenas um gênero

mas que nela podem ser encontrados fragmentos variados que a enriquecem e propiciam o conhecimento de grande parte de sua existência e do coletivo que a rodeia. Nesse caso, auto e heterobiografia convivem harmoniosamente sem causar qualquer prejuízo ao texto. Evocando o crítico (P. 215, 216), a pesquisadora nos diz: “Podemos dizer, segundo Candido, que a obra de Carolina tem características de heterobiografia — porque é generalizadora, descrição de lugar e descrição de grupo —, mas também de autobiografia, porque é particularizadora, destaca o indivíduo e suas experiências” (Candido, 2003, P. 57)”.

Caminhando para suas conclusões com embasamento nas leituras de Antonio Candido, a estudiosa da obra caroliniana (P.217) aponta outro importante aspecto do diário sobre o qual reflete. Ela afirma, a partir de minucioso estudo que uma certa objetividade não deve ser descartada na leitura do texto. O leitor mais atento verificará que a narrativa possui características de relatório²² ao colocar em evidência os fatos ocorridos na favela com larga objetividade, reforçando ainda mais as observações de Antonio Candido acerca da heterobiografia. Nesse relatório despretenso, que a princípio não apresenta nenhum valor estético, a história de São Paulo vem também na contramão e reforça ainda mais o descaso social por parte de autoridades e órgãos públicos que deveriam se responsabilizar pelo bem social dos pobres. Trata-se da violência social registrada subjetiva e objetivamente em páginas amareladas e perdidas no barraco que na verdade se constituem em relatórios bem qualificados que num certo sentido precedem os relatórios sociais que, ironicamente, hoje são produzidos em larga escala pelos assistentes sociais. Estes profissionais, pioneiros na implantação de mecanismos que auxiliariam os pobres quanto à amenização de suas mazelas, na época da publicação do livro foram alvos de pesadas críticas por parte de Carolina Maria de Jesus quanto à eficácia. no atendimento às classes desfavorecidas e às soluções que eram esperadas para a contenção dos problemas enfrentados nas regiões mais carentes. Para Germana Souza,

²² É curioso notar as críticas que Carolina Maria de Jesus tece à atuação do serviço social quanto ao cumprimento de suas tarefas básicas. Ironicamente, os assistentes sociais redigem seguidos relatórios no decorrer de sua profissão, os quais são intitulados de relatórios sociais, descrevendo as condições de vida de pessoas com baixos recursos financeiros que enfrentam as mais diversas dificuldades. Carolina age, estilisticamente, de maneira semelhante; pois seu texto consistente adquire o tom de um relatório social na medida em que ela apresenta com visão crítica os acontecimentos da favela e traça um diagnóstico acerca desses problemas. Tivemos a oportunidade de ministrar aulas de produção de textos no curso de serviço social acompanhando a elaboração e interferindo na correção de relatórios ainda em fase inicial, já que se tratava de alunos que cursavam o primeiro ano de graduação. Aproveitamos no referido curso a oportunidade para trabalhar o diário de Carolina Maria de Jesus propondo, a partir da leitura da obra, a produção de relatórios temáticos condizentes à situação explorada pela autora.

(...) o diário de Carolina vai além da observação das fronteiras de uma vida interior. O tom objetivo no contar, naquele momento do texto que Candido chama de heterobiografia (o mundo e as pessoas são narradas no texto em primeira pessoa de forma objetiva, ou seja, em terceira pessoa), revela que se trata de uma tentativa objetiva de contar o mundo em que vive, atua. Daí a forma que, por vezes, beira a de um relatório dos eventos da favela, feito em terceira pessoa.

Esta afirmação reforça ainda mais a consistência dos traços autobiográficos que podem se mesclar a outros nesse tipo de narrativa. No que concerne à autobiografia, ela não perde seu caráter de intimidade em detrimento da objetividade dispendida no texto, já que se trata de uma construção do eu que busca na memória subsídios para a afirmação de seu passado. Pelo fato de o diário de Carolina Maria de Jesus ser agraciado por esse aspecto particularizador, ele se enquadra na construção dessa identidade que procura ouvir a voz interior para condicionar sua memória ao mesmo tempo em que não despreza a experiência do outro que ocupa o espaço de permanência. Nesse sentido, na visão de Germana Souza as narrativas autobiográficas cumprem um papel indispensável no quesito de construção da identidade do ser, obedecendo a um discurso próprio na manifestação do eu ao selecionar e privilegiar fragmentos que justificam o teor dessa exposição particular. Eis a definição que ela fornece a respeito de narrativas que se prestam a esse tipo de rememoração. (P. 219):

Narrativas autobiográficas: o relato de vida (oral ou escrito) é uma construção discursiva, uma vez que seleciona, privilegia, destaca momentos e experiências do sujeito que narra. Ao fazê-lo, ele estabelece uma ordem na "desordem", que é a memória, o turbilhão de sentimentos, enfim, faz uma hierarquia daquilo que construiu o passado de uma existência. Toda narrativa autobiográfica é uma "construção a posteriori de um eu".

Nesse contexto no qual a autobiografia se insere fica evidente que um dos veículos mais difundidos de exploração da memória ou do passado foi o diário, responsável pelas anotações feitas por personalidades ou pessoas anônimas que conseguiram encantar os leitores com excentricidades ou deixar marcas na história devido a feitos memoráveis. Em muitos casos tais fatos, por mais interessantes que fossem, não teriam a menor possibilidade de repercussão sem a proliferação dessa ferramenta. Talvez as anotações não chamassem a atenção dos leitores mais exigentes. Muito menos as reflexões mais dolorosas que envolveriam massacres, guerras, traumas ou catástrofes teriam espaço caso os diários não adquirissem o respeito que passaram a desfrutar. Nem mesmo as pessoas

que registraram nas páginas de um diário as situações mais desconfortáveis ou desconcertantes teriam noção do alcance desses textos enquanto alertas ao combate de atrocidades que precisavam ser combatidas e documentadas a fim de conscientizar grandes parcelas da população a respeito de atos de barbárie recorrentes. Tal qual a autobiografia, os diários²³, inicialmente, sofreram preconceitos de variadas espécies, sendo acusados de serem veiculadores de gêneros menores sem qualquer valor literário ou compromisso com a elevada criticidade que se esperava das literaturas canonizadas. Sobre isso, Germana Souza (P. 197, 198), por intermédio das considerações de Jacques Lecarme, explicita um pouco a questão atrelada a essa rejeição assinalando com mais ênfase a evolução do gênero tendo em vista a publicação de textos cuja autoria se atribuía a personalidades literárias de elevado prestígio que até então não tinham noção de que a alta exposição traria boas ou más consequências em termos de publicidade. Mediante tal repercussão, os diários passam da esfera privada a domínio público em condições bastante favoráveis:

O diário, para Jacques Lecarme, sofre uma evolução ao longo do tempo, de obra destinada ao segredo e à esfera privada, ela ganha pouco a pouco o domínio público, com as publicações, sobretudo, dos diários das grandes figuras literárias, uma vez que o diário, destinado a uma necessidade do registro do cotidiano, não tinha uma intencionalidade literária, não representava um ato literário.

No entanto, muito mais que registros da vida íntima de figuras célebres e escritores, ao ser reconhecido seu valor literário o diário adquire contornos específicos que o filiam à subjetividade, já que passa a ser valorizado como principal veículo de transmissão da literatura produzida por autores que desvendam seus segredos mais íntimos, quebrando, assim, a barreira entre o público e o privado. Os literatos passam a

²³ Os diários podem conter as mais diversas curiosidades. Desde aqueles produzidos sem nenhuma intencionalidade aparente, como é o caso do **Diário de Anne Frank**, nota-se futuramente que os resultados foram surpreendentemente superiores à expectativa empenhada por sua autora. O texto não apresentava apenas observações esparsas de uma adolescente que dividia um espaço secreto com a família e outras pessoas para fugir dos perigos da guerra mas põe em discussão todo um período de horror que desembocou numa grande catástrofe cujo foco principal foi a perseguição aos judeus. Não dá para descartar o panorama histórico que pode ser averiguado na visão de mundo dessa adolescente irlandesa. Outros diários, como por exemplo os de Virginia Woolf, preocupam-se em detalhar a atmosfera cultural que percorria aquele período, relatando as produções literárias, os encontros entre amigos escritores, bem como o estado de espírito destes, que demonstra suas inconsistências psicológicas, inclusive no caso da autora cujo desalento resulta em suicídio. Outros diários, como os de Kafka, especialmente os de viagem, mantêm um tom de descontração que nos apresenta outras facetas do autor em momentos empolgantes com seus amigos. Seja como for, é inegável o apelo que este tipo de obra exerce sobre os leitores, fazendo-os conhecedores não somente de intimidades de escritores, personalidades e até anônimos mas propiciando também momentos de reflexão e conhecimento que muito enriquecem a vida dos adeptos desse tipo de leitura.

dar preferência aos diários de modo geral, almejando a procura por uma identidade que poderia ser detectada no ato de escrever. Levando em conta essa particularidade, os narradores depositavam nesse exercício rotineiro o alívio para as suas mazelas. Seguindo a presente linha de raciocínio, o diário de Carolina Maria de Jesus pode ser vinculado a esses fundamentos, pois o seu desabafo somente encontra ressonância na escrita que a salvaria de uma mesmice passiva diante dos fatos que a atormentavam. A autora é detentora de uma subjetividade que, registrada em páginas amareladas encontradas no lixo, acrescenta reflexões que valorizam o caráter social de sua dor enriquecendo o conteúdo textual com memórias indelévels. Num momento em que o diário achava-se em ascensão e requeria um respeito por parte de algumas autoridades que não o enxergavam com um olhar de aprovação apesar de seu visível avanço, Carolina de Jesus soube fazer uso desse instrumento para proclamar sua literatura da forma mais simples e consciente que encontrou a sua disposição. Na visão de Germana Souza (P. 207, 208), a autora de **Quarto de despejo** acompanha significativamente a afirmação do diário enquanto criação, inserindo-se num momento adequado dessas conquistas literárias:

Consequentemente, seria no embate entre ficção e realidade, no desafio às fronteiras da literatura que o diário se estabelece como criação literária, cuja particularidade poderia ser encontrada aí, mas também na trajetória do sujeito às voltas com suas próprias fronteiras internas. A escrita do diário é o desenrolar interno de uma subjetividade que, quadro a quadro, dia a dia, busca o autoconhecimento, e no caso Carolina de Jesus, a descoberta de uma vocação.

Nessa ambiência, a autobiografia pode ser melhor compreendida como um produto envolto em um emaranhado de significados que transportará as memórias, lembranças e recordações no interior de um texto que se concretizará nas páginas de um diário. Muito mais que simples relato autobiográfico, a memória tem um peso que justifica o desabafo do ser que lança mão de seus recursos na escrita, podendo esta ser revestida de maior intensidade ao deixar fluir experiências passadas contínuas ou descontínuas.

Maior que a riqueza que circula nas autobiografias e nos conteúdos dos diários que já produziram textos primorosos, é a contribuição da memória na construção dos textos. Muitas vezes é atribuído a ela e a seus efeitos a responsabilidade de protagonizar determinados acontecimentos. Ao evidenciá-los, pode-se deparar com a sustentação social da qual a memória é revestida, lançando mão de todos os recursos disponíveis que atuam significativamente ao trazer de volta o passado com a função específica de

redimensionar em vários níveis o ser que busca por uma definição. São temporalidades que se inter cruzam no intuito de dinamizar os efeitos mnemônicos produzidos no processo de rememoração, bem como imagens e até insistentes repetições que contribuem, cada uma a seu modo, para o aprimoramento do sujeito que narra. No caso dos diários, especificamente, podemos sentir o quão valoroso é essa condição social outorgada pela memória quando esta protagoniza a história e aciona seus dispositivos.

2.3. A memória e as marcas indelévels na existência. O poder da palavra, da temporalidade, de imagens e repetições que dimensionam uma narrativa

A memória atua na transformação do ser humano de modo a ressignificar suas experiências no presente ao prepará-lo para situações futuras que o confrontarão em momentos decisivos muito íntimos ou diante de uma comunidade que cobrará dele determinadas atitudes. Seja num diário, em que o tom autobiográfico adquire total liberdade para se expandir intimamente ou em páginas libertárias, nas quais em algumas ocasiões o fluxo de consciência toma a dianteira para desembocar em lembranças singulares, é inegável que a fruição mnemônica provoca alterações no comportamento do indivíduo e os impele a um novo olhar sobre si mesmos ou a sociedade que os rodeia. Isso se deve ao poder vivo e atuante da memória como um todo, que se avizinha de relatos e memórias orais, crônicas e outros elementos afins para colocar em destaque fragmentos até então não revelados pelo depoente, seja num diário, num livro mais complexo ou em simples anotações que aparentemente não valerão enquanto texto de boa qualidade.

De acordo com Ecléa Bosi em seu livro **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA** (BOSI, 2003, P.15), “A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”. Nesse sentido, crônica e memória se entrelaçam, dividindo o mesmo espaço interno, criando certa dependência que contribui para a reconstituição do ser que anota seu percurso. Embora em determinadas situações tais anotações possam estar desordenadas em alguns aspectos, elas podem conter uma disciplina que invalida qualquer deslize possível na descrição dos acontecimentos. No que diz respeito ao diário que é objeto de nosso estudo, percebe-se que no final das reflexões as anotações reunidas se transformaram num rico acervo de memórias que coletaram informações preciosas (até mesmo imprecisas em determinadas ocasiões) do passado, conscientizando a autora de seu presente e amadurecendo-a para situações que deveria enfrentar posteriormente. De simples crônicas os textos passaram a configurar recordações significativas que registram

os momentos de dificuldade na favela e os embates pessoais vivenciados que só puderam ser enfrentados devido ao poder que a escrita exerceu na vida dessa “despejada”.

A memória no diário dessa escritora instigante se justifica por certa mobilidade discursiva que privilegia a palavra como centro da formação do eu. Ao mesmo tempo que recorda instantes marcantes de sua trajetória, a autora remodela sua existência de modo até mesmo poético ao transmitir através da narrativa certo lirismo talvez mais próximo da visão de Baudelaire (eram as “flores do mal” do cotidiano que estavam em evidência) do que dos poetas líricos mais tradicionais (como um Casimiro de Abreu, o qual fazia parte do rol de poetas românticos prediletos de Carolina Maria de Jesus) que conservavam a beleza e a harmonia enquanto estilo de vida e literário.

Na discussão acerca da “poética de resíduos”, na qual a obra de Carolina de Jesus é classificada com essa denominação, Rafaella Fernandez apresenta uma bela definição a partir do resultado de pesquisas realizadas em arquivos que não apenas atestaram certo caráter documental dos textos carolinianos como também revelaram muito seu valor estético em oposição aos comentários de uma crítica literária mais conservadora. São resíduos de uma vida que se poetiza absorvendo esse lirismo grotesco e que até certo ponto abrem mão desses valores tradicionais encabeçados por poetas clássicos, culminando em trechos conturbados que merecem uma reflexão mais minuciosa acerca desse cotidiano tão estranho no qual essa escritora está inserida.

Partindo da ideia de espólio literário adotada por Rafaella Fernandez, acreditamos que a expressão se adequa perfeitamente à visão de resíduo, uma vez que Carolina nos apresenta em seus fragmentos, nem sempre completos, restos de reflexões que se ajustam ao presente na tentativa de projeção de um suposto futuro. Nesse emaranhado temporal de sensações, a palavra é essencial e funciona como acionadora da memória imbuída da qualidade de trazer à tona fatos escondidos e interiorizados que ganham vida ao se tornarem explícitos na luta entre o público e o privado. Cria-se, então, um discurso específico que enceta todo esse processo mnemônico responsável pelo sucesso dessa interiorização. Na concepção da pesquisadora (P. 24),

De certo modo, a disponibilização do espólio literário de Carolina de Jesus gera uma memória poética, já que esses documentos permitem novos desvendamentos quando interpretados e quase poetizados por nós leitores-autores, sobretudo ao serem visualizados pela crítica literária. Passa-se a olhar esse passado em movimento ou em aberto, de posse desse presente agora partilhado (...) O registro passa a narrar, pois a memória não é mera depositária de lembranças mas é aquela ferramenta que nos permite começar com graça outro passado. Praticando uma re-interiorização do vivido, e uma

inauguração do ser através da palavra, a linguagem caroliniana instaura-se pela capacidade de memória, um voltar ao ponto de partida para dar princípio à vida: “no princípio era o verbo”, e se há verbo é porque há um princípio, um discurso.

Abaixo, Fernandez conclui magistralmente a reflexão sobre o poder do verbo na criação literária de Carolina Maria de Jesus, chamando a atenção para esse caráter inovador que projeta o futuro num momento literário singular. Percebe-se na obra da escritora um movimento de temporalidades que utiliza presente, passado e futuro fazendo com que as memórias possibilitem ansiar um futuro próximo ou distante, repleto ou não de encantamento, já que a autora almeja sair da favela em busca de uma vida que substitua seus percalços negativos, embora não tenha certeza se de fato o sucesso a acompanhará e quais serão as consequências desse afloramento. Apoiada nesses elementos, Rafaella Fernandez levanta hipóteses a respeito desse passado de Carolina e nas suposições que estão disponíveis a ela em razão de sua virada intelectual.

Carolina de Jesus parece arquivar um futuro, desejando ficar para a posteridade, (...), sempre recomeçando um novo passado (...). Assim, vemos em sua obra o presente se fazendo eternidade peremptória. Seu processo criativo é um projeto disparador, de ideias e reflexões, mas também de busca do embelezamento e de encontros com a literatura.

Carolina Maria de Jesus tenta descrever com certa naturalidade algumas passagens mais marcantes, mas é inevitável que nos registros as repetições prevaleçam, muitas vezes, devido à imprecisão do narrador que encabeça os acontecimentos com certa ansiedade em detalhá-los ou até mesmo por pequenos deslizes que persistem em aparecer em razão do esquecimento. Além disso, podem existir outros componentes como atos falhos ou imprecisos no que se refere à clareza quanto a datas ou encadeamento dos fatos. Em alguns momentos, de acordo com o desenrolar da narrativa, o trabalho com a memória se consolida imageticamente e essas imagens, a princípio, dão conta de procedimentos que conferem singular significado à recordação. Raramente encontramos no diário de Carolina Maria de Jesus trechos em que a autora recorre a imagens passadas para dar vazão a lembranças grandiosas ou que valessem a pena sua exposição. Em poucas passagens, algumas imagens são criadas por ela e até cumprem o papel de mascarar uma certa realidade quando, em circunstâncias muito especiais, aludem à natureza ou relatam sonhos da personagem com lugares suntuosos que contrastam com a favela. Ao contrário de um possível deleite que a imaginação poderia proporcionar, essas alusões não descartam a amargura do ambiente opressor. Terminado o enlevo, volta-se a vivenciar a

dureza existencial com suas pesadas atribuições. Esse tipo de predominância da memória que pode ser encontrado em grande parte de textos destinados à recordação é denominado por Bergson de memória pura.

Em oposição a esse tipo de memória, segundo Bergson outra vertente pode se manifestar nos textos acionando mecanismos de repetições que não se valem de imagens para fins de compreensão textual. São repetições de atos, fatos, situações e hábitos como por exemplo os relatos de **Quarto de despejo** referentes à hora de despertar e à constância do trabalho diário que se inicia de madrugada com a atividade de buscar água regularmente. Para alguns leitores que enxergam um certo exagero na recorrência dessas tarefas sem aparentes novidades, tem-se a impressão de que a ideia transmitida é a de marasmo ou de rotina atravancada. No entanto, tais retomadas dão a dimensão exata do cotidiano dessa mulher que almeja sair daquela vida sem expectativas grandiosas a fim de não experimentar mais o desconforto enquanto sinônimo de resignação diante da ausência de futuro que estava traçada. As repetições não interferem na coerência ou na coesão textual da obra e muito menos desmerecem as reflexões da autora tirando-lhe o mérito da boa organização escrita de seu diário. Ao contrário disso: adequam-se ao tipo de vida registrada que funciona como um consistente documento do cotidiano de uma pessoa que passa por privações físicas e morais tendo que conviver drasticamente com as limitações impostas.

Lançando mão da classificação de Bergson quanto às modalidades de memória, Rafaella Fernandez registra em sua pesquisa de doutorado (P. 62) a importância da contribuição desses modelos mnemônicos na composição de uma obra literária. De um lado, a memória que se processa através das imagens (*memória pura*); de outro, a que se constitui por meio das repetições (*memória hábito*). Ambas desempenham seu papel de acordo com a necessidade textual.

Bergson (1999) postula duas qualidades de memória: a memória hábito e a memória pura. Esta é memória da lembrança, que necessita e usa as imagens para ser processada. A primeira, no entanto, funciona por repetição, por repetição do passado. Repete-o sem, contudo, ser o passado mesmo. Essa “memória hábito” usa o acervo das ações passadas para repetir os gestos no presente. Ela é utilitária. Está presente no corpo. É automática. E, como seu nome indica, é processada através do hábito. Seria o hábito “iluminado pela memória” mais do que a própria memória. Carolina de Jesus trabalha com essa memória hábito e empreende uma configuração radicular com outras aventuras do tempo, outras temporalidades que pedem passagem...

Nessas condições, a memória hábito se configura e pode ser considerada um dos fios condutores do diário de Carolina Maria de Jesus em termos de construção de sua poética. Além das repetições que podem ser encontradas em larga escala, no transcorrer da história determinados fatos são revividos até mesmo à exaustão a fim de não serem esquecidos para que o mundo se conscientize de certas atrocidades que necessitam vir à tona. Essas narrativas, orais ou escritas, funcionam como uma espécie de memória hábito, que, ao dispensarem muitas vezes as imagens devido a seu conteúdo de horror, revelam sofrimentos através de recorrências que destruíram vidas ou quase as exterminaram em situações catastróficas. Referimo-nos aos testemunhos de sobreviventes de guerras, guerrilhas ou de pessoas que enfrentaram discriminação em variados níveis e que com o passar do tempo encontraram forças para contar sua história em tom de denúncia. O tempo não apagou as cicatrizes que testemunham no corpo e na alma as perdas que tais pessoas tiveram em razão de seus traumas. Retomemos e aprofundemos, então, as questões relacionadas à literatura de testemunho e seu poder de resistência a um período de total brutalidade.

2.4. O valor do testemunho em cumplicidade com a memória

Enquanto faculdade autônoma, a memória adquire contornos e se presta literariamente à exposição de acontecimentos que nos ajudam a compreender fatos marcantes e dolorosos registrados, infelizmente (mas atendendo a essa necessidade ao cumprirem o papel de conscientização e reflexão que lhes é atribuído), pelas artes, história, sociologia entre outras áreas do conhecimento. Na maioria dos casos, diários, autobiografias ou memórias esparsas noticiam catástrofes aparentemente inacreditáveis que se valem do testemunho de sobreviventes para que se tornem críveis e adquiram um mínimo de verossimilhança. São repetições contundentes que envolvem requintes de crueldade que precisam ser expostos na tentativa de se manter um compromisso com os direitos humanos que garantam, minimamente, o cessar desses feitos bárbaros. Em relação a essas atrocidades, o cinema como também o teatro e outras artes não pouparam relatos que se aproximassem da crueldade praticada naquelas sórdidas condições, fazendo uso, inevitavelmente, de estratégias mnemônicas que ativavam o poder das palavras.

Na favela do Canindé o contexto é distinto e nem há a necessidade de imagens para entendermos a atmosfera de horror que por lá se formara. No entanto, em maior ou menor grau era possível se chocar com a brutalidade do ambiente. Quando os novos

habitantes relatavam a Carolina Maria de Jesus que aquele lugar era pautado por uma realidade inadmissível ou os visitantes diziam com asco que era inimaginável morar num ambiente como aquele, era porque eles estavam escandalizados com tanto horror a que os moradores da favela estavam expostos diariamente sem ao menos a possibilidade de serem atendidos mediante um grito de socorro. Havia um certo terror que pairava sobre aquele lugar desprovido de cuidados até mesmo higiênicos e caracterizava negativamente o espaço físico podendo ser verificado no depoimento de cada frequentador do Canindé.

.No tocante à literatura de testemunho, tendo como referência o diário em questão, podemos dizer que em certa medida o “testemunho” proferido por Carolina Maria de Jesus são relatos vivos da pobreza, de uma certa forma de “catástrofe” que se apoderou dos habitantes da favela naquelas condições de fome e de pobreza. A memória, nesse sentido, passa a ter maior abrangência no cumprimento de seu papel, pois não bastam repetições para legitimar as recordações, mas uma força maior que recorra a depoimentos que revelem com maior intensidade os sofrimentos que aturdiram o narrador. Comparativamente, não podemos dizer que a literatura escrita por Carolina Maria de Jesus tem as mesmas dimensões, por exemplo, da literatura de testemunho²⁴ que dá voz a sobreviventes do holocausto devido, principalmente, ao massacre e perseguição aos judeus encarcerados em campos de concentração que minaram tantas vidas indefesas além de terem pagado alto preço apenas por professarem sua etnia. Deixemos a eles, sobreviventes de inúmeros traumas, os registros que se incumbiram de propagar os sofrimentos atribulados da segunda guerra além da missão de informar ao mundo com mais propriedade os malefícios e consequências dessas catástrofes.

Um bom exemplo desses requintes de crueldade acha-se no do diário de Anne Frank, importante documento em que a adolescente tomou nota das barbaridades sofridas na segunda guerra mundial quando se encontrava com sua família e amigos num esconderijo. Em seu diário, Anne revelou a tensão e o medo que os dominou antes de serem delatados covardemente e posteriormente pegos pelos torturadores. Sobrevivente dessas atrocidades, o pai da adolescente pôde organizar o diário da filha e anos depois publicá-lo relatando quase na íntegra os mistérios do esconderijo que os abrigou. Além

²⁴ Quando nos referimos à literatura de testemunho, levamos em consideração uma produção específica, quase na totalidade oral, que resgata o sofrimento de prisioneiros que passaram por processos de diáspora, exílio, privações em campos de concentração, guerras ou guerrilhas ou se desgastaram física e emocionalmente com a ditaduras em seus países de origem, além de outras situações que se relacionam. As narrativas que se propagam com base nos fatos assinalado acima podem ser enriquecedor para os estudos referentes à memória que envolvem as mais variadas catástrofes.

disso, sua palavra enquanto habitante do ambiente secreto impactou fortemente os ouvintes da época bem como após a morte dos prisioneiros, pois não era um discurso vazio em busca de aplausos e sim o depoimento de quem experimentou na alma os impropérios da perseguição. Não tiremos a eles o mérito de tantos sofrimentos catalogados até hoje pelos historiadores mais atentos a esse período. Tomemos apenas de Carolina o registro de seus dissabores que num certo sentido testemunha seu infortúnio em outra dimensão e condições sociais levando em conta apenas reflexões que podem ser extraídas devido ao processo de atuação da memória que se reveste com determinada margem do testemunho.

Em estudos relativos à literatura de testemunho e sobre a memória num caráter geral, Márcio Selligman-Silva reúne em seu livro **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**, do qual é organizador, ensaios que instigam especificamente a discussão acerca do holocausto. Lançando mão de ângulos diferenciados de abordagem de pesquisadores, os ensaios se debruçam sobre o testemunho de sobreviventes que podem ser compartilhados em obras de autores que exploraram esse universo em romances, poemas e outras expressões artísticas que evidenciam os frutos e consequências deixados pelo desatino da guerra. Conforme informamos páginas atrás, a “loucura” dos líderes nazistas era tamanha e sem precedentes que na concepção de alguns algozes as atrocidades catalogadas e reunidas em livros ou diários seriam tão desconcertantes em razão da desumanidade dos atos praticados que as pessoas não dariam crédito a tanta maldade, podendo as histórias soarem como inverossímeis, apagando, assim, sua força de propagação. No entanto, a intensidade da memória se mostrou tão eficaz nas artes por causa da contundência dos depoimentos que as reminiscências foram espalhadas nos mais diversificados veículos artísticos e de comunicação como o cinema, a literatura e peças de teatro que se comprometeram em difundir a crueldade dos campos de concentração. Essa atitude foi didática no sentido de impedir que o germe do nazismo não procriasse com força ainda maior e arrebatasse os sentimentos de mais adeptos que embarcassem nesse novo mecanismo de doutrinação. Talvez essa visão hoje em dia possa ser considerada profética, haja vista a força do neonazismo que se propagou numa velocidade galopante nas últimas décadas contando com a adesão de seguidores de líderes neonazistas e governos autoritários com valores bem enraizados na ditadura

Embora as narrativas carregadas de elementos grotescos fossem desacreditadas por parte de autoridades nazistas, elas foram propagadas em diários e livros com detalhes

aparentemente inacreditáveis. Ao contrário do que projetavam esses facínoras, as pessoas, estarrecidas com tamanho abuso de poder e crueldade, passaram a dar crédito aos depoimentos, avaliando os relatos sociológica e historicamente, estudando suas causas e consequências e punindo com bases históricas os responsáveis pelo holocausto através de críticas e desabafos que condenavam esse triste capítulo da humanidade. Era a força do testemunho de pessoas que experimentaram de perto a dor, a miséria moral e sofreram física e mentalmente os maus tratos concebidos a elas somente por serem judias, sendo consideradas anátemas por pertencerem a uma estirpe teoricamente inferior.

Quanto a **Quarto de despejo**, que expõe parte da triste trajetória de Carolina Maria de Jesus num período de cinco anos (1955-1960), enfatizamos que a obra é singular no intuito de evidenciar que a escritora também sofreu os prejuízos causados pela desigualdade social e, assim como alguns sobreviventes (sendo ela mesma uma sobrevivente da fome e da miséria), encontrou na escrita forças para se recuperar. Fazendo parte da classe dos oprimidos, a autora ocupa uma posição de desfavorecimento que necessita de voz para denunciar a situação de descaso no qual foi abandonada pelos segmentos sociais mais destacados. Mesmo assim, ela ainda encontra um lugar de acolhimento nos anais da literatura de testemunho propriamente dita, uma vez que é mencionada numa revista literária especializada da América Latina, aproximando-se das intenções de lutas em prol das minorias ao colocar em evidência em seu diário grupos que encabeçavam a proposta de conscientização social na década de sessenta. Definindo os princípios da literatura de testemunho, sendo alguns já delineados nessas revistas, Márcio Selligmann traça um pequeno histórico do gênero que desabrochou em Cuba mas atingiu grande repercussão em outros países da América Latina. Ressalta a relação do testemunho com a luta de classes e com a situação dos oprimidos chamando a atenção para as tais revistas especializadas que propagaram essa nova modalidade de escrita. Em um desses periódicos aparece a referência a Carolina Maria de Jesus, que, embora não tenha a intenção de elevar a obra caroliniana à categoria de literatura de testemunho, admite que existem elementos que a inserem num modelo de luta de classes. Nesse material é identificado **Quarto de despejo** como documento histórico que avalia a situação de uma classe social desprestigiada por uma elite que persiste em rotulá-la como inferior. Em suas considerações (P.32), o pesquisador adverte que

(...) Dentro de uma perspectiva de luta de classes, assume-se esse gênero como o mais apto para representar os esforços “revolucionários” dos oprimidos, como afirmou Alfredo Algugarat. Daí porque Cuba teve um papel

*chave na institucionalização desse gênero. Esse país assumiu a liderança de um movimento de revisão da história, que passou a ser recontada a partir do ponto de vista dos excluídos do poder e explorados economicamente. A revista **Casa de las Américas** teve um papel fundamental nesse progresso. Foi ela que em 1970 criou o Primeiro Testimonio Casas de las Américas. O Centro Cultural Casa de las Américas, que havia sido fundado no próprio ano da revolução, 1959, criou uma revista com a função de estabelecer uma “ponte de comunicação com os países irmãos do continente”. Numa referência do número 3 da revista (out-nov; 1960) à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, já encontramos a noção de testimonio, ainda que com um valor mais de **testemunho histórico** que de literatura de testemunho. Sua obra é descrita como “testimonio social de grande importância para o conhecimento da situação de desamparo e miséria em que vive parte da população brasileira”. Nessa época, ainda se pensava o teor testemunhal como praticamente idêntico ao documental.*

No caso da literatura de testemunho é fundamental a atuação da memória em razão das provas que se mostram cada vez mais abrangentes nos depoimentos de sobreviventes de guerra, oprimidos ou integrantes de lutas de classe que foram torturados física ou psicologicamente. Nesse contexto, há a necessidade de curar as feridas na tentativa de reconstrução da personalidade. Em um dos ensaios que compõe o livro de Seligmann intitulado *O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto* de Roney Cytrymorsicz²⁵ é notório o poder da memória no sentido de embalsamar feridas que somente seriam cicatrizadas com cuidadosa reparação. Trabalha-se com a construção de uma subjetividade em construção que define o ser transformando seu autoconhecimento em matéria viva. Por esse motivo, o autor desse significativo ensaio (P.133, 134) nos adverte a respeito do caráter testemunhal e da força viva da memória que impera nos relatos desses sobreviventes no intuito de conferir-lhes uma identidade:

A memória procura um sentido e encadeia-o em outras construções que, do ponto de vista da identidade pessoal, fazem sentidos, criam nexos e explicações, constroem uma espécie de auto-história. A memória procura sempre apaziguar os conflitos, fechar as feridas, restaurar as ruínas, silenciar as dores; ela tem compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstituir uma vida, um futuro e isso por mais que ela conte das dores e das feridas.

É nesse sentido que a obra de Carolina Maria de Jesus pode se ajustar à literatura de testemunho. Se de um lado falta a densidade que há nos depoimentos dos sobreviventes, sobram elementos que corroboram quanto à identidade, à

²⁵ Texto inspirado no conto autobiográfico “A morte de meu pai”, publicado no livro *Holocausto: canto de uma geração perdida* do escritor Elie Wiesel.

subjetividade e a essa organização que a memória propõe ao restaurar as feridas por intermédio da escrita.

Mesmo levando em conta o posicionamento daqueles que admitem irrestritamente o caráter testemunhal da obra de Carolina Maria de Jesus, é importante também compartilhar outras visões que buscam no testemunho um viés mais particularizado. Para Germana Souza, por exemplo, o principal motivo de não ser possível a classificação da obra da escritora na categoria de literatura de testemunho diz respeito ao aspecto intimista assumido por ela. Se não há, por um lado, um afastamento total da favela e de seus habitantes, pois eles também são construtores de sua história, há um desejo de não pertencer àquele grupo e sim de projetar um futuro promissor não compatível com os anseios da comunidade. Embora exista um certo enraizamento, já que mesmo inconscientemente a favela define a escritora enquanto escória de uma sociedade ultrajada, ela não se dá conta totalmente de que aquele ambiente a marcou, condicionando-a e dando contorno a suas decisões mais importantes. Ela responde por seus atos, até porque desaprova o comportamento de seus “comparsas” quando se trata, em alguma medida, de atos ligados à criminalidade, à violência, à prostituição, maus tratos dos pais por parte de alguns jovens e até fofocas de vizinhos com o objetivo de denegrir a imagem de determinados moradores. Apesar de ter consciência desse condicionamento, para ela não há harmonia que justifique um acordo. Distintamente das lutas de classes que lutam em prol de um objetivo social ou político comum a sua comunidade, as aspirações de Carolina e dos demais habitantes da comunidade tomam rumos paralelos que não justificam uma luta de classes. Embasada em Beverly, Germana Souza (P. 222) relata que

Para Beverly, só há testemunho quando o emissor e os fatos relatados são reais e quando o narrador, sujeito do testemunho, representa uma unidade metonímica da experiência coletiva (apud Martins, 2002). Sendo assim, há uma diferença fundamental com relação ao narrador do testemunho e o narrador da autobiografia, aquele fala em nome da comunidade que representa, e este é o herói clássico, síntese do indivíduo burguês.

Apesar da ausência de parte desse caráter testemunhal que poderia ser a dominante no diário de Carolina Maria de Jesus, a memória mostra-se socialmente ativa, selecionando fatos que não negam um passado que vai se construindo em cada anotação. De simples crônicas corriqueiras aparentemente descompromissadas com a realidade, ela

se transforma em lembranças significativas que conferem certa autonomia à escritora no sentido de transformar a vida do eu que narra propiciando um novo olhar em torno de si mesmo e do outro que o ressignifica. Além da recorrência da memória hábito e de qualquer caráter testemunhal que justifique as lembranças da autora, existe uma força mais viva da memória que se enraíza e determina o passado Dialogando com Ecléa Bosi, estamos na fronteira entre a crônica e a memória, ou, mais especificamente, dando vazão à substância social desta, descrita pela pesquisadora em sua obra **O tempo vivo da memória**²⁶. Caminha-se, assim, para um processo de subjetividade que pode ser justificado devido a esse caráter mnemônico vivificante.

2.5. A memória e sua substância social. A configuração do ser atrelada a lembranças pessoais e motivadoras através dos bairros

Ecléa Bosi (P. 133, 134) nos adverte a respeito do fenômeno que cerca alguns indivíduos na tentativa de reestruturá-los, libertando-os, pelo menos parcialmente, da profundidade de suas feridas. Isso porque a memória permeia o espaço habitado, configurando-o e dando significado a ele através dos mais variados elementos e objetos que dele fazem parte. Mesmo que o emissor de suas experiências almeje ocultá-las, não é disponibilizado a ele este poder devido a certo enraizamento proporcionado pela força mnemônica que é um agente fundamental para a constituição da identidade. Segundo Bosi (P. 16), “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto.

(...) “Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade”

Além do passado, tempo indispensável para a afirmação de lembranças e reminiscências, existe o presente que deixa esvaír cada instante para que no seu escape se concretize a visão de que o acontecimento presenciado não nos pertence mais. É como se aquele que rememora no presente, escrevendo ou não, perdesse o controle de si ao não ter mais domínio sobre o tempo que inutilmente julga seu aliado. Não foi impunemente

²⁶ Em sua obra Ecléa Bosi discute os efeitos da memória em diferentes situações trazendo questões sociais e momentos históricos relevantes em que esta faculdade ocupou papel de destaque. Ela relembra com propriedade o holocausto chamando a atenção para os campos de concentração (especialmente o de Theresin Stadt) enfatizando o efeito lúdico criado nesse ambiente para disfarçar sua verdadeira intenção ao promover exposições artísticas, concertos e atividades culturais que consistiam em ludibriar os inspetores que tinham por intuito descobrir irregularidades ou possíveis maus tratos às pessoas que ali estavam. Discute também com propriedade os ensaios de Simone Weil, operária filósofa que muito contribuiu com as reflexões acerca da condição operária e da opressão. Em seu trabalho a pesquisadora procura resgatar a substância social da memória relatando o impacto que ela representa na reativação de lugares, bairros, objetos e particularidades que requerem sua intervenção.

que Carolina Maria de Jesus produziu suas anotações que de crônicas pretensamente inocentes se transformaram em memórias desprezíveis. Nesse transporte temporal se dá a conscientização por parte do autor de que sua história não lhe pertence mais ou que talvez nunca a tivesse dominado como imaginava. Na sequência de sua exposição (P. 20), Ecléa Bosi ressalta esta autoridade da memória no intuito de “roubar” do presente acontecimentos a partir do momento da recordação só terão significado no passado e se comporão de lembranças que isolam o ser, muitas vezes, da busca que almejava.: “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”.

Essa passagem que em parte acarreta perdas e prejuízos pode ser a chave principal para a formação da identidade do indivíduo, o qual feito parcial ou totalmente a partir da experiência de rememoração pode perder alguns componentes que faziam parte de seu mecanismo de controle do passado. Segundo Ecléa Bosi, pode ocorrer também um certo esgarçamento da memória que por vezes se torna prejudicial à constituição da identidade. As experiências podem até ser confortáveis mas talvez tenham a necessitem de passar por um processo de esgarçamento que compromete a constituição da identidade. Ao ter sua identidade confrontada, o ser que narra poderá se dar conta, dependendo da força do esgarçamento provocado pela memória, de que está diante do novo, de certo modo mais resistente para enfrentar suas lutas e dilemas se conhecendo melhor enquanto indivíduo que abriu mão de parte de sua história para construir outra mais significativa, sendo esta construída com maior ou menor grau de prejuízo no processo mnemônico. Na concepção de Ecléa Bosi (P. 24), ao ressaltar as oposições entre adensamento e esgarçamento pertinentes à memória, “Se a substância memorativa se adensa em algumas passagens, noutras se esgarça com grave prejuízo para a formação da identidade...”

Esse comprometimento é o responsável por certa descontinuidade que pode aparecer nas narrativas, ocultando detalhes ou fazendo com que o leitor não perceba fatos que aparentemente deveriam ser detectados. No texto de Carolina de Jesus, as inúmeras repetições também podem dar a ideia de um esgarçamento mnemônico bem como de falta de nitidez de alguns momentos que deveriam ser privilegiados, uma vez que contribuiriam para o detalhamento de determinada situação. Entretanto, o dinamismo dos acontecimentos pode sofrer interferência por parte das relações sociais fazendo com que o indivíduo seja tolhido ao querer reproduzir a totalidade de suas experiências. Na visão de Bosi (P. 24), “As coisas aparecem com menos nitidez dada a rapidez e descontinuidade

das relações vividas; efeito da alienação, a grande embotadora da cognição, da simples observação do mundo, do conhecimento do outro”.

A ausência de nitidez mencionada ganha mais relevo quando se pensa na narrativa que envolve luta de classes e no embate entre as classes dominante e dominada. Essa descontinuidade não tem a ver com a falta de capacitação do narrador em expor os fatos mas sim com certa animosidade que se observa entre esses dois segmentos sociais. Pertencente ao grupo dos dominados, Carolina Maria de Jesus narra sua história de acordo com os recursos que lhe são disponibiliza por seu histórico de vida e, se em alguns momentos ela não evidencia certas passagens do modo esperado pelo leitor, é porque suas possibilidades narrativas são compatíveis com a sua trajetória pessoal e social. Segundo Bosi (P. 25): “Se há uma relação que une época e narrativa, convém verificar se a perda do dom de narrar é sofrida por todas as classes sociais; mas não foi a classe dominada que fragmentou o mundo e a experiência; foi a outra classe que daí extraiu sua energia, sua força e o conjunto de seus bens”.

O esgarçamento das passagens que mereceu a atenção da pesquisadora pode ser uma das causas de as lembranças de Carolina serem motivadas pela dor, uma vez que na construção de sua identidade ela provavelmente ainda não se sentia confortável para abrir mão de acontecimentos “traumáticos” que a marcaram devastadoramente. Talvez os sentimentos estivessem rasgados ou desfigurados pelo tempo na tentativa de autoconhecimento. Mais que isso, estavam enfraquecidos na medida em que buscavam a construção de um novo ser que num certo sentido estava em situação de desagregação. Suas experiências são esgarçadas devido às condições sociais de pobreza e de miséria a que foi submetida e resultaram na construção de uma Carolina mais adequada à realidade da qual fazia parte naquele momento. Vivendo no seu presente pobre e desconfortável, a escritora descredenciada socialmente abre precedentes para que a memória a modele com toda a sua força de coerção, atuando na reformulação de seus pensamentos e na visão de mundo que a acompanharia ao deixar a favela e se iludir com a nova vida que teria fora dos limites da favela..

Ecléa Bosi (P. 30) aprofunda a discussão ao nos dar a dimensão da atuação da memória no terreno da subjetividade ao ressignificar a vida de um indivíduo: “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” Mais adiante, lançando mão das

teorias bergsonianas (P. 37), ela amplia o valor atribuído à subjetividade em parceria com a memória, cegando à conclusão de que ambas são fundamentais em cada etapa do processo de rememoração: (...) Segundo Bergson, (...) “A memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”

Esta força mnemônica, revestida com todos esses aparatos e recursos, está presente em alguns trechos do diário de Carolina Maria de Jesus. Se o esgarçamento é um dos princípios de atuação da memória, em algumas passagens o adensamento a torna mais atraente. As lembranças podem adquirir mais nitidez e se enriquecer de detalhes que propiciam uma visão de mundo mais consciente do ponto de vista do dominado, explorando sua subjetividade ao se colocar frente a situações perturbadoras que revelam as intenções ou até mesmo as verdades escondidas da classe dominante. Na passagem que transcreveremos abaixo, Carolina de Jesus se vale de uma lembrança de aproximadamente uma década que a marcou de tal modo que a estimulou a uma posterior reflexão. São momentos que ampliam as percepções do narrador da favela, uma vez que questionam as atitudes tidas como normais dos habitantes do asfalto, cabendo, no final do relato da cena, um comentário que denuncia o tamanho da dor que ela sentiu devido à constatação do tamanho da maldade humana.

Carolina de Jesus se recorda que no período em questão, (1949), houve uma enchente nos arredores da favela que matou uma criança inocente. Surpreendentemente, o fator que desencadeou essa morte tem a ver inicialmente com a falta de solidariedade dos vizinhos da área urbana que negavam água aos moradores da favela em dias de elevadas temperaturas. Como se não bastasse esse tipo de comportamento totalmente desprovido de humanidade, uma das mulheres que habitava a região abastada proferiu uma praga desejando que viesse uma enchente que exterminasse todos os favelados da face da terra. A enchente veio dias depois mas ao contrário do desejo dessa mulher levou seu neto de forma trágica. A reflexão de Carolina justifica-se na tentativa de entender o processo que envolveu a morte da criança, tentando buscar razões que dessem conta de explicar as atrocidades cometidas pelos seres humanos. Ainda pior foi a constatação de que determinadas atitudes eram tidas como normais (já que eram endossadas pela maioria dos habitantes dos arredores) como por exemplo negar água a uma pessoa simplesmente pelo fato de se encontrar numa condição de inferioridade social. Essa lembrança ficou muito viva nas páginas do diário, mostrando que a partir de uma retomada no presente o passado pode ser reativado com a força da memória. Certos comportamentos caracterizam um bairro e podem alcançar elevada repercussão simplesmente pelo fato de envolver seres

humanos separados pelo asfalto, os quais simbolizam ascensão econômica, estabelecendo contrapontos sociais e barreiras difíceis de serem transpostas.

(p. 56) – 8 de junho

—Eu queria água para fazer a mamadeira. Meu Deus, como é que nós vamos fazer sem água?

Nois íamos noutras casas, batíamos na porta. Ninguém respondia. Não aparecia ninguém para nos atender, para não ouvir isto:

—A senhora pode nos dar um pouco d'água?

Eu carregava água da rua Guaporé. Do depósito de papel. Outros trazia água do serviço, nos garrações.

Uma tarde de terça-feira. A sogra de Dona Ida estava sentada e disse:

—Podia dar uma enchente e arrazar a favela e matar estes pobres cacetes. Tem hora que eu revolto contra Deus por ter posto gente pobre no mundo, que só serve para amolar os outros.

A Tina da Dona Mulata, quando soube que a sogra da Dona Ida pedia a Deus para enviar uma enchente para matar os pobres favelados, disse:

—Quem há de morrer afogado há de ser ela!

Na enchente de 49 morreu o Pedro Cardoso, filho de Dona Ida. Quando eu soube que o Pedrinho havia morrido afogado pensei na decepção que teve a sua avó que pedia água, bastante água para matar os favelados e veio água e matou-lhe o neto. É para ela compreender que Deus é sóbrio. É o advogado dos humildes. Os pobres são criaturas de Deus. E o dinheiro é um metal criado e valorizado pelo homem (...). Se Deus avisasse a Dona Ida que ela por não nos dar água ia perder o seu filho para sempre, creio que ela estaria nos dando água até hoje. O Pedro pagou em holocausto o orgulho de sua avó. E a maldade de sua mãe. É assim que Deus responde.

Analizando ainda o poder da maldade humana, embasado na separação de classes, Carolina lança mão de outra lembrança bem mais recente que marcou seu passado e requer compreensão do ponto de vista da desumanidade. Trata-se da história de uma mulher favelada que esperando numa fila que lhe dessem comida, ao atingir seu objetivo julgou ter recebido de uma senhora de posses um pacote²⁷ contendo um alimento de qualidade. Isso provocou certo regozijo na receptora fazendo com que ela adiasse o momento de abertura do embrulho para não ser obrigada a dividir o conteúdo com os demais pedintes da fila. Chegando em casa, ao abrir o tão precioso presente teve uma

²⁷ A história do misterioso pacote foi retomada em **Casa de alvenaria ao ser** questionada por um político num evento em que Carolina Maria de Jesus participava em decorrência da comemoração do sucesso de seu livro recém-lançado. Era um acontecimento que reunia artistas, celebridades e autoridades que reconheciam o valor da obra. Na ocasião, o político em questão afirma não acreditar que uma pessoa pudesse ser capaz de ato tão desumano, questionando, assim, a veracidade do relato de Carolina. Isso nos remete à visão dos líderes nazistas que, de forma semelhante em relação ao holocausto e aos horrores praticados durante a guerra, apostavam na incredulidade das histórias narradas, já que seu teor por si só era extremamente desumano. O testemunho, dessa maneira, não seria suficiente para convencer as pessoas que existiam, de fato, “seres humanos” capazes de atos tão hediondos que acabassem com a integridade física e moral dos oprimidos.

desagradável surpresa. Carolina conta com horror o desapontamento dessa mulher que fora descaradamente ludibriada pela referida senhora passando a questionar os requintes de crueldade do ser humano diante da condição dos oprimidos:

(P. 61, 62) – 14 de junho

...Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se. Outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola. A dona da casa mandou esperar (...) A mulher continuou dizendo que a dona da casa surgiu com um embrulho e deu-lhe. Ela não quis abrir o embrulho perto dos colegas, com receio que eles pedissem. Começou pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa, a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos. Tem gente que zombam dos que pedem.

Essas tristes recordações dão a exata dimensão de parte das intempéries que perpassaram a trajetória de Carolina Maria de Jesus. Algumas passagens mais recentes permanecem na memória mostrando-se tão traumatizantes que integram um arsenal de questionamentos que despertam as mais diversificadas impressões acerca do comportamento humano. Presente e passado se confrontam e mediante as ocorrências e se cruzam no intuito de redefinir não somente aspectos da intimidade do ser que narra mas também atribuir significado ao espaço físico que propicia tais acontecimentos a ponto de formar pessoas tão desumanas no entorno da escritora. De forma isolada, essas duas lembranças compõem talvez um elemento mais robusto que desmembra emoções até “traumáticas” em razão do descaso de pessoas de posses que têm prazer na humilhação de seus pares que não são considerados dignos de aceitação.

Ao terminarmos a leitura do diário, temos a grata surpresa de averiguar um brilhante trabalho com a memória, já que lembranças e reminiscências de toda ordem passam a constituir um passado que, embora muitas vezes almeje o esquecimento, insiste em permanecer. Nesse aspecto, o espaço representado pela favela e em torno dela é exemplar a fim de sacralizar ainda mais a força mnemônica que impacta a trajetória da protagonista. Os bairros, sejam eles periféricos ou não, podem escrever a biografia de um ser e se tornarem peças essenciais para a compreensão da atuação da memória no que diz respeito às reconstruções possíveis de momentos felizes ou entristecidos, uma vez que são definidos por lugares marcantes (atraentes ou não) ou pessoas indescritíveis que possuem todo tipo de idiossincrasias que deixarão recordações positivas ou negativas.

Seguindo a linha mestra dessa discussão, é importante ressaltar, em oposição à falsa ideia de que essas características se aplicam somente a bairros nobres habitados pelas elites, o papel desempenhado pelas favelas e morros no imaginário de inúmeros cantores e compositores que enalteceram em sambas e ritmos variados a beleza de se viver num lugar distante do asfalto podendo ver o pôr-do-sol ou observar a revoada da passarada Consagrada na voz de intérpretes e principalmente cantoras, esse espaço mítico e lúdico contribuiu para a formação de pessoas que puderam experimentar momentos fabulosos de aprendizagem junto aos seus. Também os lugares mais pobres como a “saudosa maloca, maloca querida”, reverenciada por Adoniran Barbosa e consagrada na voz dos Demônios da garoa, encontraram apreço, haja vista que eles declararam entusiasmadamente: “saudosa maloca, maloca querida, din din don que nós passemos dias feliz de nossas vidas”. Nesse sentido, existe nos bairros, independente de sua localização geográfica ou grau de pobreza, certa atração que se sobrepõe a quaisquer dificuldades que possam ser enfrentadas por seus moradores, prevalecendo as lembranças mais relevantes que podem se fortalecer em cores, sons ou até mesmo de mudanças drásticas como a ocorrida na “saudosa “maloca”. Os bairros são decisivos na escrita de uma vida trazendo à memória artefatos repletos de significado que se encontram nas redondezas como árvores, monumentos, praças públicas ou mesmo favelas que dividem território com as partes mais abastadas.

Na concepção de Ecléa Bosi, o tempo vivo da memória prevalece nas lembranças provenientes dos bairros, dos cheiros e das sonoridades mais representativas de um determinado período da vida. Aprofundando a relevância desses ambientes e seus componentes (privilegiados em alguns casos), Bosi destaca, dentre outros elementos, a casa materna como um dos espaços que delineiam a fisionomia das grandes metrópoles. Insiste numa certa biografia que escreve a história das cidades em função dos bairros, dos objetos que o dimensionam e, certamente, da carga mnemônica e afetiva que apresentam. No caso da favela habitada por Carolina Maria de Jesus na região do Canindé, certamente as impressões suscitadas foram fundamentais para que ela compusesse suas reminiscências. A casa, a vizinhança, os becos e vielas, a cidade²⁸ como um todo de certa

²⁸ Se sairmos do ambiente da favela, os contornos da cidade descritos por Ecléa Bosi adquirem significado em obras que tematizam a metrópole paulistana como por exemplo nos contos e romances da escritora Zulmira Ribeiro Tavares. Em seus textos lugares privilegiados como o Parque do Ibirapuera e os objetos constituintes das casas de alto padrão da elite paulista a exemplo de vasos de alta estirpe mostram-se portadores de significado ao despertarem recordações de um tempo anterior à decadência econômica e moral. As favelas também podem ser destacadas enquanto modelos da construção desses sentidos, já que fazem parte da formação de São Paulo e seus habitantes se caracterizam social e economicamente enquanto

forma historiam sua passagem pela favela e criam marcas profundas que a prendem a esta ambiência a partir da experiência da escrita, uma vez que posteriormente ela viria a escrever outros diários que registram sua vida conflituosa no centro urbano mesmo depois do lançamento do livro de grande sucesso. Cada rua ou beco da favela frutificou em anotações que os caracterizou enquanto “becos da memória” (dialogando com a obra contemporânea de Conceição Evaristo) que se tornaram representantes de um universo que deveria ser explorado a fim de filtrar experiências mais interessantes que pudessem ser publicadas. Na visão de Ecléa Bosi (P. 171), o bairro cumpre seu papel de destaque enquanto elemento de formação e definição dos contornos mais instigantes do ser humano, fazendo parte da constituição da metrópole enquanto elemento de articulação para sua constituição. É como se uma parte da história da cidade fosse escrita por intermédio dele e dele se prolongasse para definir a região metropolitana em toda sua extensão:

Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro. Sons que voltam, sons que não voltam mais, pregões, cantilenas que recolhi e procurei gravar em pauta musical. “A vida de uma rua densamente povoada é inesgotavelmente rica, se registrarmos os seus sons e movimentos”.

Tendo em vista essa riqueza que pode ser coletada nas ruas como material mnemônico, prosseguindo nas suas colocações (P. 73) Bosi analisa especificamente a relação dos objetos com a cidade ao declarar que

(...) os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos.

Através dessas observações, a pesquisadora chega à conclusão de que há uma identidade constituída na extensão dos bairros. Nesses termos, o espaço físico passa a assumir um caráter determinante tanto na vida da protagonista de **Quarto de despejo**

construtores da história dessa metrópole. Em contraste com as elites, eles escrevem o cotidiano paulista representando, através de atitudes e comportamentos, o espaço ocupado por moradores desprestigiados.

quanto na formação da cidade de São Paulo, pois é a favela do Canindé que se mostra como ponto de partida para o reconhecimento da vida de Carolina Maria de Jesus bem como da história que está sendo construída em função da trajetória dos habitantes do Canindé. Este bairro funciona quase como uma metonímia, identificando tanto Carolina Maria de Jesus quanto a cidade de São Paulo, pois nem um nem outro podem ser definidos sem a existência da favela. Eles são partes de uma totalidade que protagoniza a pobreza ao recolher pessoas sem utilidade para a sociedade e representar uma cidade que esqueceu seus habitantes pobres e os “despejou” num quarto isolado da grande parcela da população devido ao descaso de autoridades que poderiam disponibilizar recursos para um acolhimento mais efetivo. A cidade é definida por suas favelas e os habitantes destes “quartos” e becos são prontamente reconhecidos e imediatamente relegados à segregação e ao descaso. Sendo assim, as três partes do triângulo se completam, se identificam e adotam um caráter de “normalidade”, já que com o tempo a habitação em favelas passa a não causar mais espanto em termos de miséria, haja vista as medidas tomadas por governantes para a urbanização dos lotes no intuito de maquiar as diferenças sociais ou interpretar a pobreza com critérios que teoricamente promovem a igualdade dessas construções de segunda mão aos bairros mais abastados. Nesse sentido, existe uma identidade que é construída com embasamento nesse tripé em prol do estabelecimento de uma falsa harmonia social. Na sequência, Ecléa Bosi ressalta esse caráter do bairro relacionado à identidade (P. 74): “O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade”. Tal identidade, tendo em vista o sofrimento a que os moradores da favela são submetidos, vem acompanhada de dissabores e anulação de seus valores dos quais abrem mão para viver com resiliência a vida que lhes foi confiada.

Tendo como respaldo essa identidade construída nos bairros, torna-se mais consistente a noção de biografia neles inscrita. É como se nesse espaço que se presta à rememoração fosse demarcado todo um histórico da vida de seus habitantes, desembocando num processo de autoconhecimento que focaliza inúmeras facetas da existência. A memória pode atuar deixando entrever os momentos mais significativos como nascimento, morte, perdas de pessoas queridas, quebra de amizades, brigas por coisas banais ou comportamentos indesejáveis, enfim, uma série de situações que formam uma espécie de roteiro da peregrinação de um indivíduo. Na favela do Canindé Carolina Maria de Jesus experimentou momentos difíceis como também os mais felizes, embora raros. Lá criou seus filhos, escreveu seu diário e foi descoberta por um jornalista que a

projetou mundialmente. A biografia, nesse sentido, está atrelada ao bairro através de depoimentos em forma de anotações que talvez não resultassem em histórias que pudessem ser passadas adiante se não fosse a convivência nesse lugar tão desfavorável. Nesse ambiente estigmatizado, memória e identidade se unem com o objetivo de consolidar essa escrita que se torna possível somente devido ao espaço externo que se reafirma através de temporalidades determinantes. No presente, a brecha para o passado torna-se mais maleável e essa construção da biografia ganha força para desenvolver seu relato a ponto de projetar um futuro, mesmo indefinido e até certo ponto improvável. Quanto às partes mais importantes da biografia escrita pelos bairros, Ecléa Bosi as designa de momentos privilegiado que conferem a esse processo suporte necessário para confluir com a memória e a identidade. (P. 114)

Dentro da biografia há alguns momentos privilegiados: o nascimento, as crises da juventude, a formatura, o casamento, a chegada ou a perda de pessoas amadas...E há espaços privilegiados: a casa da infância, os trajetos do bairro, recantos da cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. A cidade possui alguns focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória.

A partir desses pressupostos evidencia-se cada vez mais a relevância da memória que necessita da temporalidade para se constituir enquanto produtora de significados como bem ressalta a pesquisadora (P. 53) na conclusão de seus argumentos: “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. E disso Carolina Maria se Jesus se ocupa de modo magistral em seu diário: conta sua história em um tempo determinado que é abarcado pela cultura ao expor o desmazelo de sua cidade com aqueles que não lhes tinha mais serventia. Essa foi a missão do diário ao fixar memórias que se construíram a partir de anotações despretensiosas do cotidiano que de meras crônicas de uma mulher desfavorecida socialmente ganharam forma quando em **Quarto de despejo** se transformaram em memórias que revisitam um passado que acompanha a escritora na saída da favela e a caracteriza mesmo nos momentos de glória após o lançamento de seu livro que lhe rendeu oportunidade para comprar uma casa de alvenaria. Ela saiu de uma situação de aprisionamento construída no passado mas este não se desprende dela, eternizado nas páginas de seu diário não como uma autêntica autobiografia mas como um diário que se sustenta enquanto gênero autônomo quanto à afirmação de suas memórias mais representativas.

Germana Souza (P. 193), tendo como suporte a visão de Lejeune, extrai das ideias do crítico a melhor definição que pode ser aplicada à obra de Carolina Maria de Jesus. Ela avalia bem o diário tendo em vista o apuramento da escrita em cada anotação e atesta, a nosso ver, que o diário da autora de **Quarto de despejo** cumpriu seu papel não somente quanto às exigências impostas pelo gênero como também pela força da memória que se mostrou eficaz em cada fragmento:

A complexidade da escrita de Carolina de Jesus transparece na forma de seu texto. O diário é um gênero íntimo que, contrariamente à autobiografia, não fixa o “eu” e não busca a compreensão da totalidade de si mesmo, devido à sua temporalidade, que é a do fragmento e do presente. Segundo Lejeune, o diário e as cartas remetem apenas ao instante em que foram escritas e, apesar da tentação da pintura de um autorretrato acabado, nada impede o narrador de se “contradizer, variar, evoluir, articular os contrários”, uma vez que o diário é “forma aberta, indefinida, inacabada”, e por isso mesmo, “especialmente favorável à disponibilidade” (Lejeune, 1996, P. 170)

A escrita desse diário foi a libertação de Carolina de seus medos, desacertos e desencantos que precisaram ser exteriorizados em prol de um presente aparentemente tranquilizador. Lutando para se firmar enquanto escritora, ela valida suas memórias e invalida seus receios de dar continuidade a seus projetos ainda em fase de elaboração. Enganar-se-ia ela e todos os envolvidos na divulgação de seu livro se pensassem que todos os problemas sociais e pessoais enfrentados até o momento estavam resolvidos com a alta vendagem da obra e sua posterior publicação em outros idiomas. A questão do preconceito e da intolerância ainda permanecia apesar do prestígio que despontava. O preconceito robustecido em várias camadas (social, de cor, de gênero, literário) traria a ela ainda muita indisposição dando a sensação de que custaria muito para que ela encontrasse seu lugar de conforto num padrão elevado de aceitabilidade. Tentando vencer os conflitos e se constituir enquanto cidadã, Carolina teria que se afirmar também enquanto negra pertencente a uma classe em constante estágio de subordinação, além de ser mulher com pretensões à escritora. A identidade escrita pelo bairro onde Carolina habitou durante décadas não foi suficiente para conferir a ela condições ideais de aceitação numa sociedade regida por brancos detentores de uma elite preconceituosa. Ela teria que construir sua nova identidade a fim de não se entregar aos valores impostos pela raça dominante e encontrar seu lugar no mundo. Tentando se afirmar enquanto escritora mesmo na favela, ela relata (P. 64 - 16 de junho de 1958) o descrédito atirado no rosto ao tentar mostrar sua obra (peças teatrais que já escrevia na época) a pessoas influentes em cujas mãos repousava o poder de recusa ou aceitação do conteúdo disponibilizado para

avaliação. Tudo isso por conta do preconceito de cor que estava acima de qualquer qualidade artística exigida.

“...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondia-me:

— É pena você ser preta. “

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico”...

Dentre os impasses vividos pela escritora, este pode ser considerado o primeiro empecilho a sua total inserção no mundo do glamour artístico. Sua cor é o primeiro elemento dentre tantos outros para a compreensão de sua identidade. Esta, juntamente com as crônicas e memórias, constituem-se em matérias-primas primordiais para a reflexão social em **Quarto de despejo**.

TERCEIRA PARTE: A NEGRA, A FAVELADA, A MULHER ESCRITORA.
FACETAS DA MESMA MOEDA DA IDENTIDADE DE CAROLINA MARIA DE
JESUS EM **QUARTO DE DESPEJO** E A HERANÇA DEIXADA AOS
CONTEMPORÂNEOS

É ela, é ela, é ela a moça branca da favela.

(Ângela Maria, Moça branca da favela.).

*Hoje que seja esta ou aquela,/ pouco me importa./ Quero apenas parecer bela,/ pois,
seja qual for, estou morta.// Já fui loura, já fui morena,/ Já fui Margarida e Beatriz./ Já
fui Maria e Madalena./ Só não pude ser como quis.*

(Cecília Meireles, Mulher ao espelho)

*Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem parentes importantes e vindo do
interior.*

(Belchior, Apenas um rapaz latino-americano).

Escrever é tão difícil quanto carregar pedra.

(Jorge Andrade, Labirinto).

3.1. A identidade de Carolina Maria de Jesus e a complexidade de sua busca
enquanto ser humano

Questionar a identidade de um ser humano é muito mais do que a compreensão de respostas que justifiquem seu processo de inserção na sociedade enquanto entidade única que se reconhece devido a características próprias. Significa também uma sondagem interior que reivindica muitas vezes exposição de sentimentos e emoções que reavaliam uma trajetória conturbada e mergulhada em conflitos. Consiste em verificar como essa trajetória percorrida num curto espaço de tempo, determinada pelas marcas da memória, contribuem para o autoconhecimento e amadurecimento desse indivíduo. No limite da experiência, a procura pelo timbre ideal que fará ressoar a voz do emissor com a qualidade que dará conta de distingui-lo entre os demais seres deve ser perseguida como ponto de partida dessa identidade. Ainda mais quando o protagonista dessa busca é um escritor, a averiguação é mais profunda, uma vez que através dos textos produzidos percebemos,

enquanto leitores, que podem existir pegadas que são definitivas para a decifração de comportamentos que respaldem algumas decisões. Nesse aspecto, a identidade propriamente dita é muito mais complexa que qualquer significado dicionarizado e ultrapassa fronteiras sociais e psicológicas na medida em que sonda o interior e projeta para o exterior experiências deflagradas pelo tempo em espaços que, aparentemente reconhecíveis, escondem segredos que somente uma alma amargurada pode revelar por intermédio de seus escritos despretensiosos numa primeiro momento.

Tomando como exemplo Carolina Maria de Jesus na favela que se caracterizou como um “quarto de despejo”, ao considerarmos que suas inquietações são fruto de um conjunto de fatores que a desagradaram, torna-se difícil atribuir a ela uma identidade única e ausente de nuances, individuais ou coletivas. Tal particularidade passa a ser mais detalhada se compreendermos que enquanto negra ela lutou contra estigmas que herdou do passado desde o período da escravidão, colocando-a, enquanto representante da raça, numa posição de inferioridade no mundo dos brancos que não a aceitavam no papel de produtora de seus pensamentos. Faltavam-lhe características próprias que a inserissem nesse universo patriarcal e superiormente racial repleto de preconceitos implantados e aceitos pelas esferas dominantes.

Na categoria social, seu lugar no mundo era restrito, já que não pertencia a uma elite que detinha o poder e por esse motivo a excluía, recusando-se a vê-la enquanto cidadã apta a se igualar ao rol dos poderosos. Ela carregava o estigma da pobreza que a isolava num mundo particular que mascarava seus desejos libertários em prol da ascensão da classe dominante. Além disso, o fato de ser mulher não contribuía com suas aspirações de liberdade num momento em que a voz feminina não ressoava com liberdade de expressão para proclamar seu grito de descontentamento. Essa visão dominadora assumida por uma sociedade majoritariamente masculina a mantinha num canto específico alheia a decisões que poderiam ser tomadas somente por homens já entranhados no poder. Assim como Virginia Woolf ²⁹(expressiva escritora que se

²⁹ Virginia Woolf relata em alguns de seus escritos as dificuldades às quais as mulheres foram submetidas no período em que ela escreveu seus romances, diários, críticas e resenhas, mesmo tendo conseguido, como escritora, certo sucesso e respeito. Em um de seus diários (1915 a 1926 ____ primeiro volume), ela registra seus momentos de refrigério artístico com seus amigos, bem como os momentos de tristeza e depressão que a acompanharam até culminar em seu suicídio. Na obra **Um teto todo seu**, série de conferências que se transformaram em ensaios, ela discorre sobre as dificuldades das mulheres em questões econômicas que as atrela à dependência masculina. Sem essa dependência, elas não teriam condições de produzir suas obras e nem seriam reconhecidas enquanto artistas com veia literária produtiva. Exemplificando a falta de apreço pelo texto produzido por mulheres desde o período elisabetano, ela lança a hipótese da existência de uma

posicionava acerca da exclusão feminina sobretudo nas artes) em suas palestras e diários produzidos no início do século XX), Carolina não poderia dispor de “um teto todo seu”, dispondo de boas condições financeiras que a dispensassem da dependência de um homem que lhe bancaria os gastos como forma de proteção e autoritarismo. Além disso, se entendermos com essa expressão de Virgínia Woolf a capacidade de se assumir como uma mulher autônoma e senhora de seus direitos e deveres, os quais a habilitavam a tomadas de decisão independentes do aval masculino que imperava com total virulência há séculos, ela se encontrava numa posição de desprestígio econômico e social que não a favoreceria em nenhum patamar de suas aspirações. O “quarto de despejo” como um todo estava longe de se constituir como “seu”, já que abrigava em sua definição metafórica a exclusão social e a marginalização a todos que não pertencessem a um clã dominante. Ela não poderia, em hipótese alguma, desejar algo que não a beneficiaria no futuro, podendo jogá-la de vez na lama da rejeição social.

Atrelado a todos esses fatores, Carolina insistia em se consagrar como escritora, colocando no papel ideias e críticas sociais que desagradariam grande parcela das autoridades por entenderem que a insubordinação por detrás do conteúdo escrito por ela os condenava devido ao teor dos questionamentos e denúncias proferidos por uma escritora “vira-lata”. Os habitantes da favela também não compartilhavam da ideia de ter os nomes expostos num diário que expunha comportamentos e atrocidades praticadas sem ocultação dos nomes. Pesava também sobre ela o fato de não vir a ser aceita por renomados escritores que poderiam julgar improcedente o texto de uma mulher negra que, embora quase analfabeta, se achava no direito de se igualar a grandes personalidades literárias que encheram nossas letras de alegrias. Ela se encontrava distante do apogeu pretendido, pois estavam em julgamento valores retóricos e estilísticos fora de seu alcance. Apesar da afinidade de cor com escritores do porte de um Machado de Assis, ou mesmo de um Lima Barreto, a glória que os protagonizou enquanto estrelas de primeira grandeza de nossa literatura (apesar de o segundo autor ser bem menos celebrado durante sua trajetória) não seria vivenciada por ela em razão de suas condições intelectuais, econômicas e sociais.

suposta irmã de Shakespeare, a qual, mesmo tendo como laço fraternal a figura do grande dramaturgo, não seria isenta de críticas e desaprovação por parte dos homens, simplesmente por negarem às mulheres a devida consideração que seu talento merecia.

Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus passa a desconhecer seu lugar no mundo sentindo-se uma estranha em ambientes que não condizem com sua visão de mundo. Através do diário do qual dispunha procura se encontrar ao escrever sobre si num espaço físico habitado por pessoas que divergiam de seus interesses e não conseguiam entender o apelo que a impulsionava a exteriorizar seu pensamento com a intenção de refletir sobre o universo social que a envolvia. Jamais ela pertenceria a esse grupo a ponto de compartilhar e testemunhar fatos que os entrelaçaria enlaçaria profundamente. Jamais negociaria seus valores em benefício próprio ou sacrificaria suas convicções a fim de agradar patentes superiores que a subestimavam. Lançando mão da crônica e do deleite do do instante que o gênero permite, ela se manifesta através de pequenos escritos aparentemente despretensiosos e ausentes de criticidade numa primeira leitura. A partir desse ato, sem saber manifesta uma identidade ainda em construção e ausente de aprimoramento que futuramente a definirá enquanto mulher consciente de seus projetos.

Considerando as reflexões catalogadas no diário, bem como as contribuições para a construção da identidade (uma vez que tanto a crônica como a memória carregam em suas raízes os princípios da identidade ou pelo menos um sentimento desta), retomamos inicialmente o viés da crônica e seu rico universo que privilegia o instante como fio condutor desse imaginário capaz de valorizar o narrador e qualificá-lo enquanto produtor de significado. Segundo as ponderações de Jorge de Sá (SÁ, p. 11):

(...) Ora, por mais que o narrador-repórter seja o escritor de carne e osso, nervos e músculos, e nunca personagem ficcional, ele representa um ser coletivo, com quem nos identificamos e através de quem procuramos vencer as limitações do nosso olhar. Queremos ver mais longe ____ para a frente e para trás ____, e só o conseguimos sem o auxílio de quem nasceu para narrar o mundo.

Daí a importância do instante, porque é o flash do momento presente que nos projeta em diferentes direções, todas elas basicamente voltadas para a elaboração da nossa identidade. Logo, é fundamental que o cronista se defina num tempo e num espaço compondo uma cronologia nunca limitadora, mas sempre esclarecedora da sua/nossa relação com os seres e com os objetos. Enfim, o elemento biográfico funciona como linha costurando o tecido da vida tecendo a renovação do imaginário, através do qual o homem se reafirma como ponte para outras formas de conhecimento e convivência.

Diante dessa arguta percepção da realidade, para Carolina Maria de Jesus, enquanto cronista, utilizar despretensiosamente o gênero produzindo escritos que se

transformariam em memórias não bastava. Era necessário que ambos se juntassem para compor uma identidade que fizesse sentido para a existência ou minimamente explicasse as escolhas apesar de situações adversas ou impossibilidades de realização. Desse modo, esse “quarto de despejo” que a abrigava não se constituía apenas num depósito em que ela lutava contra si e seus fantasmas mas também carregava e expunha uma imagem que a definia em meio ao passado que a acompanhava e a representava diante dos outros, especialmente aos que habitavam com ela na favela. Muito mais exigente do que a crônica, aos olhos da memória é necessário que haja um processo de reconstrução tanto social como individual, já que a autora herda de seu passado experiências de vida que a acompanharão posteriormente na intenção de constituir plenamente a almejada identidade. Mediante esses questionamentos, recorramos a Michael Polak (POLAK, P. 5) em seu célebre artigo *Memória e identidade pessoal* para, a partir dessa visão, captarmos o papel determinante da memória que atravessa as fronteiras e abre passagem para a construção da identidade:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido de imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e a apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros.

Tomando como suporte a ideia de que a memória é um fenômeno social e individual, Polak reforça sua argumentação tendo em vista o papel fundamental exercido por essa faculdade na construção da identidade do ser humano. Ressalta que há total coerência nesse processo de sondagem interior amadurecendo o indivíduo para apresentá-lo diante de si e dos outros com total abertura para a exploração de seu passado e das experiências colhidas nos trilhos percorridos. Não somente em **Quarto de despejo** como também em obras como **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada** e **Diário de Bitita** sentimos intensamente esse poder de recordação instaurado por Carolina Maria de Jesus. Sobre tudo na primeira obra e nas seguintes podemos compartilhar com ela de suas lembranças que nos conduzem à procura da construção de uma identidade em fase de amadurecimento mesmo que em estágio de formação. Social e individualmente, esse

processo se desmancha e encontra significados maiores que mantém total coerência com a exposição que a autora faz de si, para si e para os outros, leitores que, juntamente com ela, se desdobrarão no passado e conhecerão além de sua história a trajetória de um certo grupo que passa pelas mesmas aflições com poucas possibilidades de exteriorizar seu grito. Ao lermos, por exemplo, **Meu estranho diário** (junção dos três diários produzidos pela autora), esse sentimento de complementaridade se intensifica na medida em que acompanhamos minuciosamente a vida de Carolina desde a infância passando pela juventude em São Paulo até habitar a favela do Canindé e se transformar numa escritora de renome, fato que não contribui para evitar sua queda editorial e artística anos mais tarde da publicação de sua obra mais significativa.

A discussão de PolaK ganha outros contornos quando o autor a aprofunda e ressalta ainda mais o valor da memória atrelada à identidade, sendo ambas responsáveis pela constituição de um indivíduo, embora não sejam negociáveis. Recorrendo à psicologia social, o autor explicita de modo mais aprofundado como se dá o processo que interfere tanto individual como coletivamente na trajetória pessoal do personagem que expõe seus sentimentos e que muito tem a revelar. Tal exteriorização de sentimentos depende de outros mesmo que internamente o ser que busca reconforto não admita essa necessidade ou tente se isolar de várias formas para não compartilhar das ideias do grupo que o rodeia. Especificamente no caso de Carolina Maria de Jesus, todos são habitantes do “quarto de despejo”, embora a maioria não compartilhe da consciência crítica e social da interlocutora que os aponta em seu texto em diversos ângulos. De acordo com Michael Polak:

Nessa construção da identidade, e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise ____ há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas no caso do campo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo, são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

(...) A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de

admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devem ser compreendidos como essência de uma pessoa ou de um grupo.

Em sua tese de doutorado acerca da obra de Carolina Maria de Jesus, Rafaella Fernandez (P. 252) também aborda a questão da identidade, chamando a atenção para a faceta narrativa do texto caroliniano. Recorrendo a Paul Ricoeur, evidencia-se também aqui a coerência argumentativa enunciada por Polak, acrescentando o fato de que as narrativas de **Quarto de despejo** encontram-se em ruínas, uma vez que estão à procura de uma identidade que as justifique. No entanto, é sempre no encaixe do outro e acompanhadas pela experiência da memória que elas ressignificam o indivíduo e o colocam numa posição de destaque social enquanto protagonista da obra e de seus feitos. Esse caráter de ruínas é o ponto de contato da obra que projeta o personagem e o traz para o centro da narrativa com perspectivas promissoras de atingir seu objetivo enquanto crítico de uma sociedade que o massacra. De acordo com Fernandez,

A reflexão teórica acerca da natureza dessas narrativas, em ruínas, em estado residual, composta por uma narrativa em busca de “identidade”, pode ser pensada a partir dos pressupostos de Paul Ricoeur (2000), sobre a “identidade narrativa” como prática, pois para o filósofo a identidade vem sempre acompanhada da prática de um indivíduo ou de uma comunidade. Nesse caso, passa pelo reconhecimento do outro e de si mesmo através da interpretação, possibilitada por essa linguagem memorialística e confessional da escritora.

Portanto, nesse sentido, percebe-se que os diálogos transcritos por Carolina de Jesus tentam apreender os acontecimentos no tempo e no espaço, inscritos através da voz daquele que observa, de modo que esse outro, reinterpretado por sua memória, contribui para a formação de sua identidade”.

Sendo assim, é necessário o percurso de uma grande trajetória para que o sentimento de identidade se consolide e construa o indivíduo com certo amadurecimento que o impulsionará à escrita de sua intimidade. **Quarto de despejo** se presta a essa busca, uma vez que variadas nuances percorrem o texto e sua autora tenta se encontrar de diversas maneiras, procurando ser aceita enquanto negra, favelada, mulher e escritora que tem muito a dizer acerca de suas origens. Suas memórias e sua crônica não serão em vão se atreladas a elas despertar um sentimento de identidade que faça valer a pena a

permanência na favela do Canindé, esse “quarto de despejo” responsável pelo afloramento de seu senso crítico. Tendo como fundamento esse emaranhado de desdobramentos, começamos a explorar a identidade do texto caroliniano instigando a reivindicação de respeito à condição de negra que reclama os legítimos direitos num mundo rotulado de clichês dominantes.

3.2. O diário e a exposição da identidade negra

Refletir sobre a história do negro em diversos segmentos, sejam eles sociais ou artísticos, implica retornar há séculos na tentativa de entender quantas oportunidades foram relegadas devido ao poder exercido pelas elites em períodos decisivos. Durante esses períodos, o negro se calou e não pôde realizar seus sonhos em detrimento da condição que o definia como ser incapaz de atingir suas metas. Se pensarmos em séculos de apagamento cultural, pessoal, artístico etc., podemos acompanhar através de obras literárias, filmes, exposições, novelas ou documentários a situação do negro nos grandes centros urbanos, desembocando, por exemplo, em São Paulo, cidade que o acolheu em favelas e cortiços que não ofereciam boas condições higiênicas, de convivência ou de trabalho para que ele tivesse minimamente acesso aos recursos que possibilitassem a construção de uma vida digna ondizente com seus propósitos.

Estudando a obra de renomados sociólogos³⁰ que tematizam a trajetória negra, destacando o destino do negro e do mulato no mundo dos brancos, percebemos que durante longos períodos houve certos decretos que definiram que aqueles que não faziam parte de uma elite branca não poderiam, em hipótese alguma, participar do banquete servido por esses representantes do poder, afastando assim negros e mulatos de reivindicações que demonstravam seus anseios de liberdade. Quanto a esta, torna-se ainda mais evidente esse apelo quando nos damos conta de que anos de escravidão tolheram a participação dos negros em comunidades mais sofisticadas, impedindo-os de tomadas de decisão que garantissem sua projeção em meios até então destinados aos brancos. Nesses

³⁰ Referimo-nos ao célebre estudo de Florestan Fernandes **O negro no mundo dos brancos** que faz um apanhado da situação do negro e também do mulato em momentos diferenciados de sua história, mostrando também como em São Paulo eles foram alvo da discriminação, sendo obrigados a habitar lugares periféricos com péssimas condições higiênicas como cortiços e favelas.

termos, é quase impossível qualquer inspiração que suscite uma aproximação das classes sociais mais elevadas ou que simplesmente propicie uma identidade que minimamente garanta respeito a esses grupos e reconhecimento por tudo que representaram em sua história, já que teoricamente eles não são vistos como idênticos aos olhos dos poderosos. Na maioria das vezes, devido à falta de acesso aos mecanismos culturais, são analfabetos, não têm a devida instrução ou traquejo social, não podem disputar a mesma profissão e são tolhidos de qualquer conhecimento que os iguale ou lhes propicie a superação no confronto com as elites na obtenção de privilégios³¹. A eles é vedada qualquer manifestação pública, seja em jornais ou mais recentemente em emissoras de rádio ou tv que se interessem por suas ideias ou queixas. Com o passar do tempo, os instrumentos midiáticos não se mostram aptos a incluí-los como atores, apresentadores ou interventores mediante certas causas que exigem debates. Os programas de televisão não dão a eles a voz adequada no devido tom para expor seus dramas. Caso à parte é a música popular brasileira que os acolhe no samba e cria todo um glamour tendo como cenário os morros que passam a ser enaltecidos. Mesmo assim, os representantes do samba são vítimas da marginalização com a qual o gênero é rotulado, identificando o negro instrumentista e cantor como desocupado ou mal intencionados.

Fazendo menção ao aspecto social, essa marginalidade ganha contornos em variados segmentos a ponto de fazer com que até mesmo outros negros concordem com a segregação, acostumando-se a uma vida sem recursos como se esta fosse a vontade de uma força divina superior tão presente na época do absolutismo. A igualdade e a boa convivência que se mostravam harmoniosas na música popular não condiziam com a realidade observada nas ruas e nos morros. Não é inocentemente que Ângela Maria já cantava na década de setenta: “É ela, é ela, é ela a moça branca da favela”³². Apesar do espírito de igualdade que se apregoava com a permanência da tal moça branca na favela, as diferenças ainda existiam mesmo nos ambientes mais hostis e não eram encobertos aos olhos daqueles que enxergavam (dialogando com Nelson Rodrigues) “a vida como ela

³¹ Variados críticos literários e historiadores apontam a questão dos privilégios, trocas de favores e a meritocracia que marcaram a formação do Brasil. Entre eles, Sérgio Buarque de Holanda no livro **Raízes do Brasil** e Roberto Schwarz em **Ao vencedor as batatas**, desenvolvendo esse raciocínio em seu ensaio *As ideias fora do lugar*.

³² *Moça branca da favela*. Música e letra de Ângela Maria de 1972. Nessa canção, a “voz narrativa” enaltece a única moça branca que mora na favela. Segundo a letra, ela está sempre muito atenta aos ritos, valores e costumes dos habitantes do recinto e os incorpora em seu cotidiano, sendo chamada pelos interlocutores de princesa Isabel. No entanto, é curioso o fato de uma presença branca num ambiente historicamente habitado por negros.

realmente é”. Hoje, com mais clareza, entendemos que a melodia procurava mascarar certa realidade embora também se tratasse, na linha das boas intenções, de um apelo contra a discriminação, declarando a existência de uma mulher em um espaço majoritariamente habitado por negros ressaltando as diferenças sociais num tom de crítica. Essa foi uma herança da escravidão que, ao libertar os escravos, lhes proporcionou péssimas condições de moradia, afinando-os e reduzindo-os a seres desprovidos de capacidade de ascensão social, jogando-os, irremediavelmente, no cenário do capitalismo.

Embora na literatura tenhamos exemplo de personalidades bem sucedidas artística e academicamente (entre eles Machado de Assis e Joaquim Nabuco (este último apresentando detalhadamente em seu livro **Minha formação** sua experiência acadêmica, inclusive em países estrangeiros, feito este na ocasião impensável para negros e mulatos oriundos de origem humilde), via de regra as oportunidades oferecidas aos negros frustraram suas intenções de galgar altos postos que propiciassem prestígio, conforto ou segurança econômica. Entre as instituições veicularam ideias que diferenciavam os negros em termos de capacitação, oferecendo-lhes cargos mais baixos que não os igualava em termos de conquistas profissionais. Herdeiros de procedimentos adotados na escravidão, esses trabalhadores foram aos poucos mergulhados em preconceitos que os inseria em categorias inferiores, afluindo e intensificando, com o tempo, o racismo que, futuramente, assumiria uma dimensão maior em termos de racismo estrutural, fazendo com que altos escalões da sociedade compartilhassem de ideias discriminatórias, alegando, no entanto, não serem racistas em qualquer hipótese. Através da adesão a esses posicionamentos, ou mesmo adotando certas atitudes enrustidas que os desobrigava a assumir procedimentos mecanismos de exclusão, criou-se um sistema muito bem estruturado que apesar de não ser admitido pela classe dominante se propagou na sociedade e se legitimou como branquitude..

Para entendermos melhor esse fenômeno, é necessário estarmos atentos às sutilezas que o caracterizam. Assim como os negros lutaram e lutam continuamente no intuito de afirmar a negritude, a branquitude também ganha força com o decorrer do tempo, embora se manifeste veladamente. No entanto, suas consequências são devastadoras, pois impedem a reação à altura da agressividade que implanta na esfera social, destruindo projetos e anulando objetivos de grupos desfavorecidos. A esse respeito, a socióloga Cida Bento discorre em sua obra **O pacto da branquitude** as

nuances desse sutil compartilhar de ideias e imposições que fizeram parte da liberação de leis e alienaram a sociedade no intuito de escravizar não oficialmente aqueles que durante séculos sempre tiveram atitudes servis. Para isso contou-se com o apoio de muitas instituições que galgaram o poder e se acharam no direito de escravizar seus funcionários num momento em que tais atitudes deveriam ser retrato de um passado vergonhoso submerso na história. Em seu texto (BENTO, 2022, P. 11) Bento adverte que

Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e a contribuição negras se tornaram inutilizadas. As instituições públicas e da sociedade civil definem, regulamentam um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, permanentes sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. E claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”.

Esse pacto da branquitude, embora não formalizado por motivos que julgamos escandalosos caso fossem expostos, uma vez que racismo, hoje em dia, é tido como crime hediondo, assume contornos comprometedores se levarmos em conta a percepção da pesquisadora ao afirmar que tal procedimento se deve a um “pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas que visam manter seus privilégios”. Sabemos, como já foi mencionado, que desde os primórdios da nação brasileira a história do Brasil foi construída em torno desses privilégios e que uma elite que detinha o poder fazia uso deles a fim de preservar a manutenção dos valores conquistados. São as raízes de nosso Brasil que dialogam com os propósitos da atualidade amenizando os meios de aquisição e justificando-os a ponto de sacralizar o poder de homens que manipulam as instituições imprimindo a elas seu caráter e espírito de liderança. Por esses motivos, a esses líderes não é cobrado o sentimento de superioridade extremo em relação a seus comparsas, pois, bem como salienta a autora, trata-se de uma “competição entre segmentos que se consideram iguais”. Irmanados nesses laços quase “fraternos”, criam mecanismos que os sustentem e viabilizem o autoritarismo implantado. Sendo assim, cabe às classes menos favorecidas servir a seus senhores com espírito de obediência (haja vista que este também é um dos princípios implantados nas raízes de nosso Brasil como bem discorre Sérgio Buarque de Holanda em sua análise sobre a formação do país), abaixando a cabeça para

as ordens expedidas com requintes de crueldade e calando a voz em meio a desmandos supostamente procedentes, os quais são aceitos e considerados padrões de normalidade por uma sociedade desprovida de consciência crítica e parâmetros de humanidade.

Em meio a essas considerações, não passam despercebidas em hipótese alguma as impossibilidades de ascensão pessoal e social a que negros e mulatos são submetidos quando lhes é negado o acesso ao ensino, o incentivo a práticas que os instruem e os eduquem para uma vida melhor e mais regrada acarretando benefícios que lhes livraria de privações e os igualasse àqueles que dispunham de privilégios para atingir metas bem planejadas. Como recompensa, restam a esses grupos estigmatizados as favelas, os bairros periféricos distantes do centro da cidade que obrigam seus moradores a percorrer longos trajetos em trens e metrô com superlotação. Esses podem ser exemplos de como o “quarto de despejo” ainda absorve inquilinos que, embora não paguem aluguel, pagam caro pela sobrevivência na selva de pedra que os moldará a fim de que sobrevivam. Talvez tenha sido necessário o desabafo de uma negra que habitou esse ambiente e vivenciou o outro lado da vida em sua casa de alvenaria para que algumas pessoas se dessem conta de que existe um outro mundo e uma realidade além do asfalto que oprime e machuca, acrescentando a esse dado o fato do enaltecimento dos privilegiados que compactuam com uma realidade em certa medida ignorada.

Trazendo ainda mais elementos para a discussão, Cida Bento define os mecanismos desses privilégios que concedem legitimidade a grupos detentores do poder:

É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse: as formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”. Este sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele.

Essas ponderações são fundamentais para entendermos com mais clareza que os tão mencionados privilégios são constituintes do preconceito, que se forma e se mantém devido à manutenção e transmissão desses privilégios a outras gerações que, talvez, por desconhecimento da história e das estruturas sociais corrompidas ou em estado de

corrupção, assimilam esses princípios de maneira homogênea. Como bem argumenta a autora, ameaça e medo estão na constituição do preconceito, desembocando tal atitude na representação que se faz do outro. É notório que de acordo com esta representação pode ser construída a imagem de seres fragilizados e sem objetivos que, segundo a sociedade, nunca alcançarão recompensas maiores pelo fato de terem nascido relegados ao sofrimento e às restrições impostas pela vida. Dessa forma, estrutura-se, muito além das mentes preconceituosas, um racismo muito bem armado que circula na sociedade e forma muitas vezes velada, ridicularizando no decorrer de séculos a imagem do outro através de piadas, amostras em filmes, novelas, trechos de música, entrevistas ou maquinários midiáticos que se encarregam de enquadrar os negros numa redoma que não os iguala aos brancos ao mesmo tempo que os impede de lançarem mão dos privilégios. Tem-se, assim, a visão de uma alteridade distorcida que trabalha a favor de um sistema impulsionado por preconceitos e descréditos que já alcançaram a adesão inclusive de autoridades que poderiam modificar a situação propondo modificações que o poder atribuído lhes concede. Por meio desse viés, mantém-se o desencantamento desses grupos, já que entre eles não há trocas de favores nem apadrinhamentos que possibilitem grandes saltos com estabelecimento de regalias.

A simples ideia de privilégio pode ser acrescida de algumas ferramentas que fortalecem o empoderamento das elites dominantes. Em algumas instituições prevalece a concepção de mérito, a qual propõe que determinados segmentos conseguem ascender econômica ou socialmente em decorrência do talento que lhes rende mérito para impulsionar suas conquistas. Para alguns, a meritocracia é o ponto crucial que formaliza a escalada de pessoas preparadas para exercer com maestria o ofício escolhido, impelindo-os a altos postos que jamais serão atingidos por subalternos por motivos que a classe dominante julga inquestionáveis. Agrega-se a isso o fato de que esses agraciados, possuidores de imensas riquezas ou títulos, transmitem aos herdeiros o fruto de suas reflexões como se este se constituísse na recompensa do suor diário, como se a luta pela preservação de valores fosse uma obrigatoriedade que garantiria um passaporte para o sucesso. Os novos herdeiros, ao receberem tal premiação, regalam-se ainda mais em seus supostos méritos para conseguir ampliar recursos e transportá-los a gerações vindouras que já estão mais informadas acerca da necessidade de se manter o poder. Tal herança encontra-se repleta de uma carga subjetiva dotada de grande apelo coletivo que dá ao processo em andamento uma identidade que viabiliza a manutenção dessa apropriação

assegurando o poder e o domínio. Sendo assim, mascara a realidade fazendo crer aos espectadores desavisados de uma determinada geração que o sucesso desses expoentes deve-se exclusivamente ao mérito de seu trabalho (seja ele físico, cultural, político ou de qualquer natureza). Nesse jogo complexo de meritocracia variados fatores contribuem para a expansão do poder das classes dominantes. Segundo Bento (P. 15),

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é conhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acerto tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiadas de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente”, a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido, como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos “não iguais” ou não suficientemente meritosos.

Se, segundo a socióloga, há para os brancos uma herança a ser transmitida e o estabelecimento de privilégios que os mantém acordados acerca da urgência de sua transmissão, dando-lhes a certeza da relevância de seus méritos, para os negros a herança da escravidão confere a certeza de um passado que não se apaga mesmo com tantos anos de liberdade questionada a partir da situação social percebida nas favelas promovendo a segregação em centros urbanos ou mesmo em bairros de pequeno porte mas melhores estruturados. A herança escravocrata corrobora com o pacto da branquitude na medida em que não ameniza as condições de vida do negro numa sociedade competitiva. Por esse motivo, coopera para a exclusão, pois muitos não têm a devida clareza do que foi a escravidão no Brasil, mas apenas carregam no imaginário as ideias coletadas em páginas de livros didáticos ou de história do Brasil costurados com linhas nobres destinadas a ocultar as falhas, filmes ou novelas que apresentam o negro sempre em parceria com a dependência do branco ou depoimentos de quem não tem a devida consciência crítica para compreender o passado. Por causa desse volume de desinformação, aspectos da realidade são desconsiderados embora apresentem tratamentos de choque que confrontem o negro com seus alcos nas grandes metrópoles, principalmente em espaços desprovidos de higiene ou boas condições de habitação como é o caso das favelas e cortiços que se expandiram na cidade de São Paulo e adjacências no século XX. É

importante não deixar essa herança se perder e repassá-la sempre que houver o perigo do esquecimento desses fatos tão terríveis durante séculos.

Para Cida Bento (P. 16),

Assim, falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizados.

Além da importância de não fechar os olhos para o passado no que diz respeito a essa triste herança, outra motivação também deve ser levada em consideração com grande intensidade: ativar e preservar a memória dos fatos a fim de evitar o esquecimento e não permitir que morra uma história que, embora seja conduzida por narrativas chocantes não deve ser esquecida mas sim reescrita de acordo com os verdadeiros fatos que deram origem aos percalços da atualidade. Muito mais que não fechar os olhos, é necessário dispor de outro olhar que reconstrua sem parcialidades o verdadeiro sentimento desse sofrimento. Messes termos, no melhor sentido da expressão, é um dever cívico e moral memorizar esse passado e não permitir que outras narrativas substitutivas emoldurem um quadro de esplendor que não prosperou a não ser para determinadas elites que construíram imagens depreciativas à figura dos considerados inferiores.

Ainda tomando como guia as premissas de Cida Bento (P. 23), considera-se de suma importância esse apelo mnemônico que coloca o negro como protagonista de sua história ao colocar no devido lugar uma visão de mundo que durante séculos permaneceu na consciência de variadas instâncias da sociedade. Conforme afirma a socióloga, trabalhar os recônditos da memória é muito mais que lançar mão de recordações que não contribuem em nada para o amadurecimento dos questionamentos em tempos atuais. O ideal é explorar o passado com a certeza de que as novas gerações se beneficiarão com essa revisão a fim de impedir que os mesmos erros sejam repetidos travestidos com nova e sedutora roupagem:

De fato, trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela ou atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a visão da narrativa sobre o “passado vitorioso” de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram ____ os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer.

Tendo em vista a relevância da memória através de um apelo incondicional ao passado, ao escrever **Quarto de despejo** Carolina Maria de Jesus expõe angústias que a acompanham desde a infância. Ela tematiza as ruínas que fizeram do negro, especialmente na cidade de São Paulo e em áreas geográficas que o rotularam, um escravo em períodos que não deveriam mais comportar certos modelos de discriminação que acentuavam o preconceito e o racismo, estimulando, desse modo, um sentimento de inaptidão à ascensão social e a todos os tipos de projeção. Talvez Carolina não tivesse consciência da existência do pacto da branquitude em seus aspectos formais mas o vivenciou na prática no “quarto” que a abrigou durante tantos anos, uma vez que como negra não conseguia construir uma identidade própria, já que estava totalmente descartada, deslocada e de certa forma sua permanência era vista com certa irregularidade no mundo dos brancos. Ela não se identificava com os valores de seus opostos e por isso era excluída de regalias das quais nunca poderia desfrutar devido à cor da pele. O diário é muito mais que uma simples autobiografia mas também um compêndio de descrições que tematizam o negro em condições abjetas fora de campos de atuação que o isolariam ainda por décadas a fio.

Inaugurando com **Quarto de despejo** sua carreira literária, Carolina Maria de Jesus retrata nessa obra uma visão ampla da vida do negro em São Paulo, sempre atenta ao histórico da metrópole e da urbanização que traria consequências devastadoras. O ambiente da favela do Canindé nada mais era do que o retrato do negro e sua identidade num meio hostil dominado por um sistema autoritário e desprovido de critérios de condicionamento humano. Através de detalhes significativos de comportamento, a escritora analisa as condições do negro transformando também em literatura sua vida amarga que não interessava a seus companheiros favelados talvez por não terem a mesma consciência crítica que fazia parte de seus hábitos de escrita. Em meio às críticas que recebia dos moradores do Canindé, Carolina persistia em seu ato de resistência que a

impelia a não se dobrar diante da dura realidade do espaço físico, pretendendo, com a força de sua pena, modificar a história que herdou da escravidão

Em contato com os escritos do diário, percebemos que muito mais que critérios de identificação, associação ou reivindicação de igualdade, Carolina Maria de Jesus estava procurando, enquanto negra, o devido respeito que não vislumbrava. Para ela, o verdadeiro sentido da identidade se resumia no apreço que deveria ter enquanto negra que poderia contribuir com excelentes reflexões sobre seu passado que resultariam na crítica do presente. Talvez tais reflexões fossem o ponto de partida para um futuro que apontasse para respostas e conquista consistentes

Tomando como referência o texto integral de **Quarto de despejo**, é possível observar que a luta da escritora não termina apenas com o desejo de ser respeitada como negra e representante de uma raça que muito contribuiu para a história do Brasil, pois havia também em seu interior o desejo de ser respeitada enquanto negra pertencente a uma classe desfavorecida que enfrenta dificuldades para lutar contra os valores de uma elite ensimesmada e preconceituosa. As diferenças de classe também a oprimiam e esses desacertos também fizeram parte de seu diário no intuito de responder a algumas questões que a incomodavam, pois como catadora de papel estava relegada ao desprezo e à falta de consideração. Do mesmo modo que o negro recebe uma herança do passado, que o persegue até os dias de hoje, os desfavorecidos socialmente também herdaram os estigmas que os colocam em situação de descaso nos segmentos sociais mais elevados. Duplamente rotulada, a autora também é um espelho de quem ao ser descartada pela sociedade sofre com os limites impostos nos meios mais requintados.

3.3. O retrato da pobreza em **Quarto de despejo** e os fatores determinantes

Isolando momentaneamente a questão racial e chamando a atenção para um aspecto específico que envolve preconceito, é notório que durante séculos da História a supremacia dos poderosos se sustenta a cada geração à medida que estes conseguem submeter seus semelhantes às mais diversas humilhações pelo simples fato de julgarem que podem estabelecer regras e critérios que no decorrer dos tempos são tidos como imutáveis. Trilhando caminhos equivalentes à condição do negro, os subordinados (sejam

eles operários, trabalhadores liberais, autônomos ou pobres desvalidos que se submetem a variados tipos de sobrevivência como os catadores de papel) vivenciam atitudes de desprezo lideradas por uma elite, mesmo que seja constituída de pequenos grupos pouco robustecidos economicamente mas que se consideram detentores de privilégios apesar do pouco que possuem. Diante desse cenário, questões sociais, políticas, econômicas e até mesmo morais se imbricam na tentativa de definir o lugar do pobre em seu espaço de conforto garantindo que a divisão do trabalho se constitua no limite de ascensão que impede os menos favorecidos de conquistar as glórias adquiridas pelos supostos ricos que dominam a situação. Do mesmo modo que a escravidão se constitui numa herança de séculos, a discriminação social também se encarrega de colocar em seu devido lugar ricos e pobres, atirando na cara desses últimos sua inaptidão para não atingir o mesmo patamar em que se encontram aqueles que estão no pódio por méritos e privilégios conquistados.

A questão em discussão pode se evidenciar ainda mais quando na literatura essa realidade se desvenda e de forma crua e desumana faz com que o leitor tenha um choque de realidade que o confronta com seus valores que doravante poderão ser repensados. Como se verifica em **Quarto de despejo**, o dilema adquire ainda maior complexidade quando a protagonista que narra sua história, além de negra, é socialmente desfavorecida, pertencente a uma classe de empregados retratada com grau de inferioridade e preconceitos de todos os níveis que a desqualificam. Convivendo indiretamente com a classe dos proprietários, de homens pretensamente cultos e ricos que almejam fazer amizade e estabelecer boas relações somente com aqueles que teoricamente têm o mesmo nível social ou intelectual, cabe aos desvalidos recalcar suas expectativas de crescimento e prosperidade, uma vez que as condições a que foram submetidos os “despejar” nos ambientes empobrecedores como os cortiços, as favelas, as áreas geográficas abandonadas que se tornam espaços de invasão ou às moradias de favor que cobra deles constantemente uma dignidade perseguida mas nunca alcançada.. Nota-se no comportamento das referidas elites e dos pequenos grupos de poderosos o florescimento de uma ideologia que lhes fortalece e os incentiva recorrentemente à tomada de decisões que submete seu próximo, aprisiona-o social, econômica e intelectualmente estabelecendo, com isso, fronteiras que se transformam em padrões.

Tomando como direção a concepção de ideologia que fundamenta as intenções dos proprietários, embasados nos questionamentos apresentados acima percebemos que tais ações se sustentam por critérios de dominação exercida que são estipulados tendo

como oponentes exploradores e explorados. Cabe aos primeiros a função de dominar os menos favorecidos, garantindo sucesso a fim de consolidar seus princípios de autoridade. Nesses termos, eles legitimam uma ideologia que possibilita a difusão de uma visão de mundo que se manterá por várias gerações podendo até ultrapassar as expectativas iniciais.

Dialogando com essas premissas, trazemos à discussão o texto de Marilena Chauí, o qual se debruça nessas questões que envolvem a ideologia levando em conta o lado dos proprietários e o de seus explorados, levando em conta que estes últimos representam um valor menor na balança quando são confrontados. Em seu trabalho **O que é ideologia** (CHAUÍ, 1980, P.35), a filósofa chama a atenção para o viés político que emoldura a problemática da ideologia através do mecanismo de dominação, destacando a divisão de classes que explora economicamente os subalternos:

A divisão social do trabalho, ao separar os homens em proprietários e não proprietários, dá aos primeiros poder sobre os segundos. Estes são explorados economicamente e dominados politicamente. Estamos diante de classes sociais e da dominação de uma classe por outra. Ora, a classe que explora economicamente só poderá manter seus privilégios se dominar politicamente, portanto, se dispuser de instrumentos para essa dominação. Esses instrumentos são dois: o estado e a ideologia.

Trazendo para o centro do embate os instrumentos repressores do Estado e o papel da ideologia que inevitavelmente se encontra atrelado a ele, evidencia-se como se dá essa dominação através da visão de mundo majoritária imposta pelas classes dominantes. Esse comportamento tira do espectador subordinado qualquer pretensão de identificação que o mantenha atento às possibilidades de alteração do jogo social no intuito de disponibilizar a ele instrumentos compatíveis que o instiguem a lutar por um reconhecimento no meio de celebridades tão protegidas por forças estatais que dão a garantia de vitória em condições estáveis de sucesso. Em decorrência desse fenômeno, Chauí explicita o verdadeiro propósito da ideologia que se sustenta a partir da exploração de grupos deficitários em razão da fragilidade social que os acompanha. O grande perigo nesse processo é de homogeneização, ou seja, as elites transmitem sua visão de mundo às demais classes sociais, fazendo com que elas pensem do mesmo modo e recebam de maneira harmoniosa os valores instaurados pelo poder sem qualquer manifestação de

repúdio ou ato crítico que reprove as ideias em progresso. Na constituição desse ato político até poderá existir uma identificação entre os grupos, mas, certamente, ocorrerá às avessas, já que a concordância se consolidará somente com o aval do lado mais forte, responsável pela manutenção da opressão. Seguindo essa linha de raciocínio, nada é mais coerente do que afirmar, segundo as diretrizes da autora, que a ideologia se alimenta das ideias da classe dominante, transformando-as em ideias que serão compartilhadas pelas demais classes sociais. Isso fortalece o poder e abre precedentes para manobras de manipulação que descarta seres humanos considerados inaptos para viver em sociedade e os isola em redomas destinadas ao espólio e ao esquecimento. Na visão de Chauí:

A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e vimos que essa representação é sempre necessariamente invertida. O que ocorre, porém, é o seguinte processo: as diferentes classes sociais representam para si mesmas o seu modo de existência tal como é vivido diretamente por elas, de sorte que as representações ou ideias (todas elas invertidas) diferem segundo as classes e segundo as experiências que cada uma delas tem da sua existência nas relações de produção. Entretanto, as ideias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as ideias existentes nessa sociedade, mas serão apenas as ideias da classe dominante dessa sociedade nessa época. Ou seja, a maneira pela qual a classe dominante representa a si mesma (sua ideia a respeito de si mesma), representa sua relação com a Natureza, com os demais homens, com a sobre-natureza (deuses), com o Estado etc; tornar-se-á a maneira pela qual todos os membros dessa sociedade irão pensar.

A ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante se tornam ideias de todas as classes sociais, se tornam ideias dominantes

Nessa vertente, a ideologia se processa com virulência e sutileza nas diversas camadas sociais e prospera durante séculos no intuito de desmerecer quaisquer esforços que partam dos menos favorecidos para atingir seus objetivos, independentemente de eles disporem ou não de méritos em seus propósitos ou talentos para desenvolver as habilidades em ascensão. Desconsiderando repetidas vezes a capacidade de produção que enaltece o ser humano revelando suas aptidões em diversificadas áreas que o remetam a grandes conquistas, a ideologia pode rotular quem lhe apraz como integrante de uma classe que, a serviço do capitalismo, é desmerecido e diminuído enquanto produtor de suas ideias e responsável por resultados de mérito em seu trabalho. Essa discussão também é profícua em **Cultura e democracia** de Marilena Chauí. Na referida obra, a autora aprofunda ainda mais os questionamentos relacionados à ideologia tendo como fio

condutor a identidade, ressaltando o fato de que esta é constituída a partir de uma falsa proposta cujo benefício recai somente sobre os poderosos com o intuito de homogeneizar o pensamento de toda uma sociedade que já se encontra dependente de ideias prontas. No tocante à identidade, esta, aparentemente, mostra-se homogênea e ao alcance de todos, criando a ilusão de que os indivíduos são iguais e passíveis do mesmo respeito que impera no reino dos poderosos. Cria-se, nesse caso, um falso conceito de identidade que dá a ideia de pertencimento e acolhimento mas que na verdade esconde por trás de seus preceitos mecanismos de subordinação na esfera social. Na prática, porém, ocorre a sujeição, que tão somente reforça as distinções entre as classes sociais. A respeito dessa falsa identidade, explana Marilena Chauí (CHAUÍ, 2003, P. 27, 28):

(...) A ideologia realiza uma operação bastante precisa: ela oferece à sociedade fundada na divisão e na contradição interna uma imagem capaz de anular a existência efetiva da luta, da divisão e da contradição: constrói uma imagem da sociedade como idêntica, homogênea e harmoniosa. Fornece aos sujeitos uma resposta ao desejo metafísico de identidade e ao temor metafísico da desagregação. Ora, tanto a experiência quanto a ideologia encontram apoio para esta representação da identidade e da ordem no próprio mundo da produção econômica, na medida em que o movimento do capital surge como uma lógica imanente, independente dos homens e garantindo racionalidade e identidade como imanentes à própria realidade...

Na sequência, prosseguindo na tematização da proposta da ideologia a partir da apropriação da identidade (Chauí (P. 28), Marilena Chauí reafirma a questão do empoderamento da classe dominante que se respalda na fragilidade dos dominados para impor seus pontos de vista. Para isso, é necessária a construção de uma imagem unificada da sociedade na qual todos estão inseridos como cidadãos dignos e respeitados, pois o amparo e a proteção do Estado lhes garante plenamente o devido respeito. É preciso manter as aparências a fim de que os subordinados não se insurjam contra as regras pré-estabelecidas e, conscientes de sua força de reivindicação, promovam reflexões e rebeliões que resultem em conquistas produtivas e ameacem o clã dos poderosos. Esses mecanismos de persuasão devem causar a sensação de que o Estado representa a todos, embora na maioria das vezes os menos favorecidos não se sintam representados social ou politicamente por aqueles que deveriam garantir proteção aos que não têm voz para requerer seus direitos. Nesse caso, o que se verifica nessa falsa identidade é um falseamento dos direitos humanos e o fortalecimento de ações supostamente legalizadas

pelos mecanismos de poder. Como resultado desse processo, a dominação se instaura sem possibilidades concretas de reação às ideias de quem se mantém no poder ou alterações consistentes que propiciem resultados de excelência. O que resta nessa empreitada é a violência construída em variados aspectos (moral, social, econômica) que marca definitivamente a trajetória dos dominados em busca de reconhecimento de seu devido valor. Segundo Chauí,

*Responder ao desejo social de identidade tem uma origem precisa. Para que a violência da dominação exercida por uma classe surja como natural inscrita na ordem das coisas, racional e legítima, ou outro lugar de direito do exercício da dominação ____ sem o que os dominados teriam o direito de insurgir-se contra ela ____ é preciso que seja anulada como violência, e a única via possível consiste em produzir uma imagem unificada da sociedade, com polarizações suportáveis e aceitáveis para todos os seus membros. O imaginário ideológico responde a essas necessidades. Por um lado, fornece aos membros da sociedade dividida e separada do poder a imagem da indivisão (isto é, uma sociedade unificada pela unidade estatal, e esta como expressão e síntese da vida social) e, por outro lado, elabora para a classe que detém o poder uma imagem de si e do social que faça do poder não uma dimensão que distingue a sociedade e o Estado, mas que faça desse Estado um **representante** homogêneo e eficaz da sociedade no seu todo. A ideia de que o Estado **representa** toda a sociedade e de que todos os cidadãos estão **representados** nele é uma das grandes forças para legitimar a dominação dos dominantes.*

Consumada a “dominação dos dominantes,” tal poderio se espalha em variadas instâncias que absorvem o processo e o aprimoram com nuances e sutilezas capazes de angariar adeptos a seu favor. Além da repercussão histórica que esses fatos tiveram e da dimensão que atingiram, é notório que na literatura também se verifica a repercussão que o domínio das classes ditas superiores exerceu sobre os subalternos através de desmandos e imposições. Com o passar do tempo as formas de exploração se tornaram ainda mais sofisticadas e os argumentos a seu favor ganharam o aval da sociedade no que diz respeito à padronização das ideias de superioridade. Em obras como **O cortiço**, por exemplo, bem como no conjunto da obra de Zola, resplandece a diferença de classes que impera ao destacar elites que nem sempre são protagonizadas por homens fartos economicamente mas que apesar dessa restrição se mantém em ascensão a partir da exploração do mais pobre. Diversas categorias tomam a liderança no intuito de demonstrar que existem classificações que colocam o branco melhor sucedido em condições adversas não somente em relação ao negro, mas também ao simples trabalhador possuidor de poucos

recursos e ao português, Os protagonistas desse poder e de certa ostentação passam a se orgulhar do fato de atingirem objetivos certos e galgarem postos que lhes conferem uma superioridade centrada em privilégios. Explorando esse universo, especialmente os autores naturalistas contribuem consistentemente para que o mundo dos marginalizados seja detalhado em romances e narrativas que exploram esse universo colocando em pauta histórias de opressão e aceitação de uma realidade hostil construída sem acordo prévio.

Atento a esses comportamentos, no memorável ensaio *De cortiço a cortiço* do livro **O discurso e a cidade** (CANDIDO, 1993, P. 132, 133) Antonio Candido³³ nos oferece um recheado cenário da prepotência que afeta homens considerados superiores socialmente em detrimento da condição de miserabilidade e subserviência de seus servidores. Tomando como referência o espaço dos cortiços que tão bem caracteriza os textos de Zola, o crítico discorre acerca dos requintes de perversidade que dominam a mentalidade daqueles que repelem os supostos homens inferiores pelo fato de não serem brancos e pertencerem a outras nacionalidades: Além da questão racial, amplia-se o leque da pretendida superioridade no sentido de colocar em evidência somente aqueles que conseguiram “vencer” devido a seu espírito de perseverança no que se refere a conquistas de distintas ordens. Por intermédio desses conflitos instaura-se o ódio a todos que não são brasileiros, são negros ou que trabalham em condições que não se equivalem aos privilégios conquistados por esse oponente. Os cortiços, nesse contexto, seriam os representantes da ascensão de seus proprietários que, mesmo brancos na maioria das vezes, rivalizavam com o português, pois não podiam permitir que ele roubasse o status que conseguiram a duras penas. Mesmo sendo redimidos pelo dinheiro e pelo prestígio que os caracterizava, os proprietários desses impérios demonstravam sua insegurança ao se preocuparem com o destino daqueles que se constituíam numa ameaça a seus privilégios. O fragmento abaixo é um retrato da arrogância que encabeça a visão de mundo desses homens que apostam na superioridade como divisão de classes plenamente justificável. O enunciado desse discurso é contundente se levamos em consideração, conforme ressalta Antonio Candido, “o tipo de gente que o enunciava”.

³³ Antonio Candido, nesse memorável ensaio, lança mão de trechos de romances de Zola para explicitar a questão das classes sociais que se mostrou relevante no espaço dos cortiços no século XIX, colocando também em evidência o romance brasileiro, grande representante desse dilema em razão das polêmicas sociais e econômicas que levantou.

O tipo de gente que o enunciava sentia-se conformada por ele na sua própria superioridade. Essa gente era cônica de ser branca, brasileira e livre, três categorias bem relativas, que por isso mesmo precisavam ser afirmadas com ênfase, para abafar as dúvidas num país onde as posições eram tão recentes quanto a própria nacionalidade, onde a herança era o que ainda é (uma convenção escorada na cotação dos “homens bons”), onde a liberdade era uma forma disfarçada de dependência.

Daí a grosseria agressiva da formulação feita para não deixar dúvidas: eu, brasileiro nato, livre, branco, não posso me confundir com o homem de trabalho bruto, que é escravo e de outra cor, e odeio o português, que trabalha como ele e acaba mais rico e mais importante do que eu, sendo além disso mais branco. Quanto mais ruidosamente eu proclamar os meus débeis privilégios, mais possibilidades terei de ser considerado branco, gente de bem, candidato viável aos benefícios que a Sociedade e o Estado devem reservar aos seus prediletos.

Na sequência, Candido lança mão da fala de personagens para avaliar com detalhes ainda mais significativos o processo que dá embasamento a esse tipo de comportamento que resulta a ideologia como elemento de construção e manutenção do poder:

Se estiver na camada de cima, asseguro deste modo a minha posição e desmascaro os que estão por baixo: portugueses, pobres, gente de cor, gente do meu tipo que podem cobiçar o meu lugar. Se estiver em camada inferior, devo gritar ainda mais alto, para me fazer como os de cima e evitar qualquer confusão com os que estão mais abaixo. Por isso eu empurro o meu vizinho de baixo e sou empurrado pelo de cima, todos querendo sofregamente ganhar o direito de serem reconhecidos nos terrenos implícitos do dito espiritual. Uma espécie de brincadeira grossa de gata-pariu, onde cada um procura desalojar o vizinho e do qual saem sempre expulsos o mais fraco, o menos branco, o que se envolve mais pesadamente no processo de produção. Sórdido jogo, expresso neste e outros mots d'esprit, que formam uma espécie de gíria ideológica de classe, com toda a tradicional grosseria da genitália.

Esse jogo de repúdio ao deslocado da classe dominante pode ser mais ampliado quando o espaço de convivência se expande dos cortiços às favelas e foge do alcance de meros proprietários, cabendo a prefeitos e demais autoridades a vigilância dos moradores. O discurso somente se transfere de uma esfera para a outra, já que o poder adquirido pode ser comungado com os demais membros da sociedade. Nesse ambiente, as condições de sobrevivência são ainda mais precárias e as desigualdades se dão entre os habitantes na intenção de obterem vantagens a fim de não serem massacrados por seus pares. O jogo de empurra por quem está em cima ou embaixo também pode ocorrer desde que haja o domínio de uma liderança que imponha seu comando em detrimento do silêncio e obediência dos demais membros da habitação. Embora tanto nos cortiços como nas

favelas a violência seja recorrente, via de regra no segundo espaço manifestações violentas tendem a ocorrer com maior intensidade. Na maioria das vezes, o abandono por parte de autoridades às favelas atinge proporções inimagináveis mas a realidade, de fato, consegue ser atenuada pelo calar daqueles que controlam o sistema. Isso abre precedentes para que a discriminação impere dando voz a entidades superiores que impõem um discurso virulento que neutraliza qualquer possibilidade da alteração da situação.

Através desse discurso carregado de prepotência registrado por Antonio Candido, podemos reconhecer hoje em dia esse tipo de comportamento por parte de autoridades e instituições superiores, marginalizando as diferenças e inserindo-as num ambiente pouco promissor. Nesse caso, o olhar das autoridades e daqueles que se julgam poderosos é ainda mais restrito e o estandarte da dominação pode se mostrar também visível por meio da atitude de descaso de políticos que prometem melhorias caso vençam as eleições. No entanto, eles arquitetam o desligamento imediato de pessoas marcadas pela pobreza relegando-as ao esquecimento total no dia seguinte após a vitória. Evidencia-se ainda mais a divisão de classes que silencia o pobre nas categorias mais degradantes em redutos marginalizados. A perversidade desses políticos, registrada por Carolina maria de Jesus em árias páginas de seu diário, encontra base em séculos de dominação que são justificados pela lei dos poderosos que julgam prudente separar as pessoas em classes sociais e subjugá-las através da palavra, proferindo discursos falaciosos que serão assimilados por seus interlocutores, os quais não se encontram preparados para desmentir o conteúdo proferido pelo fato de não terem argumentos compatíveis.

Acerca do descaso dos políticos, Carolina Maria de Jesus denuncia em seu diário (P. 38, 20 de maio de 1958):

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.

Diante de todas essas falácias, as quais sustentam ainda mais a arrogância dos políticos que poderiam lutar pelos pobres e reitera a divisão de classes sociais que culmina

com o “divórcio do povo,” resta ao favelado apenas a opção de sonhar (ou devanear) com uma vida melhor que o retire da favela e lhe ofereça melhores condições de vida numa casa de alvenaria do outro lado do asfalto. Para eles, seria a única maneira de conter a humilhação que os afeta e anular o poder da classe dominante e da ditadura da cor que caregam enquanto herança. Seguindo com suas reflexões (P. 39, 21 de maio de 1958), Carolina conta sua experiência ao sonhar com uma vida melhor que a tire do estado de humilhação que a aprisiona momentaneamente: Em seu interior registram-se sentimentos que lhe conferem a certeza da inferioridade da qual não se pode desprender devido à falta de compromisso dos políticos que não cumprem as promessas apesar da palavra empenhada às vésperas das eleições. Aliado a isso, configura-se a ilusão de que um dia seria possível habitar num ambiente melhor em relação ao qual se encontra em decorrência de seu atual estado de miséria.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu fui festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu sai e os meninos comeram o pouco que eu tinha.

Fica estabelecida aqui a distância que separa o sonho da dura realidade e tira do favelado toda a expectativa de um futuro melhor que o insira num espaço privilegiado e digno. Se como negra e pertencente a uma classe social desprestigiada Carolina Maria de Jesus não construiu totalmente sua identidade por lhe faltar respeito as suas origens e a sua história a fim de conquistar seu espaço de igualdade, como escritora ela passaria por dificuldades ainda maiores, uma vez que com esses atributos seria ainda mais difícil enquadrá-la no rol de autores consagrados. O fato de ser mulher também se mostrava um empecilho, haja vista as dificuldades que inúmeras escritoras encontraram nas respectivas trajetórias até implacaram obras significativas que fossem alvo da apreciação dos homens e do público leitor.

3.4. A construção de uma identidade enquanto escritora e mulher

O desempenho feminino na literatura foi durante muito tempo questionado pelos homens e por um público desavisado que não via no trabalho das mulheres mérito suficiente para reconhecê-las enquanto produtoras de obras de qualidade que as colocasse em igualdade com os grandes escritores. No caso de escritoras, embora algumas já tivessem construído sua fama como Jane Austen, as aspirações artísticas eram recalçadas, sendo o lugar de destaque atribuído a confrarias masculinas que, apoiados no patriarcalismo, usavam da influência conseguida para impedir que o clã feminino desenvolvesse sua capacidade criativa. Revisitando Virgínia Woolf, é notória a luta travada pela mulher para se fazer respeitar num mundo totalmente credenciado por homens. Em **Um teto todo seu**, proferindo palestras que se transformaram em consagrados ensaios, ao falar da irmã inventada de Shakespeare ela enfatiza que no período elisabetano esta entidade não gozaria do mesmo prestígio do dramaturgo, mesmo sendo dotada de genialidade e visível talento. Em uma de suas falas (WOOLF, P. 65), ela fornece um panorama da situação da mulher que se prolongou por décadas a fio. Deixemos Virginia explanar livremente suas inquietações acerca de tema tão delicado:

(...) o que existe aí de verdade, assim me pareceu, revendo a história da irmã de Shakespeare tal como a criei, é que qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido ter-se-ia matado com um tiro ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada. Pois não é preciso muito conhecimento de psicologia para se ter a certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse usar sua veia poética teria sido tão obstruída e contrariada pelos outros, tão torturada e dilacerada por seus próprios instintos conflitantes, que teria decerto perdido a saúde física e mental...

Páginas adiante (P. 72), dando ainda mais ênfase em seu desabafo em tom de manifesto, Virginia Woolf arremata a discussão trazendo à baila componentes desagregadores que contribuem para o silenciamento artístico das mulheres ao evidenciarem a supremacia masculina:

(...) é bastante evidente que, mesmo no século XIX, a mulher não era incentivada a ser artista. Pelo contrário, era tratada com arrogância, esbofeteada, submetida a sermões e admoestada. Sua mente deve ter sofrido tensões, e sua vitalidade reduzida pela necessidade de expor-se a isto, de desmentir aquilo. Pois aí, mais uma vez, entramos no âmbito daquele complexo masculino muito interessante e obscuro que teve tanta influência no movimento feminista, daquele desejo arraigado não tanto de que ela seja inferior, mas de que ele seja superior, o que o coloca, para onde quer que se olhe, não apenas na diámetria das artes, mas barrando também o caminho da política, mesmo quando, para ele próprio, o risco pareça infinitesimal e a suplicante pareça humilde e devotada...

Esse contexto descrito por Virgínia Woolf pode ser vislumbrado durante longos períodos quando o assunto é a independência da mulher. Independente do movimento feminista, as conquistas foram árduas principalmente no campo artístico até elas se afirmarem como escritoras de fibra que, assim como os homens, eram representativas de sua época e podiam dispor de uma visão de mundo condizente com a proposta da literatura. No Brasil, embora hoje apreciemos o talento de ficcionistas expressivas como Clarice Lispector, Lígia Fagundes Telles, Rachel de Queirós e poetisas como Cecília Meireles, Adélia Prado e Hilda Hilst, o lugar da mulher no cenário literário foi visto com limitações e reservas. A luta para a consagração foi intensa até garantir às escritoras o devido destaque de que eram merecedoras, deixando de lado o menosprezo e o preconceito em relação aos bons textos provenientes da lavra feminina.

Neste panorama que dialoga simultaneamente com o passado e o presente, Carolina Maria de Jesus encontrou portas fechadas para qualquer produção que partisse dela pelo simples fato de sua condição de pobreza afastá-la dos holofotes de divulgação. Além da barreira do gênero, sua inserção enquanto escritora era vista com certo exotismo pelo fato de ela ser catadora de papel, moradora de uma favela em evidência, iletrada para os padrões estabelecidos pela sociedade além do fato de ser considerada inapta para críticas que exigiam consolidada formação. Experimentando todo o tipo de preconceito e sonhando com o dia em que se consagraria como uma grande escritora, ela não conseguiu idealizar sua aspiração até encontrar o jornalista Audálio Dantas, que a impulsionou na carreira com a publicação do diário que alavancou a carreira em decorrência das altas vendas que renderam os direitos autorais provenientes, inclusive, das traduções em diversos idiomas. Antes do estrondoso sucesso, a escrita de Carolina de Jesus era informal no sentido de que ela escrevia em papéis achados no lixo, amarelados com o tempo e em cobertos sujos que eram reaproveitados para documentar situações de abandono e

sentimentos conturbados. O diário registra que muitas vezes, ao perder o sono, a mulher que almejava se transformar numa escritora de renome rabiscava suas impressões e comportamentos dos habitantes da favela esperando um dia publicar sua história em editoras de prestígio. Mesmo informalmente, o apelo de conscientização social se mostrou intenso a ponto de as anotações terem se transformado em preciosos estudos que descrevem uma vida em meio a outras que sofrem de males semelhantes. Apesar do estrondoso sucesso da obra, a mesma repercussão não se manteve nos demais textos publicados e a autora foi relegada ao esquecimento em situação precária que a levou à morte.

Sonhando com a auréola de escritora, Carolina de Jesus não imaginava que seu “quarto de despejo” continuaria sendo real mesmo tendo a oportunidade de habitar uma casa de alvenaria. Depois da fama, ela sente que sua vida não se modificou e que o título conferido a seu livro nada mais era que o retrato da exclusão que a acompanhava há muitos anos. Em algumas ocasiões, Carolina se ressentiu do fato de ter sido preterida. Um dos episódios marcantes para ela foi o lançamento do livro **A maçã no escuro** de Clarice Lispector. No referido evento, ela não pôde ter acesso à escritora que tanto admirava. Já Clarice Lispector, indo ao lançamento de **Quarto de despejo**, teve contato com Carolina Maria de Jesus em razão das diferenças sociais que garantiam a ela, no auge de sua carreira e respaldada por uma hierarquia da cor, livre acesso aos menos favorecidos num momento de glória incomum no cenário artístico. Tendo em vistas essas circunstâncias, a autora em formação teria que se esmerar demasiadamente para ser aceita como componente de uma classe artística que ignorava a existência de favelados e apostava na incompetência destes para a produção de qualquer feito literário. Seria difícil para Carolina Maria de Jesus como escritora e mulher marcar presença no centro dessa sociedade e se posicionar enquanto intelectual que requer seus direitos na qualidade de donatária de seu potencial e de sua capacidade de criação.

Escrevendo **Quarto de despejo**, Carolina Maria de Jesus tematiza passado e presente e talvez nem tenha consciência de que carrega elementos de tempos remotos que a estimulam à reflexão com elevado grau de persuasão. Ela talvez não tenha a devida consciência (embora desde a infância seja notória a compulsão desenvolvida pela leitura) de que guarda a memória e a herança dos áureos tempos da escravidão e que os escritores de outrora forneceram a ela elementos para a compreensão do presente para dele extrair matéria-prima para as inquietações. Ela é devedora a escritores como por exemplo Maria

Firmina dos Reis (mulher que como ela também sofreu as dificuldades para se firmar enquanto escritora e ser respeitada pela qualidade de sua obra) e Lima Barreto (que de posse de seus diários também registrou sua intimidade num mundo pautado pelo racismo), autores empenhados em propagar ideias libertárias em momentos criais em que eram escassas as oportunidades disponíveis. Esses autores que serão objeto de nossa explanação, além de tantos outros representativos de nossa literatura, sofreram todos os tipos de preconceito e construíram sua história em meio a sofrimentos que nunca o desviaram de seus propósitos na ficção. Nesses intelectuais encontrava-se a chave para a manutenção de uma história negra em condições de propagar as origens através da escrita ao enfatizar a dor da experiência da humilhação. Era preciso ecoar com voz cada vez mais forte o conteúdo que esses homens e mulheres de letras colocaram a serviço de seu público e de outros escritores em ascensão, a fim de que estes fossem tomados de inspiração para exercer o ofício da criação. Não é possível tematizar o presente sem a existência de um passado que traga à memória questionamentos indelévels que são retratados como herança para a construção da identidade.

No percurso da herança do passado, propomos a instigação desses dois autores fundamentais na formação da literatura brasileira como Maria Firmina dos Reis e Lima Barreto. Ambos negros, experimentaram no processo das respectivas produções o preconceito e o racismo entranhados numa sociedade repleta de regras. Eles prepararam o terreno, juntamente com outros, para o acabamento que seria dado por escritores como Carolina Maria de Jesus, a qual bebeu na fonte destes pioneiros indignando-se na medida certa acerca dos impropérios sociais que a condenavam num presente desfavorável. Sem eles, não seria possível construir uma identidade em termos de posicionamento, pois ao se posicionarem comportam-se como proprietária de uma voz autônoma na denúncia de desmandos que tempos depois não se alteraram mas apenas mudaram de configuração. Com Maria Firmina dos Reis veremos como as dificuldades enfrentadas por uma mulher escritora já eram costumeiras no século XIX, situação que Carolina Maria de Jesus enfrentou com poucos atenuantes. Lima Barreto também não economiza nas críticas acerca de preconceitos através de sua ficção e nas páginas de seus diários, cujos conteúdos, além de conter momentos de intimidade, não deixam de atirar no rosto da sociedade as consequências de seus atos preconceituosos capazes de destruir a personalidade de homens que clamam por aceitação. Deste modo, o terreno de Carolina Maria de Jesus pôde ser cultivado com material robusto colhido no passado, sendo seu

diário uma espécie de comprovação de que a hereditariedade permanece na literatura como uma distinção no compromisso dos autores em transmitir suas experiências para a posteridade. Em primeira instância, daremos passagem a Maria Firmina dos Reis, tomando como ponto de partida seu romance de estreia **Úrsula**.

3.4.1. Maria Firmina dos Reis e o Parentesco literário com Carolina Maria de Jesus. As dificuldades da escritora e da mulher no universo masculino.

(...) Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas as cadeias, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: ____ escravidão?!... E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lhe diz, e a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!

O fragmento acima, extraído do romance **Úrsula** de Maria Firmina dos Reis remonta às palavras do personagem Túlio, escravo fiel a seu senhor Tancredo, que sentiu na pele a perda da liberdade quando foi obrigado a deixar seu país onde dividia com amigos e parentes momentos de felicidade. Esses trechos encabeçados por escravos, como a fala da escrava Suzana que também se pronuncia a certa altura do romance evidenciando sua visão a respeito da liberdade com extrema subjetividade, fazem de **Úrsula** um clássico tardio do Romantismo brasileiro, haja vista seu compromisso com a denúncia da escravidão e seus malefícios, antecipando o canto inigualável de Castro Alves e da luta abolicionista que vinha sendo travada por intelectuais do mais elevado gabarito. Nessa obra, os escravos, representantes da escória da sociedade, têm voz e podem manifestar suas angústias através de desabafos em prol de uma visão crítica acerca do negro que se encontrava na condição de escravo. Inovador na literatura brasileira, num momento em que se pregava a submissão do escravo ao branco com total obediência e o modelo de subserviência tinha como referência a obra **A cabana do pai Tomás**, o texto de Maria Firmina dos Reis se antecipa à denúncia e às grandes inquietações na tentativa de libertação dos escravos, levando também em consideração o fato de que a obra foi escrita por uma mulher negra. Professora primária de formação, este dado não conferia a essa escritora nenhum prestígio adicional, já que para o período em questão as conquistas

de Firmina dos Reis ultrapassavam os limites permitidos a mulheres negras se desejassem se profissionalizar ou se destacar em atividades artísticas. Ao atingir esse patamar, podemos considerar que essa autora se comportou como uma mulher à frente de seu tempo, abrindo caminhos para outras mulheres que mais tarde brilhariam em várias áreas das ciências e humanidades.

Pouco conhecida até pouco tempo pela crítica literária e pelos leitores, sem nenhuma apreciação nas escolas e nos livros didáticos, Maria Firmina dos Reis³⁴ era uma escritora vista sem muitas perspectivas de profundidade mesmo fazendo parte do Romantismo, movimento responsável pela implantação do nacionalismo na literatura e do canto de liberdade que ajudou na conscientização acerca da escravidão. Somando-se a **Úrsula**, o conto *A escrava* funciona na literatura brasileira como uma advertência a respeito da situação do negro oprimido a fim de chamar a atenção para a dor de uma mãe que sente na ausência do filho a crueldade de uma sociedade que lhe privou da dignidade. Ambas as obras ainda pareciam inexpressivas para o Romantismo brasileiro talvez pelo fato de sua autora ter despontado numa época em que as mulheres não tinham muito alcance no panorama literário. Embora tenha sido conterrânea de Gonçalves Dias, o peso do poeta e dramaturgo maranhense não contribuiu para o afloramento literário de Maria Firmina dos Reis e nem mesmo a importância de seu texto foi considerado à altura de grandes nomes a fim de inaugurar um novo e prestigiado momento nas letras nacionais. Assim como Carolina Maria de Jesus, ela não despertou interesse por seu texto que já portava um tom de denúncia, talvez tão esquisito quanto o estranho diário de Carolina.

³⁴ Alguns dados interessantes sobre o romance e sua autora podem ser constatados na cronologia dessa edição (P. 214): *Cronologia -- Contextualização atlântica* ____elaborada por Flávio dos Santos Gomes. Ele seleciona datas e episódios significativos como os ocorridos no período de 1829-33:

Debates políticos sobre cor e identidade em diversas cidades brasileiras, com destaque para Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Luís. Na corte, no Rio de Janeiro, aparecem panfletos e periódicos dirigidos por republicanos liberais exaltados e conservadores denunciando conspirações escravas. Em vários lugares surge o termo "brasitiano", com o sentido de rumores de levantes e massacres contra os brancos.

Além disso, constam informações sobre Maria Firmina dos Reis e o romance **Úrsula**:

(P. 222): 1962 ____ "O bibliófilo Horácio de Almeida encontrou por acaso um exemplar original (de 1859) do romance **Úrsula** e tenta identificar seu autor".

1975 ____ "No Rio de Janeiro, em fac-símile, e pela gráfica Olímpica, é lançado ____ 116 anos depois ____ o romance **Úrsula**, por Horácio de Almeida".

"Após muitas pesquisas literárias e etnográficas, José Nascimento Marins Filho publicou, com apoio do governo do Maranhão, uma espécie de biografia de Maria Firmina dos Reis, sob o título **Maria Firmina: Fragmentos de uma vida**".

Apesar de letrada e certamente mais respeitada que Carolina Maria de Jesus, Firmina sofreu na pele o preconceito que veio acompanhado da irrelevância intelectual em relação às produções masculinas que ganhavam apoio redobrado devido ao patriarcalismo exacerbado vigente na época. Apesar de **Úrsula** já conter em suas páginas um grito de repulsa à escravidão, somente posteriormente com obras consagradas a conscientização da necessidade da abolição tão pregada por Joaquim Nabuco³⁵ e outros intelectuais viria a ganhar maiores dimensões nas obras literárias e manifestos que se propagaram no desenrolar do século XIX. Autores como Castro Alves com seu canto de revolta nos navios negreiros conseguiriam despertar na população um impulso de liberdade não aceito vindo da parte de ficcionistas como Firmina dos Reis em seu lançamento, talvez pelo fato de sua época não dispor de jornalistas interessados em financiar textos que aparentemente não tinham o apelo do sucesso. Nesse aspecto, ela se distancia de Carolina Maria de Jesus que de imediato despertou interesse em Audálio Dantas passando a imagem da vida exótica na favela com seu **Quarto de despejo**. Sua narrativa, embora revestida de extrema subjetividade e da experiência de vida de uma mulher negra com autoridade plena para denuncia seu mundo em ruínas conseguiu emocionar o público leitor em prol da necessidade de olhar para a situação do negro com certa condescendência. Ao contrário da fortuna de Carolina, coube a Maria Firmina dos Reis pagar o preço de ser mulher e tentar se igualar aos homens poderosos literariamente para mostrar a qualidade de seu texto em busca de reconhecimento em que se exigia do escritor genialidade para ser aceito enquanto personalidade artística.

Retomando a questão da supremacia masculina, inserindo-a agora no contexto brasileiro em pleno Romantismo do século XIX, a respeito do desprestígio das escritoras a historiadora Maria Helena Pereira Toledo Machado³⁶ (P. 16) ao comentar o romance **Úrsula** nos apresenta um panorama da época de Maria Firmina dos Reis:

³⁵ Em sua obra **O abolicionismo**, Nabuco discorre sobre os malefícios da escravidão defendendo a liberdade urgente dos escravos para o próprio bem do país, considerando o aprisionamento do negro indigno, uma vez que o país mantinha ares de modernidade. Em outra obra intitulada **Minha formação**, o autor fala de seu percurso intelectual e acadêmico como suas experiências na Europa, um universo ao qual o negro não tinha acesso, deixando transparecer um contraponto entre as oportunidades que vieram ao seu encontro e a falta de oportunidade que costumeiramente não chegava à classe escravizada.

³⁶ O ensaio intitula-se *Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI*. O comentário em destaque encontra-se no tópico *Maria Firmina dos Reis e Úrsula, seu tempo e sua história*.

(...) Todavia, o universo dos aptos a se comunicar pela palavra escrita era ainda eminentemente elitista, masculino e condicionado aos padrões de erudição próprios do clássico ocidental.

Apesar disso, e de maneira crescente, mulheres provenientes das camadas mais abastadas passavam a se apropriar da palavra escrita, lutando para ser admiradas no fechado grupo dos que podiam ser lidos na Europa e nos Estados Unidos, embora talentosas escritoras tenham alcançado grande sucesso o acesso das mulheres àquele clube masculino se deu sob regras discriminatórias, que ditavam a elas rituais de autodepreciação ou estratégias de anonimato. Mesmo escondendo-se sob pseudônimos masculinos ou nomes genéricos, recorrentemente desculpando-se da própria petulância, algumas mulheres foram capazes de penetrar no círculo dos detentores da palavra escrita.

Dando seguimento a tal constatação, (P. 18), a historiadora relata a baixa autoestima de Maria Firmina dos Reis ao se desculpar perante os leitores em relação à insuficiente qualidade de seu livro, pois o fato de ter sido escrito por uma mulher não a posicionava honrosamente diante dos homens que, além de terem o benefício do gênero para se vangloriar, gozavam do prestígio do domínio da língua portuguesa que, no ponto de vista da autora, constituía-se num atributo digno de exaltação.

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento leitor. Sei que passará entre o indiferentismo de uns e o risco mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, mas o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a construção dos homens ilustrados, que aconselham que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seu país, e pouco lido, o seu cabedal intelectual é quase nulo.

Como se averigua nos fragmentos acima, a situação da escritora é conturbada por fatores que envolvem preconceito e gênero. Já naquela época as condições desfavoráveis nas quais as mulheres se encontravam eram um alerta de que muito tempo se passaria até que providências fossem tomadas no intuito de enxergar no universo feminino condições adequadas de para a exposição do talento. Para assumir sua identidade no intuito de se posicionarem sem restrições e medo de imposições, tanto Maria Firmina dos Reis como Carolina Maria de Jesus tiveram que se expor demasiadamente para construir uma identidade que as perpetuasse no panorama literário e imprimisse o respeito que mereciam. A primeira, reconhecida tardiamente e sem grandes alardes, não teve em vida

a consideração que poderia ter rendido a ela os frutos de seu investimento; já a segunda, embora tenha esperado um longo tempo para ser reconhecida, experimentou o sucesso meteórico em razão da descoberta do jornalista curioso que reconheceu em seu texto um verdadeiro arsenal de ideias que ganhariam a empatia do público leitor, inclusive do exterior.

No cenário contemporâneo, tanto **Úrsula** como **Quarto de despejo** são fartos de crítica social e ocupam lugar de destaque na literatura brasileira. A obra de Maria Firmina dos Reis pode se constituir numa herança do passado para Carolina Maria de Jesus com todo o peso que a história do negro e o pulsar da escravidão representam para o mundo de hoje. Nesse sentido, **Úrsula** se constitui numa grande ferramenta de preparação para a composição do universo de **Quarto de despejo** com toda a carga de denúncia que foi possível na época. Consciente de sua negritude e de que existiram autores negros que lhe deram instrumentos apropriados para sua escrita perturbadora, Carolina de Jesus segue na missão de detalhar seu quarto particular e tenta construir a identidade de si mesma e do negro a partir dos resquícios de que tem conhecimento.

Se a história de Maria Firmina dos Reis é atravancada pelo fato de ser mulher e negra e não poder competir com o poderio masculino em pé de igualdade, a trajetória de seus sucessores não é diferente, uma vez que são vítimas de preconceitos raciais e sociais que tentam anulá-los enquanto literatos. Um autor como Lima Barreto, escrevendo no século XX, embora pudesse desfrutar de regalias por ser do sexo masculino, inúmeras vezes baqueou diante de circunstâncias desfavoráveis. Apesar disso, ele construiu com o conjunto de sua obra um legado que estimula os admiradores à resistência e à confiança em seus propósitos no que tange ao combate às desigualdades.

3.4.2. Lima Barreto e as instabilidades contra o preconceito

Lima Barreto viveu num mundo configurado pelo racismo que muitas vezes quase o desestimulou a seguir a carreira de escritor que dividiu com as repartições públicas durante grande parte de sua existência. Seus romances, contos e crônicas são o espelho de uma sociedade que desprestigiava os menos favorecidos, incluindo negros e mulatos, os quais, mesmo beirando a ascensão como resultado do trabalho empenhado, tinham que

lutar demasiadamente para se igualar social e economicamente aos brancos dominantes, seja nas repartições, instituições de ensino ou festas em que as rodas de conversa eram por si só o celeiro de um grupo seletivo que se fechava para novos adeptos. Embora esses aspirantes à alta sociedade pertencessem a uma escala social de porte médio, trabalhando em jornais do Rio de Janeiro e às vezes levando a vida como autônomos, pairava ainda sobre eles o estigma da escravidão e a certeza de que uma vez submissos deveriam permanecer nessa condição. Trilhando esse caminho, ou pelo menos parte dele, a obra de Lima Barreto contém um verdadeiro panorama da sociedade do século XX apontando a perplexidade do desenvolvimento urbano e suas consequências que resultam na perda de valores morais e descontrole econômico que caracterizavam o governo da época. É notória a sensação de desorientação que certa modernização provocou nessa nova cidade e no comportamento de seus habitantes que tiveram que assimilar o formato desses novos tempos.

Muitos dos personagens barretianos constituem-se em biografias do próprio autor, descrevendo a trajetória descontínua decorrente, em parte, do preconceito recebido, dos problemas com o alcoolismo, do dilema com o pai vitimado pela loucura³⁷, dos constantes internamentos e dos conflitos internos que o impediram de produzir mais intensamente de acordo com suas intenções literárias. Para um registro mais preciso desses fatos, Lima Barreto também lançou mão de diários que o impulsionaram a escrever seus momentos de tensão que tanto o martirizaram. Além disso, os contos, crônicas e romances tematizaram com propriedade a indignação do autor diante das mais diversas situações, sendo seus personagens porta-vozes de uma visão de mundo incompatível com aquela que se esperava dos habitantes de uma cidade moderna como o Rio de Janeiro daquela época. Policarpo Quaresma e Isaías Caminha, por exemplo, são representantes desse universo às avessas ao colocarem em discussão questionamentos que faziam com que o leitor refletisse sobre aspectos sociais carentes de resolução, fossem eles referentes à nacionalidade ou ao preconceito vigente que imperava, revelando nuances que, embora devessem vir à tona, eram desconsideradas pela maioria que não enxergava o país como ele era de fato. Com excesso de escrúpulos, Policarpo Quaresma colocava a mão na ferida

³⁷ Consta na biografia de Lima Barreto que seu pai, numa determinada noite, deitou-se para dormir em plenas poses de sua sanidade mas acordou no dia seguinte completamente fora de suas faculdades mentais, não se recuperando jamais desse espasmo de loucura. Devido ao alcoolismo, Lima Barreto também colecionou inúmeros delírios que fizeram com que ele perdesse muitas oportunidades de palestrar e divulgar sua obra, embora depois do período de internações em hospícios para tratamento pudesse recuperar sua lucidez e retomar as atividades.

ao fazer com que os valores nacionais fossem revisitados e repensados mesmo diante do ufanismo em demasia que o rotulava. Já Isaías Caminha, mesmo sutilmente, denunciava as feridas causadas pelo racismo em situações desconcertantes que não incomodavam o brasileiro pelo simples fato de enxergarem normalidade em atitudes já sacralizadas. Clara dos Anjos, lançando mão do olhar feminino, denunciava também o racismo, bem como a pretensão das classes ditas superiores para enganar os mais fracos e historicamente frágeis para submetê-los a seus caprichos e desmandos até mesmo com pretensões de sedução quando o assunto eram as mulheres mulatas ingênuas e modestas.

Através desse rico universo, percebe-se que essa literatura não era construída de forma despretensiva mas era fruto de uma missão³⁸ assumida pelo autor no intuito de acertar as contas com uma sociedade que o tolhia e o estigmatizava em benefício de interesses próprios. Muito distante da apreciação de alguns intelectuais que afirmavam ser ele um escritor despreparado, com estilo desleixado e sem apuro, Lima Barreto demonstra em suas narrativas que o conteúdo taxado como desleixo nada mais era do que um artefato para reflexão no intuito de denunciar sagazmente as contradições sociais do período com sutilezas mirabolantes que causavam a impressão de uma ausência de intimidade gramatical na escrita.

Por intermédio de uma dose certa de oralidade, Lima Barreto narrava seu desconforto em relação aos modismos e determinadas ações da sociedade que se tornaram aceitáveis sem ao menos as pessoas se darem conta de que estavam sendo preconceituosas ou praticando o racismo no mais alto grau. **Recordações do escrívão Isaías Caminha** é um bom exemplo de como tais atitudes comprometiam emocionalmente as vítimas do preconceito podendo afetá-las psicologicamente impedindo, conseqüentemente, a realização de projetos anteriormente traçados.

Isaías Caminha sentia-se incomodado com gestos de desprezo como o relatado no momento em que chegou no Rio de Janeiro e foi ferido em sua sensibilidade quando não foi atendido prontamente em um bar, acreditando que tal procedimento se deu pelo fato de ele ser mulato, ao passo que outros presentes no recinto recebiam outro tratamento. Entrando num mundo em que o julgamento pela aparência e pela cor eram determinantes,

³⁸ Referência à obra **A literatura como missão** do historiador Nicolau Sevcenko (cf. bibliografia) em que são analisadas as trajetórias de Lima Barreto e Euclides da Cunha, ambos representantes de um discurso propício aos desencontros sociais do final do século XIX e início do XX, trazendo à realidade problemas centrais para a compreensão do Brasil naquela época.

ele passa a se confrontar com outra realidade muito diferente do interior onde habitava. O ápice desse preconceito tocará mais sua alma quando ele estiver instalado num hotel e for confundido com outra pessoa por uma questão de semelhança física. Embora trabalhe num jornal importante do Rio de Janeiro e circule entre figuras consideráveis do circuito da imprensa, Caminha se vê, em certa ocasião, envolvido numa acusação de roubo que o desatina e faz repensar seus valores devido à pele mulata que por si só já o denuncia como ladrão. O constrangimento se dá (P. 59) quando Isaías está na delegacia diante do delegado que o acusa e se refere a ele como *o mulatinho*..:

“Capitão Viveiros,

_____” *E o caso do Jemkalé? Já apareceu o tal mulatinho?*

Não tenho peja em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente de que era na realidade, entre superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada...

Diante desta cena, protagonizada com lágrimas nos olhos, temos a nítida percepção de que Isaías Caminha se conscientiza plenamente de que o tratamento dado a ele até o momento era revestido de certa artificialidade, haja vista que acontecimentos como estes demonstravam que o tom da pele falava mais alto e o “defeito de cor”³⁹ despertava nas pessoas ao redor as mais variadas sensações de repulsa. Por meio dessa conscientização, o personagem se desmonta como se tivesse recebido uma bofetada ao ser confrontado. Este é um dos sintomas de que Isaías Caminha, num certo sentido, encontrava objeções no mundo dos brancos e que precisava subir ainda muitos degraus para atingir uma escala de valores compatível com seu desejo.

Cercado de tantos obstáculos, as recordações desse escrivo não se comparam aos percalços enfrentados pela personalidade Lima Barreto na vida real em inúmeras situações de humilhação, tanto em repartições públicas como nas internações em

³⁹ Menção ao romance **Um defeito de cor** que contemporaneamente reflete sobre questões de racismo. Lembremos que Carolina Maria de Jesus também foi acusada de roubo em certa ocasião de sua vida e que mesmo depois de acharem o objeto o fato ainda desestruturava a escritora a ponto de fazer parte de suas memórias mais dolorosas.

manicômios e hospícios⁴⁰. Nesses lugares ele passou por conflitos que o fizeram repensar sua trajetória enquanto escritor e ser humano. Dependente do álcool, Barreto não tinha como impedir sua estadia nesses circos de horrores tendo contato com a loucura e o desequilíbrio humanos apesar de não desestabilizar totalmente sua saúde mental. Dessa experiência nascem os diários que se transformaram em obras literárias, companheiros que registraram o declínio íntimo e moral de um intelectual através de fortes relatos de fragilidade. Se os diários de guerra ou os de cunho feminino como os de Virgínia Woolf se prestavam a simples registros culturais ou aos choques produzidos pela guerra, os de Lima Barreto não chocam menos devido à desconstrução de seu ser depurado em cada página.

Mesmo fora do aprisionamento do hospício, Lima Barreto passou por constrangimentos que o fizeram entender da pior maneira possível que certos rótulos insistem em permanecer simplesmente pelo fato de o indivíduo abordado ser negro ou mulato, como se a profissão ou o limite de seu território estivessem vinculados diretamente à cor. No fragmento abaixo, extraído do diário íntimo (P. 15), o autor demonstra seu desconforto em relação à prepotência de certas pessoas que, ao se julgarem superiores, classificam outros como escória devido a clichês previamente estabelecidos: O que mais incomodou o autor foi a recorrência do acontecimento não verificado com os brancos que frequentavam assiduamente aquele lugar. Lima Barreto, devido à crueldade psicológica do acontecimento, que está fadado a ser colocado em determinadas profissões que melhor definirão seu perfil pelo simples fato de ser negro ou mulato. Além disso, os trajes também o enquadrarão nesse rótulo e desenharão um retrato agradável àqueles que pretendem dominá-lo.

Hoje, comigo, deu-me um caso que, por repetição, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, injuriando-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tornar-me como tal, e mesmo creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Por que então essa gente continua a me querer contínuo, porquê?

⁴⁰ Conta o escritor que em uma de suas internações num hospício (cf. Nicolau Sevcenko) nunca se sentiu tão humilhado como no dia em que foi obrigado a varrer o chão do recinto. Nesse dia, não aguentou de tanta dor e chorou como criança pelo fato de ter descido tão baixo sem nenhuma possibilidade de reação.

Porque... o que é verdade na raça humana, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou sempre condenado a ser tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.

Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo. Seria, mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco.

Quando me julgo ____ nada valho; quando me comparo, sou grande.

Enorme consolo.

Em outra ocasião (P. 37 ____ 24 de janeiro 1908), ele relata uma situação em que estava no porto e foi desconsiderado, alegando que o fato de ser negro foi determinante para justificar o ocorrido. O detalhe que chamou a atenção de Barreto foi que a ninguém que embarcava no porto pediam convite, somente a ele. Isto foi suficiente para despertar em seu íntimo o mais profundo sentimento de desprezo, fazendo-o crer ainda mais que a cor determinava a aceitação das pessoas em meios específicos. “Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juan Floresta. Fiquei tomando cerveja na barra e saltei”. Após o episódio, conclui tristemente:

“É triste não ser branco”.

Tendo em vista esses constrangimentos motivados pelo preconceito e pelo racismo, somados às experiências que viveu no internato, Lima Barreto compartilha com escritores que viriam na sequência as dificuldades de ser negro num país que mesmo tendo libertado seus escravos não lhes concedeu melhores condições de sobrevivência, obrigando também aqueles que de alguma forma conseguiram se sobressair a viver miseravelmente como escravos de um sistema capitalista que futuramente aumentaria sua intensidade dificultando, inclusive, a vida de escritores negros que pretendessem se lançar no campo da literatura. Tais escritores, cientes posteriormente das dificuldades de se manterem ativos no circuito editorial ou produzirem obras com certa autonomia conheceram, do modo mais cruel, a diferenciação atribuída a eles por causa de sua cor, restando-lhes apenas o desejo de se manterem em pé e serem respeitados, principalmente como seres humanos.

Lutando contra uma forte correnteza que poderia arrastá-los a fim de apagar suas pegadas, a luta empreendida por Maria Firmina dos Reis e Lima Barreto ganhou adeptos compromissados que se propuseram a ressaltar com grande propriedade o universo negro e suas particularidades. Do mesmo modo que Carolina Maria de Jesus bebeu na fonte desses autores que a inspiraram a escrever sua obra, ela também influenciou outros que levaram adiante a bandeira da memória e da identidade para não permitir que a história tematizada em páginas literárias no passado caísse no esquecimento. Entre esses autores, tomamos como referência Conceição Evaristo, a qual faz de **Quarto de despejo** um espelho que refletirá em cada beco de sua memória ao expandir magistralmente a visão de mundo que projetou Carolina Maria de Jesus no cenário literário. Conceição, em seu trabalho, contribui com leituras significativas da realidade por meio de reflexões fundamentais dos problemas fundamentais do Brasil contemporâneo envolvendo o negro.

3.4.3. A herança de Conceição Evaristo que se manifesta em seus becos da memória em seu processo de escrivência

Conceição Evaristo não nega a impactante contribuição de autoras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus na constituição da negritude e dos questionamentos referentes ao negro, tornando-o, como suas antecessoras, personagem em primeiro plano na literatura brasileira. Estas autoras abriram caminho para se travar uma discussão ainda mais acirrada nos dias de hoje sobre preconceito, racismo (incluindo suas variantes como o racismo estrutural), negritude versus branquitude, cotas raciais, além de questões delicadas que necessitam de conscientização para serem resolvidas com certa rapidez. Levando em conta esses aspectos, **Quarto de despejo**, muito distante das obras de Maria Firmina dos Reis e Lima Barreto, torna-se uma espécie de referência próxima no presente para desdobrar as questões elencadas acima, já que anteriormente não eram colocadas em pauta com a devida clareza talvez por falta de espaço na mídia ou desinteresse de determinadas instâncias governamentais. O diário de Carolina Maria de Jesus, nesses termos, pode ser considerado uma ponte que dialoga com obras do passado e do presente, formando um elo reflexivo que perpetua a memória sem perder de vista problemas cruciais que são amadurecidos com o passar do temp. .Se o texto caroliniano já foi surpreendente na década de sessenta devido a seu caráter de reflexão e pelo fato de

sua autora se distinguir exoticamente em vários quesitos que fugiam de padrões compatíveis com o sucesso, contemporaneamente ele ainda tem muito a revelar sobre a situação do negro, das favelas que ainda se encontram em expansão e da cidade que, ao se urbanizar, ainda continua reproduzindo o mundo de Carolina Maria de Jesus. Devido a esse livro, hoje em dia os escritores negros são (ou pelo menos em parte) mais aceitos ao exporem o cotidiano marginalizado que caracteriza bicos, favelas, periferias e lugares em que a pobreza e a violência não dão trégua. Esse ambiente habitado por excluídos da sociedade atualmente dá voz a autores negros que entenderam prontamente que a literatura é um espaço de denúncia e como tal precisa dar oportunidade a todos que se propõem a contar histórias inegociáveis quando o assunto tem a ver com a exposição de uma realidade que precisa urgentemente ser representada sem máscaras ou ocultamentos.

Representante dessa safra de autores compromissados com essa realidade outrora desprezada, Conceição Evaristo delimitou seu território literário sem se curvar a exigências de produção que talvez, anteriormente, devessem ser cumpridas a fim de não limitar o trânsito dos escritores no mundo editorial. Apesar de aparentemente ter usufruído de melhores condições de vida em relação a Carolina Maria de Jesus, tanto artística como financeiramente, ela também experimentou privações que a inspiraram a construir seus personagens com conhecimento de causa da realidade que a cercou. Conceição Evaristo⁴¹ mantém seu compromisso com a escrivência, termo cunhado por ela a fim de escrever visceralmente sobre suas experiências num processo mnemônico que dispõe ao leitor a visão de um mundo à margem de todos os significados possíveis frequentado por pessoas que requerem seus direitos diante de injustiças que necessitam ser reparadas. Em seus textos comparecem as dificuldades atuais enfrentadas por grupos muitas vezes invisíveis pela sociedade que se apegam à violência em determinadas

⁴¹ A escritora, talvez em menores proporções em relação a Carolina Maria de Jesus, também passou por privações de variadas ordens antes de se tornar uma célebre ficcionista. Trabalhando na juventude como empregada doméstica, cursando posteriormente a faculdade de Letras e galgando caminhos que a levaram ao Mestrado e ao Doutorado, Conceição Evaristo não se esquece de suas origens e contribui de modo empenhado com as discussões relacionadas ao negro e seu encadeamento na sociedade. Assim como Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto e demais escritores que tiveram que resistir a certos tipos de violência como a moral, ela também resistiu ao preconceito social e ao racismo com sua obra, sua escrita cortante e visão de mundo consistente pronunciada por seus ricos personagens. Relata ela a uma jornalista do programa *Profissão repórter* da rede Globo de televisão que certa vez, ao se hospedar num hotel, o atendente lhe perguntou quando estava prestes a preencher o formulário se ela sabia ler. Após contar o fato, ela questiona a repórter, branca, se em algum momento numa situação semelhante alguém a indagara assim de forma tão curiosa. A profissional simplesmente responde: “Não, Senhora”. Vemos, por esse relato, que qualquer semelhança com as objeções feitas a Lima Barreto ou a Carolina Maria de Jesus não se trata de coincidência, mas da herança do passado que estigmatiza seres humanos em benefício de suas crenças e padrões.

situações como forma de escape para sobreviver. Esse universo conturbado é fruto de preconceitos que subjugam os menos favorecidos a ponto de descartá-los em lugares inapropriados para a sobrevivência, embora consigam de alguma maneira vencer as dificuldades de forma digna. Nesse sentido, escrever é trazer à tona as vivências que impreterivelmente fazem parte da trajetória do negro, conferindo a ele identidade na tentativa de inseri-lo num mundo ainda dominado por uma classe pretensamente superior.

Portadora de um estilo inconfundível, a escritora desponta no meio literário com obras fundamentais na contemporaneidade como **Olhos d'água**, **Becos da memória**, **Ponciá Vicêncio** e **Insubmissas lágrimas de mulheres**, focalizando nas narrativas o verdadeiro significado da vida dos explorados, seres humanos “despejados” numa sociedade que não os quer enquanto participantes das mesmas aspirações que movem as elites. Tão cruel como a vida na favela do Canindé, a sobrevivência nesses becos e vielas, muitas vezes marcada pelo descontrole e falta de oportunidades chega à marginalidade crua devido à intolerância que se torna áspera na convivência com outros pares e à necessidade de matar ou morrer em prol do próprio bem. Constituídos de narradores densos e cercados de dramaticidade, os contos e romances expõem com a devida crueza e naturalidade o ambiente vivenciado outrora nos cortiços, criando certo realismo que dá conta da ação dos personagens conferindo tensão à narrativa no tom exato representado por essa marginalização, deixando entrever conflitos externos e internos formadores de uma busca que nunca termina. Na maioria das vezes, através da memória impregnada nos becos, temos conhecimento enquanto leitores da história de personagens carentes e distantes de um patamar que não podem atingir, uma vez que não foram batizados com privilégios ou apadrinhamentos que os inserissem em círculos mais elevados.

Também as mulheres merecem especial atenção nos textos de Conceição Evaristo, nos quais são ressaltados preconceitos e ofensas regados à carência que caracteriza os sentimentos e emoções femininos. Elas se soltam sem impedimentos ao revelar seus anseios, muitas vezes sua dependência de situações que a aprisionam aos dilemas de uma vida rotineira conduzida por sofrimentos impensáveis. Quando lhes sobra o contentamento, este vem acompanhado de certa melancolia que lhes dá a convicção de que se encontram presas em lugares e lembranças dos quais jamais se libertarão.

Adentrando um pouco mais fundo nesse mundo “marginal” através dos sentimentos de personagens femininas completamente atreladas a essas emoções,

tomemos como referência **Becos da memória**, já que a narrativa põe em evidência de maneira intimista a realidade que perpassa esses becos. Se no diário de Carolina Maria de Jesus a favela como um todo era essencial para a construção de um convívio interior, no texto de Conceição Evaristo existem algumas particularidades que dão sentido à atuação das personagens, muitas vezes perdidas e perplexos em suas divagações. O olhar feminino acerca da realidade que cerca a favela é fundamental para definir o momento que tenta recuperar os valores que caracterizam aquela vivência trazendo à tona elementos que dão esperança ao negro de manter viva sua história e suas conquistas apesar de marginalizado. Para isso, o fragmento abaixo de *Maria Nova* (P. 56) servirá como ponto de apoio, pois nele se expressa a alegria de um povo que mesmo diante das tormentas diárias acumuladas mantém a esperança e não abre mão de seus valores através de componentes genuínos da raça que se expressam no samba, revigorando os projetos e revitalizando as qualidades de um povo. Com esta dinâmica, talvez eles não se dessem conta de que existia uma linha tênue entre a felicidade e a ilusão e que aquele momento não passava de ilusão disfarçada de contentamento como bem atesta o narrador. Num curto espaço de tempo, era mais verossímil a representação de uma certa realidade travestida de alegria do que a certeza de que havia um mundo lá fora repleto de horrores.

O samba, o som, a alegria voavam alto. Era preciso cantar! Abriam a boca tão escancaradamente que se viam as falhas dos dentes e os já apodrecidos. O hálito de cachaça vinha quente de dentro de alguns. Havia risos e sorrisos bonitos ali. Não eram dentaduras alvas, certas e limpas que enfeitavam o riso. O sorriso-riso era bonito porque vinha de lá de dentro, vinha da inocência, da ilusão de estar sendo feliz. Todos acreditavam que estavam sendo felizes.

Na sequência, o desfecho demonstra a verdadeira realidade que justifica a ilusão. Na consciência crítica de Maria Nova havia os lampejos de um mundo que se mistura entre a senzala e a favela, como se esta última fosse a extensão da primeira em tempos modernos. Como se vê, é a herança da escravidão que não se cala, pois a imagem da casa grande está bem presente acima dos becos demarcados pela memória de uma existência massacrada pelos acontecimentos destrutivos. O fato de na sala de aula terem apenas duas alunas negras (Maia Nova e a colega de classe) numa turma grande era o indício de que as marcas do passado reaparecem no presente e que a perspectiva de futuro pode ser apagada em decorrência da voz que se cala até mesmo no território dos excluídos. Mesmo

na modernidade, casa grande e senzala ainda são representativos e somente mudaram de nome para garantirem os apelos políticos e governamentais dos quais as autoridades precisam para implantar as divisões de classes.

Sô Ladislau, de dentro do balcão, observava a cena. Quem passasse por ali, quem desconhecesse o local, pensaria que era a primeira vez que tudo estava acontecendo, tal o interesse de todos. Era uma cena bonita e triste. Talvez só bonita, triste aos olhos de Maria Nova, que divagava em um pensamento longínquo e próximo, ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala- favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão não tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela.

Com algum distanciamento, é perceptível que alguns pontos de contato existem entre as narrativas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, uma vez que as mulheres de Evaristo, extremamente fortes e reflexivas, também estão à frente da cena revestidas de consciência crítica em forma de questionamento acerca de uma áspera realidade que até o momento define comportamentos. A violência moral sofrida por algumas personagens de Conceição Evaristo é a mesma que consome Carolina Maria de Jesus enquanto personagem de si mesma e a faz expressar sua dor num diário repleto de denúncias e insatisfações. Ambas dialogam e as respectivas obras representam (Conceição Evaristo na atualidade e Carolina Maria de Jesus em sua época e ainda hoje) forte resistência a situações de preconceito social, violência moral e racismo que persistem em se estruturar no rol da sociedade.

Indo além das expectativas, a obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente representada por **Quarto de despejo**, não se esgota nas influências que podemos averiguar nos textos de Conceição Evaristo mas pulsa ainda hoje na veia de escritores que, estimulados pelo tom reflexivo do diário, publicaram livros que conferem à escritora mestra o grande mérito de ter inaugurado uma literatura que abriu tantos caminhos para a visão contemporânea. Olhando para essa geração renovada, tais escritores constituem-se numa espécie de discípulos que beberam da fonte de Carolina Maria de Jesus e em

consequência dessa inspiração sentiram-se encorajados para romper com o passado no sentido de fazerem uma literatura mais condizente com suas crenças seguindo modelos próprios de composição que descartaram os padrões canônicos ao adotarem como proposta a exploração do mundo dos excluídos. Inovaram também ao se colocarem em desacordo à manutenção das exigências que vigoravam na publicação de textos em grandes editoras até a virada do milênio.

3.4.4. Herança de Carolina Maria de Jesus no mundo contemporâneo

Na literatura brasileira temos notícia de inúmeros escritores que construíram uma gloriosa carreira a partir de experiências que se tornaram memoráveis no cenário artístico. Acompanhando a trajetória desses ícones, respaldados por uma crítica literária consistente que atribuiu a eles lugar de destaque, percebemos ao longo de seis séculos que alguns critérios foram decisivos para o estabelecimento e sucesso dos textos literários, como por exemplo o domínio linguístico e o estilo inconfundível, exigências que conduziram os escritores aos mais elevados patamares da fama. Por causa da obediência a esses padrões, rareavam as oportunidades a autores que não dispusessem da norma culta para a criação de seus textos, sendo julgados pelo uso da coloquialidade ou descartados como inadequados para a carreira literária levando em conta exigências culturais que não os reconhecia enquanto grandes artistas.

Acessando as histórias literárias dos mais renomados críticos como Alfredo Bosi, Antonio Candido, Sílvia Romero, entre outros, averiguamos que personalidades como Machado de Assis, José de Alencar e autores contemporâneos empreenderam projetos que propunham a análise da sociedade brasileira, sondando-a interna e externamente ao transformarem em material literário nossas histórias e idiossincrasias. Além dessa vertente, denúncias das mais variadas se mostraram produtivas nas mais diversificadas produções como romances, poesias, crônicas e conscientizaram a população brasileira de que a literatura era uma grande ferramenta para explorar as mazelas da sociedade, expondo as feridas de forma crua e até mesmo expandindo a realidade nunca antes percebidas pelos leitores mais desavisados. Com isso, o texto literário foi considerado, durante muito tempo, um movimento de elitização artística, no qual as únicas vozes

ouvidas através das letras eram as daqueles que dominavam certos critérios embasados gramatical ou culturalmente, sendo que as histórias deveriam ser contadas a partir de um viés elitista que nortearia as obras posteriores.

No que diz respeito aos personagens marginalizados, muito tempo se passou até que tivessem suas histórias contadas sem o aval de uma classe editorial dominante. Sendo assim, a literatura marginal, representada por excluídos e pessoas à margem de uma sociedade detentora do poder, construiu seu legado após muita resistência e reivindicação de seus direitos, fazendo com que os leitores acreditassem que das periferias e das classes menos favorecidas poderiam sair boas narrativas e poemas significativos cujo conteúdo continha denúncias sociais e expunha o estilo de vida dos excluídos (na grande maioria de jovens) silenciados devido à escassez de oportunidades para a realização de projetos. Diante dessas possibilidades, aumentariam as chances de exposição de um universo centrado na pobreza que propunha um contraponto com as demais classes sociais ativas na literatura. Essa conquista daria a esses grupos, daquele momento em diante, maior visibilidade, dando a chance às periferias de mostrar suas manifestações artísticas através de letras populares, poemas, danças e de certa forma viabilizar o emprego da oralidade que os representava enquanto homens e mulheres nascidos e criados em bairros carentes ou comunidades.

Quanto ao negro, especificamente, sua história desde os tempos da escravidão foi contada de modo pouco contundente, levando em consideração o período de servidão em que havia normalidade no ato de escravizar. Apesar da existência de escritores de porte como Machado de Assis, a voz do escritor negro ainda não era respeitada, mesmo sendo registradas nas histórias literárias as contribuições de Lima Barreto ou Cruz e Sousa, fortes expoentes da raça negra. Em meio a esses dilemas, dificilmente o negro era protagonista de seus anseios e durante muito tempo o olhar do branco determinou o ponto de vista mais pertinente a seu modo para contar histórias. A conquista foi longa para que o público se desse conta de que grandes autores negros poderiam decolar e se igualar a escritores de requinte.

Apesar das dificuldades encontradas durante séculos, os experimentos no campo literário, principalmente a partir do início do novo milênio, produziram obras indeléveis capazes de refletir acerca da problemática dos negros e de grupos marginalizados que, antes sem voz de grande alcance para reivindicar seus direitos, tiveram em pequenos

espaços midiáticos oportunidades para lançar livros em pequenos volumes a fim de colocar em discussão os questionamentos que os assolavam Além desses espaços em menor dimensão, as grandes editoras também se abriram para o lançamento de textos que expressavam uma realidade até então pouco falada ou simplesmente colocada de lado como se os excluídos não fossem importantes para contar histórias a partir da origem que os formou em favelas ou bairros periféricos especialmente localizados na cidade de São Paulo.

Fora do perímetro urbano paulista, no final de década de noventa o autor Paulo Lins começava a se consagrar com um livro impactante (**Cidade de Deus**) que despertou a atenção da crítica e do público para a vida cruel da favela colocando em evidência o universo dos marginais que sobreviviam num espaço cercado de violência identificados por meio de uma linguagem própria, trazendo para as páginas literárias gírias, palavrões, expressões compartilhadas pelo grupo e costumes da favela que revelavam a luta feroz da comunidade no cotidiano conturbado que os conduzia à violência em busca de conquistas teoricamente inatingíveis Já em São Paulo, o livro **Capão pecado**, do escritor Ferreéz, fazia alusão ao bairro Capão Bonito, trazendo como protagonistas os habitantes desse bairro da periferia concentrando certo grau de criminalidade misturado com um clima de romance entre os protagonistas (Paula e Rael) sem deixar de ter um final contundente marcado pela violência. Ambas as obras tiveram aceitação de crítica e de público, os quais reconheceram a relevância da exposição desse componente marginalizado na literatura (seja no sentido de marginais que praticam a violência costumeiramente no cotidiano ou excluídos que estão à margem da sociedade) ao colocar em segundo plano ambientes requintados que comandaram durante séculos o espaço físico nas obras literárias aparentando, muitas vezes, certo glamour que reverenciava os poderosos que detinham grande parte das conquistas sociais.

No início dos anos 2000, uma espécie de vanguarda começava a se formar no cenário paulista devido a atividades de jovens poetas, escritores, compositores e músicos da periferia que clamavam por direitos através de letras de música e performances nos saraus e rodas de poesia que foram se expandindo pela cidade. Por intermédio de gêneros como o hip hop e músicas que carregavam no ritmo a proposta de rebeldia contra a ordem até então estabelecida, esses artistas cobravam certa aceitação do espectador e um olhar mais cuidadoso para suas produções no intuito de mostrar que da periferia também saíam artistas capacitados para contar histórias reais de sobrevivência e não verossímeis as quais

eram marcadas por muita resiliência coragem para sobreviver..Com pequenas publicações, como as encontradas na expressiva revista *Caros amigos*⁴², icônica no final do milênio passado e no início deste, os autores procuravam aproveitar ao máximo a oportunidade concedida para alfinetar a sociedade acerca das desigualdades sociais com clareza e coerência suficientes para que o público leitor entendesse o sustentável processo histórico que estava por trás dos desajustes econômicos. Nesse caso, como se observa na atitude de alguns rappers que compunham letras que se confundiam com a poesia, o chamado à reflexão era visível com relevante apelo a alguma tomada de posição por parte dos leitores.

A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento em seu livro **Vozes marginais na literatura**, faz um levantamento detalhado desse período a partir do destaque de alguns artistas que se firmaram a partir dessa experiência de publicação. Tal experiência lhes rendeu convites para palestrar em diversificados meios de comunicação possibilitando a eles, posteriormente, o acesso a outras mídias e até mesmo a grandes editoras. Antes de mergulhar propriamente na obra desses escritores, ela apresenta (NASCIMENTO, 2009, P. 48) uma espécie de justificativa desses autores que, em certa medida, os afasta do tradicional cânone literário. Isto não significa que eles desprezem as grandes obras produzidas no passado ou os clássicos que precisam ser lidos como bem enunciou Italo Calvino em seu célebre estudo **Por que ler os clássicos?**, mas sim estabelecer também como leitura textos que fossem representativos de uma realidade muito próxima que precisava urgentemente ser conhecida e digerida. Para configurar uma mentalidade condizente com os novos tempos que estavam aflorando, era imprescindível a instauração de uma vanguarda apropriada e condizente com os objetivos preconizados. Essa vanguarda seria mais adequada às propostas e reivindicações do momento. Nesse novo panorama, reiterava-se a influência de autores que penetraram insistentemente no universo marginal como o dramaturgo Plínio Marcos e o ficcionista João Antônio, os quais exploraram variadas facetas da marginalidade, trazendo conteúdos significativos que durante muitos séculos afugentou os leitores na tentativa de fazer com que estes vissem na literatura apenas as figuras nobres, como se somente esses personagens fossem dignos de prestígio ou protagonismo nos textos literários Acrescenta-se também a esse

⁴² A revista *Caros amigos* foi notória no final da década de 90 e início dos anos 2000 trazendo temas empolgantes que muitas vezes tinham a ver com conteúdos sociais e históricos. Seu tom de combate a futilidades temáticas era notório devido às reportagens e à seleção dos assuntos que eram veiculados em cada edição.

time seletivo o nome de Carolina Maria de Jesus, escritora que para eles foi fundamental para representar as reivindicações dos excluídos.

De acordo com a pesquisadora, baseados nessas convicções os escritores propõem como uma espécie de manifesto: “1. Rompimento com as vanguardas da época, como o construtivismo, a poesia-práxis e a poesia-processo. Aproximações, pela crítica literária, ao modernismo”. A partir do alinhamento da proposta, Peçanha ressalta a importância dos autores eleitos no processo como referência de leitura:

2. Os escritores não se filiam a nenhuma tradição específica, mas os editoriais das revistas Caros Amigos/Literatura Marginal invocam como referência escritores dotados de semelhante perfil sociológico (como Carolina de Jesus e Solano Trindade), ou que privilegiaram em seus textos temas afins, como João Antônio e Plínio Marcos. Aproximações, pela crítica literária, ao naturalismo e ao realismo.

Em seu trabalho, Érica Nascimento sinaliza a importância da revista *Caros amigos* e seu compromisso com a publicação de textos identificados pelos próprios autores como literatura marginal. Em 2004, o escritor Ferréz dá um depoimento acerca da edição em que ressalta o fato de que escritores negros como Carolina Maria de Jesus e Solano Trindade, pioneiros em algumas reflexões sobre a marginalidade, sentir-se-iam muito orgulhosos da continuidade que esses autores estavam dando ao trabalho de outrora, fazendo com que não se perdesse no tempo, no espaço e nos recônditos esvaziados da memória toda a luta empenhada em grandes conquistas. Trata-se, nesses termos, de uma herança que os auxiliou na (re)construção de uma identidade que colocasse a marginalidade em primeiro plano ao substituir valores antes consagrados por gerações elitistas. Conforme relata o escritor (P. 147),

Muitas foram as madrugadas para se finalizar essa edição, mas creio que um grande homem como Solano Trindade, ou uma grande mulher como Carolina Maria de Jesus, se sentiriam orgulhosos de pegar esta edição nas mãos, pois é pensando neles, e numa quantidade gigantesca de autores marginais injustiçados desse país que ainda temos força para tocar a missão (...). O padrão deles (leia-se sistema) já está montado, defendem suas vidinhas banais, com tudo que podem, escrevem sua estória elitizada e perpetuam a miséria geral, mas os louros aqui querem fazer parte da história também e a literatura da margem toma fôlego a cada ano para se tornar um grande mar (...). A questão agora é que terão que surgir muitos iguais ao Rui Barbosa para dar conta de sumir com tudo o que estamos fazendo (Ferréz, 2004).

Outro depoimento significativo é o do escritor Sacolinha⁴³, também membro do grupo empenhado na promoção da literatura marginal. Segundo as constatações de Érica Peçanha do Nascimento, (P. 220), Sacolinha reafirma a importância de autores e obras que foram fundamentais para a implantação da poética que serviria como modelo libertário daqueles anos em diante. Como fio condutor de suas preferências na literatura e influência em sua vida como escritor, elege **Quarto de despejo** de Carolina Maria de Jesus. A obra teria impulsionado seu gosto e apreço pela literatura, demonstrando em situações adversas, assim como as dele, a grande força de resistência que já na época começava a nascer. (P. 220).

*Pela literatura, Sacolinha começou a se interessar o final da adolescência, a partir da descoberta de uma caixa de livros de um tio materno. Depois de ler toda a “Coleção “Vagalume”, de livros infanto-juvenis, passou a frequentar bibliotecas públicas e sebos. Numa das suas idas à biblioteca, encontrou o livro que considera decisivo para a sua carreira como escritor: **Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus.*

Na sequência, a pesquisadora assegura a relevância da obra de Carolina Maria de Jesus para o autor, ajudando-o a delinear seu cotidiano, pois as experiências da narrativa foram primordiais na formação de sua visão de mundo. Nesse sentido, **Quarto de despejo** cumpre o papel de formação, chamando a atenção de outros que também pretendiam escrever para a necessidade de dar voz ao excluído mesmo em condições precárias que poderiam impedir a superação caso a passividade ou o silenciamento alassem mais alto. Nesse sentido, essa obra é um ponto de partida para despertar a conscientização de novas gerações que precisam de referências positivas do passado para não perder de vista sua essência e sua história. A obra, conforme relata Nascimento, também é motivadora para o conhecimento de outros autores que retratam universos semelhantes que precisam ser

⁴³ Sacolinha, nascido em 09 de agosto de 1983, é o nome artístico de Ademiro Alves de Sousa. É um dos principais escritores que, juntamente com Férrez, integrou o grupo que publicou textos na revista *Caros amigos*. Antes de se lançar como escritor, conheceu bem a realidade da periferia, chegando a trabalhar como cobrador de ônibus e viu de perto as necessidades do excluído em decorrência de sua condição social desfavorável. Seu romance **Graduado em marginalidade** é um dos mais conhecidos do cenário literário brasileiro e, além de romances, escreveu contos e crônicas premiados em diversas instâncias. Paralelamente à carreira de escritor, atua como palestrante e ministra oficinas de literatura em vários espaços destinados à arte e à cultura.

explorados. Na visão da pesquisadora acerca da influência de Carolina de Jesus sobre a carreira de Sacolinha (P. 221), (...) “As narrativas de Carolina de Jesus sobre suas vivências e a linguagem simples do livro instigaram Sacolinha a procurar outras obras que estivessem de alguma forma relacionadas às suas experiências cotidianas”.

Dando continuidade a essa exposição, Sacolinha confirma suas predileções elencando um conjunto de autores tão importantes e expressivos como Carolina Maria de Jesus que ampliaram sua visão acerca da marginalidade que o rodeava e o inspirava a escrever. Na sua visão, Carolina foi a introdutora desse processo de leitura que o preparou para a maturidade na busca de outros autores também representativos do mesmo universo.

*Então a Carolina de Jesus me apresentou todos esses locais, aí logo depois veio o João Antônio me convidando pra conhecer o “**Malagueta, Perus e Bacanaço**”, eu troquei uma ideia muito bacana também, viajei nas ideias dele. Depois veio a Adelaide Carraro, me apresentando “**De prostituta a primeira dama**” um livro também muito bacana, eu conheci através dela as podridões que tem no meio da política. E, por fim, veio o saudoso Plínio Marcos, que acabou me levando para fazer uma entrevista com “**Querô, uma reportagem maldita**”, e eu acabei vendo nos olhos daquela criança, daquele jovem, muito sangue na veia, muito ódio querendo correr. (Sacolinha em fala no debate sobre literatura marginal realizado em 25 de novembro de 2005 na ONG Ação Educativa/SP).*

Encerrando esse ciclo de depoimentos, é de suma importância considerar a apreciação de Ferréz sobre **Quarto de despejo**, pois sem sua existência talvez as incursões no terreno literário lideradas por eles naquele momento fossem mais difíceis. Para ele, a autora se perdeu ao almejar seu ingresso na sociedade e deixar de lado, de certa maneira, sua essência em busca de uma fama que a destruiu. Segundo ele (P. 226), Carolina foi a primeira autora marginal que com sua obra ampliou todas as possibilidades de reflexão acerca da situação dos excluídos:

*Pra mim, a primeira autora marginal foi a Carolina de Jesus. Ela era negra, favelada e catava papelão. Escreveu o livro **Quarto de despejo**, que foi publicado em quarenta países, ganhou dinheiro, mas cometeu o erro de entrar para a sociedade. Ela torrou todo o seu dinheiro e morreu pobre (Ferréz em fala no “Ciclo Viagens pelas Metrôpoles brasileiras”, realizado em 24 de abril de 2004 na Biblioteca Mário de Andrade/SP).*

Pensando nos depoimentos e nos questionamentos levantados, consideramos de suma importância o fato de que Carolina Maria de Jesus ressignificou a luta que durante muito tempo na literatura foi prioridade para muitos escritores e intelectuais do passado, seja em prol da libertação dos escravos, seja a favor de questões sociais que necessitavam de soluções imediatas. Eles lançaram mão da resistência em um momento decisivo da história do Brasil, sendo que na maioria das vezes a literatura foi porta-voz dessa rebeldia contra o sistema por intermédio de manifestações na poesia, contos, romances, diários e depoimentos que impactaram gerações. Observando a trajetória de nossos grandes escritores, dentre eles Cruz e Sousa, Lima Barreto, Machado de Assis e aqueles que aproveitaram posteriormente o ensino desses mestres, averiguamos que os textos acessíveis ao público consistiam em denúncias ou tentativas de conscientização social que colocavam em evidência não apenas motivações pessoais mas questões coletivas que precisavam ser discutidas em momentos cruciais de repressão. Mesmo nos períodos mais delicados como a ditadura militar, respaldado por imposições desmedidas, a literatura se mostrou presente resistindo até a última gota com seu apelo de transformação e apologia ao respeito que se fazia necessário mas estava cada vez mais escasso.

Alfredo Bosi em sua obra **Literatura e resistência**⁴⁴ lança mão de um repertório de autores que compõem um arsenal de resistência na literatura brasileira em épocas distintas na medida em que fazem da literatura porta-voz de seus anseios. Seja na denúncia do racismo, da ditadura militar, na tentativa de inserção de seres marginalizados na ficção ou tentando transmitir novos valores, esses autores são significativos no intuito de trazer à tona questões primordiais que revitalizam a esfera social para dar sentido à atividade do escritor com funções bem definidas no panorama letrado. Eram homens de letras, como chamados no século XIX, capazes de modificar pensamentos em prol de uma nova estrutura que propõe a abertura de horizontes ainda não partilhados. Para Alfredo Bosi⁴⁵ (P. 233, apud Germana Sousa), a resistência se desdobra num conceito amplo que

⁴⁴ Em **Literatura e resistência**, Alfredo Bosi desperta a atenção do público leitor para a atuação de autores como Cruz e Sousa, Lima Barreto, Graciliano Ramos e João Antônio, além de se deter também nas obras de Camus e Pirandello. Muitas formas de resistência podem ser observadas em épocas diferentes com o intuito de não aceitar o status quo e se acostumar às regras estabelecidas por uma sociedade padronizada.

⁴⁵ Alfredo Bosi escreve especificamente sobre o conceito de resistência no tocante à poesia. Em seu ensaio *Poesia-resistência do livro O ser e o tempo da poesia*. (BOSI, 2006, P. 167) ele discorre sobre as peculiaridades desse ato alertando para as várias facetas que envolvem tal comportamento. Segundo o crítico, “A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (**poesia mítica, poesia da natureza**); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau) ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epus revolucionário, da utopia).” Mesmo atrelada a essa vertente do gênero

sobretudo se respalda na ética com o objetivo de colher frutos para sua concretização. Nesse sentido, “Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao seu jeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir”. (BOSI, 2000, P. 188).

Alinhavando as ideias de Alfredo Bosi, Germana conclui seu ponto de vista utilizando as palavras do crítico como confirmação do conceito de resistência que se aplica à obra de Carolina Maria de Jesus, sobretudo a **Quarto de despejo**, obra que por si só demonstra resistência na composição de seus relatos e no vigor com que a protagonista expõe lucidamente sua biografia que bem representa o presente fragilizado.:

Mais adiante, Bosi conclui, afirmando: “(...), eu diria que a ideia da resistência, quando conjugada à de narrativa, tem sido realizadas de duas maneiras que não se excluem, necessariamente: a) a resistência se dá como tema; b) a resistência se dá como processo inerente à escrita” (P. 120). Esta segunda opção parece estar de acordo com o processo criativo de Carolina de Jesus, pois que, em seu ato de escrever, ela resiste; e, ao resistir, ela inventa e cria um novo sentido, a partir de seu próprio discurso.

Esse discurso carregado de sensibilidade e sentimentos que transitam entre o passado e o presente é constitutivo da poética de Carolina Maria de Jesus no intuito de diferenciá-la enquanto voz negra que resiste, insiste e não perde a esperança de que o futuro possa se modificar, embora com muitos impasses. Muito mais que resistência, ela transmitiu aos seus pósteros, escritores de periferia e como ela marginalizados por uma condição hostil, a capacidade de lutar que os encorajou ambicionar grandes conquistas que anteriormente não foram possíveis devido aos tempos difíceis que impediam voos mais altos no campo cultural. cremos, então, que um dos méritos de Carolina Maria de Jesus ao resistir através de **Quarto de despejo** seja constituir sua identidade que serviu de modelo àqueles que lutariam a favor de dignidade em tempos atuais.

O ato de resistir no que diz respeito ao diário de Carolina Maria de Jesus condiz com a visão de Alfredo Bosi em seu ensaio *Poesia-resistência* de **O ser e o tempo da**

literário, podemos adaptar essas características ao texto de Carolina Maria de Jesus, o qual também é envolto de lirismo e multifacetado ultrapassando, sobretudo, as fronteiras da poesia. Essa mistura de sentimentos e afloramentos de emoções definem o caráter textual que se sobrepõe a qualquer classificação rígida ou sistemática.

poesia. Embora a discussão do autor seja pautada exclusivamente em textos de expressão poética, as premissas ali redigidas podem também ser aplicadas ao diário em questão, uma vez que no interior de suas páginas concentra-se certo grau de lirismo capaz de expressar sentimentos que justificariam plenamente o desabafo de um eu-lírico envolto em toda sua subjetividade. Além disso, reside no texto, a partir da visão temporal desencadeada por Alfredo Bosi, uma temporalidade que ultrapassa qualquer medo de alcançar um futuro, demonstrando consciência plena do passado e do presente que determinam cada experiência. Segundo Bosi (P. 226), “Resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro”.

Através desse eixo temporal, escritores contemporâneos tiveram a consciência da sua condição de despejados, a qual também foi transmitida à Carolina Maria de Jesus por intermédio de Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto e tantos outros que durante muito tempo se sentiram “estrangeiros em sua própria terra”, como bem assinalou o historiador Sérgio Buarque de Holanda. Essa herança herdada e transmitida permitiu que não se descartasse uma identidade que foi construída a duras penas em “quartos de despejo” que se propagaram por gerações. No quesito temporalidade, caberá às próximas gerações fazer o melhor uso dessa herança e propagar a história que durante muito tempo foi apagada e não homologada em livros, materiais didáticos, compêndios ou na memória de tantos leitores devido ao silenciamento dos fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Como você começou a escrever? Como se publicou seu primeiro livro? O que hoje lembra desse período?”

Desde que comecei a ler, quis ser um escritor, mas entrei realmente na literatura aos dezesseis anos. Em 1957 comecei a escrever um diário, que continuo escrevendo e que cresceu de um modo um pouco monstruoso. Esse diário para mim é a literatura, quero dizer que aí está, antes de mais nada, a história de minha relação com a linguagem. Eu escrevia para tentar saber o que era escrever: (isso) só nisso, já era um escritor. Esses cadernos se transformaram no laboratório da escrita: escrevia continuamente e sobre qualquer coisa, e desse modo aprendia a escrever ou pelo menos aprendia a reconhecer como pode ser árduo escrever. Além disso, eu me inventava uma vida, fazia ficção, e esse Diário era uma espécie de romance: nada do que está escrito ali aconteceu dessa maneira”.(Ricardo Piglia ____ Depoimento concedido em **O laboratório do escritor**)

(...) “Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando eu vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante”...(**Quarto de despejo**, 1 de junho de 1958, P. 49).

“Um operário perguntou-me

____ É verdade que você come o que encontra no lixo?

____ O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais”. (16 de agosto, P. 112).

Como bem assinalou Ricardo Piglia, o papel de um diário na vida de um escritor pode ser determinante ao transformar em literatura conteúdos que provavelmente teriam como destino a lata de lixo se não fossem devidamente cuidados e bem guardados por seus produtores. Ausentes das expectativas de serem publicados por grandes editoras ou circularem em rodas de escritores para serem lidos em saraus e terem o reconhecimento

que merecem, eles poderiam estar perdidos em espaços inadequados sem nenhum interesse prévio por parte dos leitores que não são habituados a esse tipo de leitura. Poderiam também causar certo estranhamento se alguém os elegesse enquanto objeto literário sendo frequentados recorrentemente para fins de deleite ou de reflexão.

Tal inquietação pode ser aplicada ao livro **Quarto de despejo** de Carolina Maria de Jesus, pois, saído do lixo, sem o devido cuidado que um leitor como Ricardo Piglia certamente dispensaria a ele, seria fadado ao esquecimento retornando às latas de lixo ou relegado ao esquecimento. O destino feliz desse diário deveu-se à obstinação de sua autora em cultivar aquelas páginas amareladas em meio à obsessão pela escrita que a levou a acreditar na profundidade de suas observações. Soma-se a isso a curiosidade de um jornalista escalado para uma reportagem que viu nos fragmentos a oportunidade de expor o texto da catadora de papel quase na íntegra, visualizando neles um apelo comercial e uma grande capacidade crítica inesperada em uma mulher mergulhada na pobreza que se acostumou a coletar as migalhas do lixo para alimentar seus filhos e não morrer de fome. No entanto, sem a exata noção de que o referido diário poderia influenciar leitores de variados níveis com seu poder de persuasão e denúncia de uma realidade crua na favela, a obra ao ser publicada não somente encantou os leitores devido, em parte, ao exotismo de sua autora que despertou curiosidade a respeito de sua condição, mas também pela sua escrita desprovida de torneios elegantes, apoiada em uma coloquialidade que revelava o verdadeiro universo dos excluídos, daqueles que estavam à margem da sociedade, colocando em evidência suas idiossincrasias e constatando a violência moral a que eram submetidos. Nesse sentido, a força desse diário se mostrou contundente não apenas pela consagração que chegou de forma meteórica em razão das expressivas vendas e traduções em vários idiomas mas também pela inspiração que impulsionou diversos estudos sociológicos, históricos e literários. Daquele momento em diante, **Quarto de despejo** ganharia o apreço da crítica e do público embora não conseguisse ainda implacar como um dos livros mais importantes da literatura brasileira.

Na atualidade, a força desse simples diário é incontestável, uma vez que espelha a vida de inúmeros habitantes de favelas que até os dias de hoje ainda sofrem com a discriminação e com o estado de pobreza extremada que os marginaliza. Ainda hoje, o diário constitui-se no retrato da cidade de São Paulo que, em decorrência do crescimento desenfreado, da falta de planejamento e da urbanização descontrolada engole seus habitantes e os despeja em quartos inapropriados reservados a cidadãos que não são mais

interessantes ao convívio social. Sendo assim, o impacto desse diário pode ser comparado à contundência de um romance de grandes proporções que repensa a realidade e a representa mimeticamente dentro de critérios adequados de verossimilhança. Como se costuma dizer a respeito de documentários exibidos em grandes festivais, “é tudo verdade”, pois a realidade é vivida como durante muito tempo se acreditou em textos romantizados que pregavam a união e a igualdade acima de qualquer preço. Apesar de a escrita ser pouco formalizada, ela expõe verdades nuas e cruas acerca da coletividade com acréscimos de problemas pessoais da protagonista que redige sua história mesmo com sua vida agitada com preocupações. Nesse aspecto, entre os elementos pessoais e os da coletividade, uma parte da história da cidade de São Paulo também é contada nessas páginas, uma vez que a cidade com seu aparato de ilusão engole os moradores mais fragilizados e os aprisiona em um mundo até então desconhecido por eles.

Se a princípio as histórias catalogadas no diário de Carolina Maria de Jesus são caracterizadas como relatos acrílicos na intenção de contar a trajetória de uma catadora de papel negra, mãe solteira, provedora, desiludida com a vida e com impulsos de escritora, aprofundando sua leitura o leitor percebe que as páginas são muito mais questionadoras do que ele imaginava e contém um grande teor de criticidade capaz de despertar para a retratação de uma realidade antes não observada detalhadamente. Ao contrário de uma visão de mundo ingênua sustentada por preceitos inconsistentes, nos deparamos com crônicas na melhor acepção da palavra que o gênero possa permitir ao evidenciar os desajustes sociais aos quais os pobres são submetidos. O olhar atento de Carolina Maria de Jesus, personagem de si mesma, qualifica o presente e cada instante que o determina no intuito de historiar os acontecimentos em relação a si e aos problemas que cercam a coletividade da qual faz parte. Não são escritos corriqueiros como muitas vezes se encontram nas crônicas de deleite com objetivos de entretenimento mas de relatos que denunciam com olhar severo que filtra criticamente as contradições de seu presente. Trata-se de um espírito de investigação, tal qual numa reportagem, que detecta, como na crônica dos mais sagazes cronistas, o instante ideal em que os acontecimentos mais relevantes são protagonizados. Esse instante precioso captado quase com a precisão de uma lente fotográfica é determinado pelo passado, recoberto de memórias que fazem com que a “cronista” recorde de momentos nem sempre significativos que a obrigam a repensar seu antigo estado de penúria para entender melhor sua situação atual. Nesses moldes, crônica e memória se entrelaçam na tentativa de constituir reflexões que

propiciam autoconhecimento e uma identidade que a fará se reconhecer enquanto negra, pobre, mulher e escritora, estimulando-a a buscar um futuro que no presente só é consumado em sonhos que trazem a esperança da habitação em uma casa de alvenaria.. É o tempo vivo da memória que retroage e avança ativamente na reconstrução de um indivíduo que se entregou às lembranças sem medo de se encontrar com seus fantasmas,

É imprescindível hoje em dia, após mais de sessenta anos de sua publicação, a leitura do diário de Carolina Maria de Jesus (haja vista que vivemos em tempos de preconceito de todos os níveis, racismo estrutural, violência à mulher e às minorias desrespeitadas por sua condição, desmandos de autoritarismo⁴⁶ que culminaram no assassinato de uma mulher negra, além de casos abusos de poder por parte de influenciadores midiáticos⁴⁷ que julgam ter poder de deboche em relação a pessoas ditas inferiores certas de que estarão impunes), já que a obra tematiza o desconforto de uma mulher negra que passa pelo isolamento social provocado pela escravidão que durante séculos negou oportunidades dos menos favorecidos e os submeteu a todos os tipos de preconceito. Mediante esses temas, nada mais natural que uma narrativa em ruínas para compor esse universo, já que o passado pode se sustentar de fragmentos que somente a escrita poderá reconstruir através de relatos expressivos que por si só explicam a necessidade de recordar.

Ao ter contato com o conjunto da obra de Carolina Maria de Jesus, avaliamos a importância de outros textos como **Diário de Bitita**, **Casa de alvenaria**, dos romances como **Pedaços da fome** e de poemas publicados em uma antologia especial na década de noventa. No entanto, **Quarto de despejo**, livro pioneiro, alavancou temas até então tratados com certa suavidade pela crítica, levando adiante a luta que autores do passado como Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Cruz e Souza, dentro outros, travaram de acordo com suas possibilidades, não podendo desenvolver mais a discussão em razão das limitações impostas por sua época. Mesmo com tais limitações, eles serviram de modelo para que essa metáfora do descaso e do abandono fosse redigida em páginas empobrecidas

⁴⁶ Alusão ao assassinato da vereadora Marielle Franco no ano de 2018.

⁴⁷ Menção ao episódio em que duas influencers (mãe e filha) foram presas em agosto de 2025 ao gravarem vídeos em comunidades quando ofereciam a crianças negras bonecas da mesma cor e bananas. Ao serem presas, a defesa alegou que elas não tinham consciência de que o ato era injurioso e denegria a imagem das crianças, as quais sofreram nas redes sociais com piadas e ofensas atingindo até mesmo o lado psicológico dos pais que acompanharam de perto esse desgaste. No entanto, a juíza designada para tratar do caso afirmou que ambas são profissionais da internet e que hoje em dia, com uma quantidade muito grande de informações, é impossível que elas desconheçam a gravidade do ato que praticaram ao estimularem o racismo abertamente.

que revelaram um modo de vida camuflado por um falso sentimento de identidade, já que o Estado e as autoridades se incumbiram de silenciar essas vozes através da instauração de uma consistente ideologia que dava a sensação de satisfação. Além desse impacto provocado pela obra, é notória a inspiração aos autores contemporâneos também oriundos de espaços periféricos. Este é um indício de que as reflexões sociais contidas no diário cumpriram um papel de denúncia que transpôs o tempo como um ato de resistência em momentos difíceis de nossa história. Ela não é somente matéria-prima para a explanação de inquietações mas ponto de apoio para que outros escritores desenvolvam projetos que propiciem críticas mais atuais sobre o sistema que oprime e não permite alterações que conduzam à liberdade de expressão em todos os sentidos. Se para PolaK a memória é o princípio constitutivo do sentimento de identidade, seja ela qual for, nunca foi tão necessário escrever como nesses tempos a ponto de constituir uma identidade mesmo que seja a duras penas com heranças penosas do passado e lembranças que não desaparecem mesmo com um certo alívio nas condições de vida que parecem ser a solução para o ingresso em novos tempos que podem ser ilusórios ou travestidos de felicidade.

Se na atualidade é reconhecida a relevância das crônicas enquanto produções capazes de refletir em pé de igualdade com outros gêneros, se as memórias hoje são fundamentais na literatura e em outras áreas a fim de não deixar o passado se perder e o esquecimento ganhar fôlego em proporções avantajadas e a identidade fundamental para caracterizar um ser em processo de reconstrução, seja pessoalmente ou na coletividade, também o diário, como foi concebido por Ricardo Piglia, hoje em dia é devidamente reconhecido como gênero literário de grande envergadura após um longo período de preconceito que sofreu por parte do público e da crítica. Atualmente, ele é fundamental para as aspirações literárias no intuito de se conhecer, através de suas marcas temporais, a trajetória de um indivíduo. Não necessariamente, não será a riqueza do material que determinará a qualidade da escrita, mas, em alguns casos, a reflexão vem dos ambientes de pobreza que de forma não convencional reorganiza passado e presente num tom coloquial que não deixa a desejar em nenhum quesito aos gramáticos mais puristas. Não se trata de desleito gramatical ou estilístico, demérito que foi atribuído a Lima Barreto, mas sim do compromisso com uma realidade que só pode ser exposta por intermédio dessa coloquialidade que não forja o conhecimento e não força uma linguagem inverossímil que não representa os habitantes daquele espaço físico.

BIBLIOGRAFIA

ABDALLA JÚNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política:** literatura de língua portuguesa no século XX. 3ed. Cotia Ateliê Editorial, 2017.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e cultura:** São Paulo no meio século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço.** 36^a.ed., São Paulo: Ática, 2002.

BARROCO, Maria Lúcia S. *Reflexões sobre liberdade e intolerância.* Revista Serviço social e sociedade, setembro/2014.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaiás Caminha.** São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Diário íntimo.** São Paulo: Mercado aberto, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **História concisa da literatura brasileira.** 43ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Poesia-resistência* in **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOVOLENTA, Gisele A. **Benefício eventual e assistência social. Uma emergência – uma proteção social.** Jundiaí: Paco editorial, 2017.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas.** 24^a. Edição, Rio de Janeiro: Record, 2005.

BRESCIAM, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e res(sentimento)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CANDIDO, Antonio, **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____. *Os olhos, a barca e o espelho* in **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Poesia e ficção na autobiografia* in **A educação pela noite**, São Paulo: Ática, 2003.

_____. (et/al). **A crônica**. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP/Rio de Janeiro: Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. **Literatura e sociedade**. 8ª. ed., São Paulo: TA Queiroz, Publifolha, 2000

_____. *O direito à literatura* in **Vários escritos**. 3ª, ed. rev. e ampl., São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Irene. **Para uma crítica do presente**. São Paulo: Edusp, 34, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Cultura e democracia**. 10ª. Ed., São Paulo: Cortez, 2003.

CRUZ, Eliane Alves. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. **Olhos d água**. São Paulo: Olho dágua, 2014.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1973.

_____. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1977.

FERNANDEZ, Rafaella Andréa. **O processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. 2015. Tese de Doutorado apresentada no Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Kairós, 1983.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 2ª, ed. Texto integral. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1980.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1994)**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

JOSEF, Bella. *Autobiografia: os territórios da memória e da história* in J. Leenhardt e S. Pesavento (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1961.

_____. **Provérbios**. São Paulo: Edição da autora, 1965.

_____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Pedaços da fome**. São Paulo: Áquila, 1963.

_____. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

_____. **Onde estaes felicidade!** FERNANDEZ, R. e DINHA (ORGS). São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

KAFKA, Franz. **Diários de viagem**. 1911-1915. São Paulo: Atalaia Editorial, 1988. Tradução de Marcelo Rouanet.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MEIHI, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico**. 2. ed. São Paulo: Martins/Edusp, 1981, vol. 3.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Minha formação**. São Paulo: Editora 34, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PETIT, Michéle; Souza, Celina Olga de. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: 34, 2013.

PIGLIA, Ricardo. **O laboratório do escritor**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

_____. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. V, no. 10, 1992, P. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, no.3, 1989, P. 3-15.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REIS, Maria Firmino dos. **Úrsula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **A escrava**. Brasília: Edições Câmara cidadania, 2018.

RUYSSOS, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª. ed., São Paulo: Ática, 2005.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2003.

_____. (org.). *Literatura como uma arte da memória*. **Remate de males**. Revista do Instituto de Estudos da Linguagem do Departamento de Teoria e História Literária da UNICAMP, Janeiro a Junho de 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Flanklin Leopoldo e. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIILVA, Elaine da Conceição. **A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho __UNESP, 2016.

SOUSA, Germana Henrique Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: editora Horizonte, 2012.

VÁRIOS AUTORES. **Feminino e literatura**. Revista Tempo Brasileiro, 101, Abril/Junho de 1990.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____ **Diário**. Primeiro volume 1915-1926. Bertrand Editora, Lisboa, s/d.

